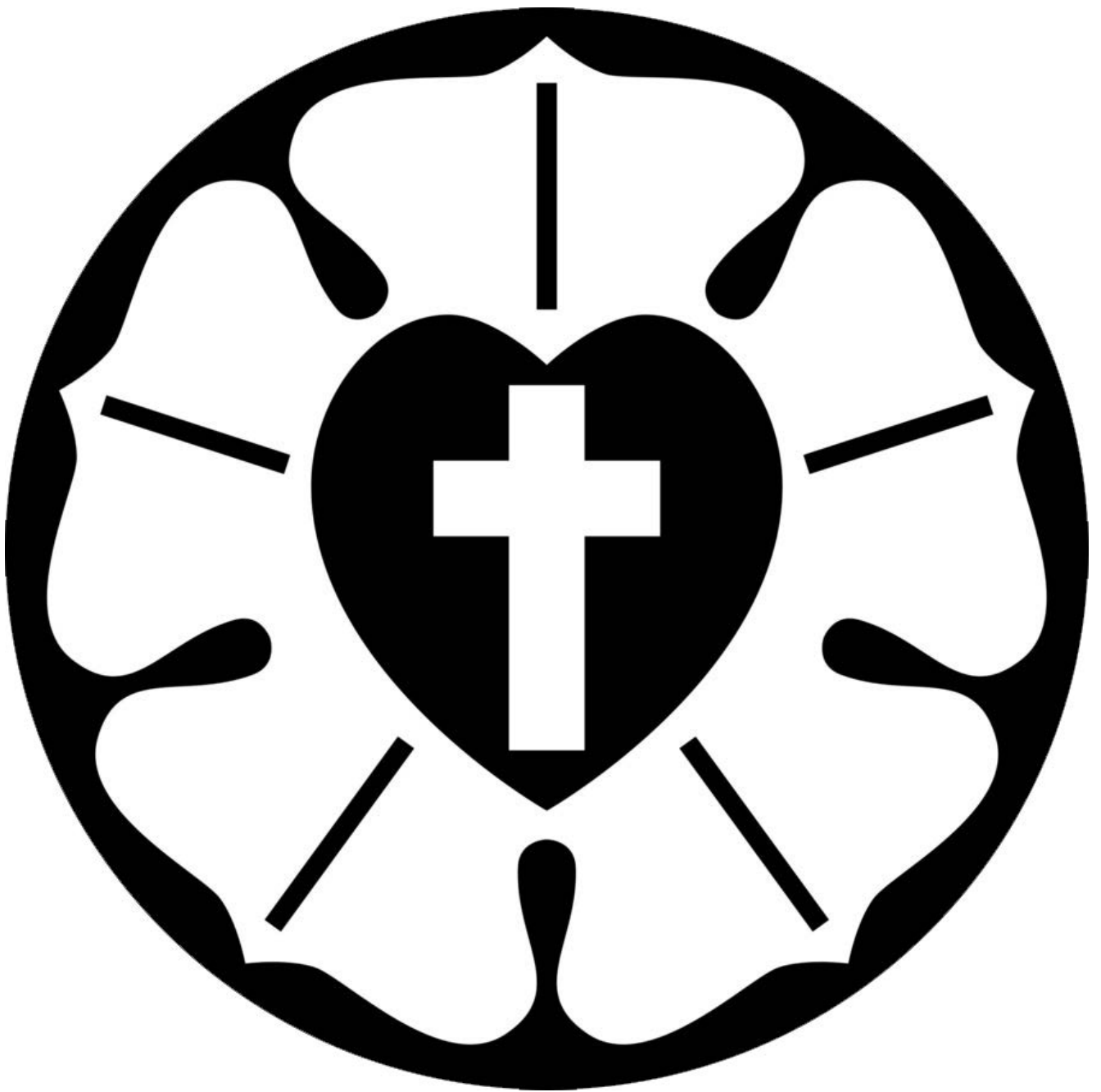


CATECISMO MAIOR DE MARTINHO LUTERO



2019

DIGITALIZADO EM PORTUGUÊS POR ORTHODOXIA LUTHERANAE

INTRODUÇÃO

Depois que as igrejas evangélicas haviam alcançado certa estabilidade externa, a necessidade era fortalecê-las internamente. Lutero já havia produzido um bom número de sermões e panfletos, desde 1516, para dar educação popular sobre os elementos básicos da doutrina cristã. Em 1525, confiou aos seus amigos Justo Jonas e João Agrícola a tarefa de compor um livro de instrução religiosa para crianças, ao qual se referiu como "catecismo". Quando este trabalho sofreu atraso, como aconteceu em uma tentativa com Melanchthon, em 1528, Lutero tomou a iniciativa novamente. Entregou a Melanchthon a composição das "Instruções aos Visitadores do Clero do Eleitorado da Saxônia" (1528), enquanto ele mesmo assumiu a tarefa de preparar o *Catecismo*.

O material básico para tanto consistia de três séries de sermões que Lutero pregou em maio, setembro, novembro e dezembro de 1528 e março de 1529. Antes que estes sermões terminassem, Lutero já estava escrevendo o *Catecismo Maior*. Partes dele foram enviadas à gráfica antes que o todo estivesse completo, o que ajuda a explicar as discrepâncias no texto dos Dez Mandamentos. Em abril de 1529, foi publicado o *Catecismo Alemão* impresso por Jorge Rhaw, em Wittenberg. (O título *Catecismo Maior* não é de Lutero). Mais tarde, no mesmo ano, Lutero publicou uma edição revista, incluindo uma "Exortação à Confissão", uma inserção longa na introdução do Pai-Nosso e várias notas marginais. Esta edição foi a primeira a ser ilustrada, sendo várias das gravuras de Lucas Chranach, o Velho. Outra edição foi publicada em 1530, acompanhada de um segundo e longo prefácio que foi composto provavelmente em Coburgo. A última edição revisada por Lutero foi editada em 1538. Uma tradução do *Catecismo Maior* para o latim foi publicada em 1529 e uma segunda edição em 1544, obra de um humanista, Vincent Obsopoeus, que se encarregou de fazer dele uma peça literária em grande estilo, adornando-o com citações clássicas e alusões à História Antiga. (De resto é, de modo geral, uma tradução servil do alemão de Lutero. Por isso não foi necessário reproduzir, aqui, as variantes latinas do texto alemão.)

PREFÁCIO DE MARTINHO LUTERO

Não é por razões somenos que inculcamos o Catecismo com tanto empenho e queremos e solicitamos que seja inculcado. Pois vemos que, infelizmente, grande número de pregadores e pastores são muito negligentes a esse respeito, e desprezam seu ofício e essa instrução. Uns por causa de sua grande e sublime erudição; outros, porém, em razão de mera preguiça e solicitude pela barriga. Sua atitude para com a coisa é como se fossem pastores ou pregadores por causa do estômago, e outra coisa não lhes cumprisse fazer enquanto vivessem senão a de consumir os bens, conforme estavam habituados a fazer sob o papado. E, ainda que tudo quanto devem ensinar e pregar, eles o têm diante de si agora, tão copioso e claro, e tão facilmente inteligível, em tantos livros úteis e que são os verdadeiros *Sermones per se loquentes*, *Dormi secure*, *Parati* e *Thesauri*, como lhes chamavam outrora, não são, contudo, suficientemente piedosos e honestos para comprar tais livros. Ou então, mesmo quando os têm, não os consideram nem leem. Ah! Que são deveras comilões despudorados e servidores do próprio ventre. Com mais justiça seriam porqueiros ou cachorreiros do que curas d'almas e pastores. E se agora que estão livres da inútil e trabalhosa parolagem das horas canônicas, em lugar delas fizessem ao menos este tanto: lessem, pela manhã, ao meio-dia e à noite, uma ou duas páginas do Catecismo, do Livrinho de Orações, do Novo Testamento ou de outra parte da Bíblia, e rezassem o Pai-Nosso por si mesmos e seus paroquianos: Dessa maneira demonstrariam por sua vez honra e gratidão ao evangelho, pelo qual foram livrados de multiformes cargas e apertos. E que se envergonhassem um pouco à vista do fato de, quais suínos e cães, reterem do evangelho nada além dessa liberdade indolente, perniciosa, infame, carnal. Pois o vulgo assim como assim já deprecia muito o evangelho, e nós não logramos alcançar nada de extraordinário, mesmo que apliquemos toda a diligência. Qual será, então, o resultado, se quisermos ser negligentes e preguiçosos, como fomos sob o papado? Acresce a isso o vício desgraçado e a peste insidiosa da segurança e da saciedade que a muitos levam à opinião de que o Catecismo é ensino simples e desimportante. Leem-no uma vez, logo sabem tudo, atiram o livro a um canto e como que se envergonham

de compulsá-lo de novo. Até entre a nobreza, com efeito, é possível a gente encontrar alguns grosseirões e unhas-de-fome que afirmam já não se precisar de pastores e pregadores, que se tem tudo em livros, podendo-se bem aprender por si mesmo. E assim também confiadamente deixam cair as paróquias em ruína e desolação, e permitem que os pastores e pregadores sofram miséria e fome a valer. E proceder assim aliás se casa bem com esses alemães doidos; porque os alemães temos um povo desgraçado assim e temos de aturar a coisa.

CATECISMO MAIOR

No que toca à minha pessoa, digo o seguinte: eu também sou doutor e pregador e, na verdade, tão erudito e experimentado quanto possam ser todos aqueles que tanta coisa de si presumem e têm aquela segurança. Não obstante, faço como uma criança a que se ensina o Catecismo: de manhã, e quando quer que tenha tempo, leio e profiro, palavra por palavra, o Pai-Nosso, os Dez Mandamentos, o Credo, alguns salmos, etc. Tenho de continuar diariamente a ler e estudar e, ainda assim, não me saio como quisera, e devo permanecer criança e aluno do Catecismo. Também me fico prazerosamente assim. E esses camaradas delicados e descontentadiços, com uma leiturinha querem de plano ser doutores acima de todos os doutores, já saber tudo e de nada mais precisar. Ora, isso também é sinal certo de que desprezam seu ofício e as almas do povo, e, a mais disso, a Deus e sua palavra. Não precisam cair primeiro; já caíram de modo horrendo demais. Têm necessidade, isto sim, de se tornarem crianças e comecem de aprender o a-bê-cê, coisa há muito tempo liquidada por eles, segundo pensam.

Por isso rogo a esses mandriões ou santos presunçosos que se deixem persuadir e se fiem por amor de Deus de que deveras não são tão eruditos e doutores tão excelsos quanto imaginam. Nunca mais pensem que espremeram essas partes ou que têm conhecimento suficiente de tudo, posto lhes pareça que o conhecem bem demais. Pois, ainda que o soubessem e conhecessem perfeitamente do começo ao fim - o que por certo é impossível nesta vida -, todavia existe multiforme proveito e fruto em ler e exercitá-lo todos os dias em pensamento e recitação. É que o Espírito Santo está presente com esse ler, recitar e meditar, e concede luz e devoção sempre nova e mais abundante, de tal forma, que a coisa de dia em dia melhora em sabor e é recebida com apreço cada

vez maior. É como promete Cristo em Mateus 18: "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles".

Além do que, é auxílio sobremodo poderoso contra o diabo, o mundo, a carne e todos os maus pensamentos ocupar-se com a Palavra de Deus, dela falar e sobre ela meditar. Razão por que o primeiro Salmo chama de bem-aventurados aqueles que "meditam de dia e de noite na lei de Deus". Por certo que não lograrás com nenhum incenso ou outra aromatização algo mais poderoso contra o diabo do que se te ocupares com os mandamentos e as palavras de Deus, sobre eles falares, cantares ou meditares. Isso, com certeza, é a água benta e o sinal da cruz verdadeiros, de que o diabo foge e por que se pode espantá-lo. Ora, sem dúvida, já apenas por isso deverias, prazerosamente, ler, recitar, meditar e tratar essas partes, mesmo que nenhum outro fruto e proveito tivesse daí senão o de, com isso, poderes afugentar o diabo e maus pensamentos. Porque a palavra de Deus não a pode ouvir nem suportar o diabo. E a palavra de Deus não se assemelha a conversa fiada, como, por exemplo, a sobre Dietrich von Bern. É, ao contrário, como diz São Paulo Rm 1, "poder de Deus". Efetivamente, poder de Deus, que inflige dores severas ao diabo, ao passo que a nós fortalece, conforta e ajuda sobremodo.

E por que haveria de multiplicar palavras? Onde buscaria papel e tempo suficientes para enumerar todo o proveito e fruto que a palavra de Deus produz? Chama-se ao diabo mestre de mil artes. Que nome daremos então à palavra de Deus, que espanta e aniquila esse mestre de mil artes com toda a sua arte e poder? Certamente deve ser mais do que mestre de cem mil artes. E nós desprezaríamos tal poder, proveito, força e fruto com tanta leviandade, especialmente os que queremos ser pastores e pregadores? Neste caso não só se nos deveria negar comida, senão ainda escorraçar-nos açulando os cachorros contra nós e correr-nos a esterco de cavalo. Porque não só precisamos diariamente de tudo aquilo como do pão de cada dia, mas também necessitamos tê-lo todos os dias para defesa contra os ataques e emboscadas diários e sem trégua do diabo com suas mil artes. E se isso não bastasse para admoestar-nos a que leiamos o Catecismo dia após dia, já o só mandamento de Deus deveria ser o bastante para obrigar-nos. Seriamente ordena ele, em Deuteronômio 6 que meditemos sem cessar sobre os seus mandamentos, assentados, andando, parados, ao nos deitarmos, ao nos levantarmos, e que os tenhamos diante dos olhos e nas mãos como marca e sinal constantes. Indubitavelmente, não é sem propósito que o

ordena e exige com tanta seriedade; antes, por conhecer nossa situação de perigo e aperto, e, somado a isso, os contínuos e furiosos assaltos e ataques dos demônios, quer acautelar, equipar e proteger-nos contra eles como com boa armadura contra seus dardos inflamados e bom antídoto para sua venenosa e maligna infecção e ministração! Oh! Que néscios tresloucados e insensatos somos nós! Temos de morar ou alojar-nos em meio a inimigos tão poderosos como o são os demônios, e não obstante queremos desprezar nossas armas e defesas e somos demasiadamente indolentes para inspecioná-las ou lembrar-nos delas.

E que fazem esses santos enfastiados e presunçosos que não podem ou não querem ler e aprender o Catecismo diariamente? Não menos do que considerar-se a si mesmos muito mais sábios que o próprio Deus e todos os seus santos anjos, profetas, apóstolos e todos os cristãos. Pois, já que o próprio Deus não se envergonha de ensiná-lo todos os dias, como quem não sabe ensinar coisa melhor, e sempre ensina a mesma coisa, nunca passando a matéria nova e diferente, e todos os santos não sabem aprender coisa melhor ou diferente e nunca o podem aprender com perfeição, não somos nós então o que há de mais fino," se imaginamos que sabemos tudo depois de o ler e ouvir uma vez, que já não precisamos continuar a ler e estudá-lo, e que podemos aprender cabalmente em uma hora o que o próprio Deus não pode cabalmente ensinar? Pois está a ensiná-lo desde o começo até ao fim do mundo, e todos os profetas, juntamente com todos os santos, andaram atarefados em aprendê-lo e sempre ficaram em discípulos, e têm de continuar a sê-lo.

Uma coisa é certa: quem entende os Dez Mandamentos bem e inteiramente deve entender a Escritura toda, de sorte que pode aconselhar, ajudar, confortar, julgar e decidir em todas as coisas e casos, tanto no plano espiritual quanto no temporal, e pode ser juiz sobre doutrinas, ordens, espíritos, direito e o que mais haja no mundo. E que é o Saltério todo senão simples meditações e exercícios do primeiro mandamento? Agora, eu sei com certeza que esses mandriões ou espíritos presunçosos não entendem um salmo sequer, que dirá então a Sagrada Escritura toda. E contudo pretendem que já conhecem o Catecismo e querem desprezar essa obra, que é um breve compêndio e sumário da Sagrada Escritura toda.

Razão por que peço mais uma vez a todos os cristãos, especialmente aos pastores e pregadores, que não queiram ser doutores muito cedo e não imaginem que sabem tudo. Presunção e tecido novo encolhem muito. Antes, exercitem-se bem nesses estudos diariamente e sempre os inculquem. Acautelem-se, além disso, com todo cuidado e diligência, contra o venenoso material contagiante daquela segurança ou presunção. Perseverem em ler, ensinar, aprender, meditar e refletir, e não desistam até fazerem a experiência e adquirirem a certeza de que mataram o diabo de tanto lecionar e se tornaram mais sábios que o próprio Deus e todos os seus santos. Se aplicarem tal diligência, prometo-lhes - e eles hão de percebê-lo - que alcançarão grande fruto e que Deus fará deles pessoas excelentes. Com o passar do tempo, eles mesmos bem hão de confessar que, quanto mais estudam o Catecismo, tanto menos dele conhecem e tanto mais têm de aprender. E só então, como a famintos e sedentos, lhes há de saber bem o que agora, por grande plenitude e saciedade, não podem cheirar. Que Deus conceda sua graça para isso. Amém.

PREFÁCIO

Empreendemos este sermão com a finalidade de que sirva de instrução a crianças e pessoas simples. Essa também a razão por que desde a antiguidade se lhe chama em grego *Catecismo*, isto é, instrução para crianças. Todo cristão necessariamente o deve conhecer. A quem o ignora não se poderia contar entre os cristãos, nem admiti-lo a qualquer sacramento. Da mesma forma como se exclui e considera imprestável o artesão que ignora os preceitos e a prática de sua profissão. Deve fazer-se, por isso, que os jovens aprendam bem e fluentemente as partes que pertencem ao Catecismo, ou instrução de crianças, e nelas se há de exercitar e ocupá-los diligentemente. Por isso é dever de todo pai de família arguir, pelo menos uma vez por semana, um por um, seus filhos e empregados domésticos, e tomar-lhes a lição, para verificar o que sabem a respeito ou estão aprendendo, e de instar seriamente com eles a que se empenhem no estudo, caso não conheçam a matéria. Bem me lembro do tempo em que a gente encontrava pessoas ignorantes e idosas - e isso ainda acontece todos os dias - que dessa matéria nada sabiam, ou ainda nada sabem, e mesmo assim vêm ao batismo e ao sacramento, e fazem uso de tudo o que os cristãos têm, quando os que vêm ao sacramento deveriam saber mais e compreender toda a doutrina cristã

mais plenamente que crianças e alunos novos. Todavia, com o povo comum nos restringimos às três partes, que desde antigamente se conservaram na cristandade, porém foram ensinadas e tratadas corretamente apenas reduzidas vezes. Ficamos nisso até que jovens e velhos, quantos queiram chamar-se e ser cristãos, estejam bem treinados nelas e com elas familiarizados. Essas partes são as seguintes:

PRIMEIRO OS DEZ MANDAMENTOS

1. Não terás outros deuses diante de mim.
2. Não tomarás em vão o nome de Deus.
3. Santificarás o dia do descanso.
4. Honrarás pai e mãe.
5. Não matarás.
6. Não adulterarás.
7. Não furtarás.
8. Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.
9. Não cobiçarás a casa do teu próximo.
10. Não cobiçarás sua mulher, nem seu empregado, nem sua empregada, nem seu gado, nem coisa alguma que lhe pertença.

SEGUNDO OS ARTIGOS PRINCIPAIS DE NOSSA FÉ

Creio em Deus, Pai todo-poderoso; criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido pelo Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu ao inferno; no terceiro dia ressuscitou dos mortos, subiu ao céu, e está sentado à direita de Deus, o Pai todo-poderoso, donde há de vir para julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo; uma santa igreja cristã; a comunhão dos santos, a remissão dos pecados, a ressurreição da carne e a vida eterna. Amém.

TERCEIRO

A ORAÇÃO, OU PAI-NOSSO, QUE CRISTO ENSINOU

Pai nosso que estás no céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino, faça-se a tua vontade; assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia nos dá hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal. Amém. São essas as partes mais necessárias. Aprender-se-á, primeiramente, a repeti-las palavra por palavra. Devemos acostumar as crianças a que as recitem diariamente, ao se levantarem de manhã, quando vão à mesa, e de noite, ao se deitarem, não se lhes devendo dar de comer e beber até que as tenham dito. Incumbe, outrossim, a todo pai de família proceder da mesma forma com os domésticos, criados e criadas: não deve conservá-los em sua casa, se ignorarem essas coisas ou não quiserem aprendê-las. Pois em caso nenhum se há de tolerar que uma pessoa seja tão rude e refratária, a ponto de não aprender isso, porque nessas três partes está abrangido, de maneira breve, facilmente inteligível e do modo mais simples, tudo o que temos na Escritura. Pois os amados pais ou apóstolos - quem quer que haja sido - sumariaram assim a doutrina, vida, sabedoria e conhecimento dos cristãos de que falam e tratam, e com que se ocupam. Entendidas essas três partes, é próprio também que se saiba dizer dos nossos sacramentos, que o próprio Cristo instituiu: o do batismo e o do santo corpo e sangue de Cristo. A saber, o texto que Mateus e Marcos escrevem no fim de seus evangelhos, de como Cristo se despediu de seus discípulos e os enviou.

DO BATISMO

"Ide e ensinai todas as nações, e batizai-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo:" "Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado"

É suficiente para o homem simples saber, das Escrituras, esse tanto concernente ao batismo. Da mesma forma quanto ao outro sacramento, em palavras breves e simples, a saber, o texto de São Paulo.

DO SACRAMENTO

"Nosso Senhor Jesus Cristo, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu, e o deu aos seus discípulos dizendo: Tomai, comei, isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. "Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é um novo testamento no meu sangue, que é derramado por vós, para a remissão dos pecados. Fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim'

Teríamos, assim, ao todo, cinco partes para a doutrina cristã inteira. É mister inculcá-las continuamente e exigi-las e fazê-las recitar, palavra por palavra. Não te fies na ideia de que basta o sermão para a juventude aprender e reter essa doutrina. Bem sabidas essas partes, também se podem propor em seguida, como suplemento e para confirmação, alguns salmos, ou alguns hinos, que foram compostos a esse propósito. Destarte se pode introduzir a juventude na Escritura e avançar diariamente.

Mas não é o bastante que o percebam apenas segundo o fraseado e saibam recitá-lo. Também se enviará a mocidade ao sermão, especialmente no tempo destinado ao Catecismo, para que o ouçam explicado e aprendam a entender o que se encerra em cada parte, de modo que saibam recitá-lo também conforme ouvido e deem resposta bem certa quando arguidos, a fim de não se pregar a matéria sem proveito e fruto.

Pois a razão por que diligenciamos em pregar o Catecismo muitas vezes é incuti-lo na juventude, não de maneira difícil de entender e de forma arguta, senão concisamente e com a máxima simplicidade, para que lhes penetre bem no ânimo e se fixe na memória. Por isso vamos tomar agora, uma após outra, as partes de que se fez menção, e delas falar, com toda clareza, o quanto for necessário.

PRIMEIRA PARTE: DOS MANDAMENTOS

Primeiro Mandamento NÃO TERÁS OUTROS DEUSES

Isto é: considerarás somente a mim como teu Deus. Que significa isso e como se deve entendê-lo? Que significa ter um Deus, ou, que é Deus? Resposta: Deus designa aquilo de que se deve esperar todo o bem e em que devemos refugiar-nos em toda abertura. Portanto, ter um Deus outra coisa não é senão confiar e crer nele de coração. Repetidas vezes já disse que apenas o confiar e crer de coração faz tanto Deus como ídolo. Se é verdadeira a fé e a confiança, verdadeiro também é o teu Deus. Inversamente, onde a confiança é falsa e errônea, aí também não está o Deus verdadeiro. Fé e Deus não se podem divorciar. Aquilo, pois, a que prendes o coração e te confias, isso, digo, é propriamente o teu Deus.

Por isso, o sentido desse mandamento é exigir fé genuína e confiança de coração, que vai certamente ao verdadeiro e único Deus e se apegá exclusivamente a ele. Isso quer dizer tanto como: toma cuidado no sentido de apenas eu ser o teu Deus e de forma nenhuma procures outro. Isto é: o que te falta em matéria de coisas boas, espera-o de mim e procura-o junto a mim, e se sofres desdita e angústia, arrasta-te para junto de mim e apegá-te comigo. EU, eu te quero dar o suficiente e livrar-te de todo aperto. Tão-só não prendas a nenhum outro o coração, nem o deixes em outro descansar.

Devo explicar isso algo mais claramente, a fim de que se entenda e perceba a coisa à luz de exemplos cotidianos-de comportamento oposto. Há muito quem pensa que tem Deus e o bastante de tudo quando possui dinheiro e bens. Tão inabalável e confiadamente deles se fia e jacta, que ninguém lhe vale coisa nenhuma. Eis que tal homem também tem um deus, Mamom de nome, isto é, dinheiro e bens, em que põe o coração todo. Esse aliás é o ídolo mais comum na terra. Quem possui dinheiro e bens sabe-se em segurança, e é alegre e destemido como se estivesse assentado no meio do paraíso. Por outro lado, quem nada possui, duvida e desespera, como se de nenhum Deus tivesse notícia. Pois a gente vai encontrar bem poucas pessoas que estejam de bom ânimo e não se lastimem nem se queixem quando não têm Mamom. Isto se gruda e adere à natureza até a sepultura. Assim também aquele que se vangloria de grande erudição inteligência, poder, apreço parentela e

honra, e nisso põe sua confiança: esse também tem um deus; não, porém, o Deus verdadeiro e único. Isso por sua vez o percebes quando se torna aparente quão presunçoso, seguro e orgulhoso se é em razão desses bens, e quão pusilânime quando inexistem ou deles se é privado. Repito, por isso, que a explicação correta desse ponto é: ter um Deus significa ter algo em que o coração confia inteiramente.

Considera, outrossim, o que praticamos e fizemos até agora na cegueira sob o papado. Se alguém estava com dor de dente, jejuava em honra de Santa Apolônia; se temia incêndio, fazia de São Lourenço seu padroeiro; se pestilência, fazia voto a São Sebastião ou São Roque, e número incontável de semelhantes abominações, cada qual escolhendo o seu santo, e adorando-o e invocando-lhe a ajuda em aperturas. Para cá também pertence a atividade excessivamente grosseira daqueles que fazem pacto com o diabo, a fim de que lhes dê dinheiro a rodo, ou lhes ajude em amores, lhes proteja o gado, lhes recupere bens perdidos, como fazem, por exemplo, os magos e os bruxos. Pois todos esses põem seu coração e confiança em outra coisa que não no Deus verdadeiro. Nada de bom esperam dele, nem junto a ele o procuram. Assim entenderás com facilidade o que e quanto esse mandamento requer, a saber, o coração todo do homem e a confiança inteira, exclusivamente para Deus e mais ninguém. Para ter Deus - fácil te será inferi-lo - não se pode pegar e contê-lo com os dedos, nem é possível metê-lo em bolsa ou encerrá-lo em cofre. Quando o coração o alcança e lhe adere, isto sim se chama apreendê-lo. Mas aderir-lhe com o coração outra coisa não é senão confiar inteiramente nele. Por isso quer desviar-nos de tudo o mais, fora dele, e atrair-nos para ele, visto ser o único e eterno bem. É como se dissesse: O que anteriormente procuraste junto aos santos ou confiaste receber de Mamon ou de qualquer outra coisa, espera-o tudo de mim e considera-me como aquele que te quer ajudar e derramar copiosamente sobre ti tudo o que é bom. Eis que aqui tens o que é a verdadeira honra e culto divino agradável a Deus e por ele ordenado sob pena de ira eterna, a saber, que o coração não conheça outro consolo e confiança senão a ele. E disso não se deixará arrebatado, mas sim há de sobre isso arriscar e pospor tudo quanto existe na terra. Fácil te será compreender e julgar, em contraste com isso, como o mundo pratica apenas falso culto a Deus e idolatria. Porque jamais um povo foi tão ímpio, que não instituísse e observasse algum culto divino. Cada um erigiu em deus especial aquele de quem fiava coisas boas, ajuda e consolo.

Assim, por exemplo. aqueles gentios que punham sua confiança em poder e domínio erigiram o seu Júpiter em deus supremo; os outros. que aspiravam a riqueza, felicidade, ou prazer e dias bons, a Hércules, Mercúrio, Vênus ou outros; as mulheres grávidas a Diana ou Lucina, e assim por diante.

Cada qual erigia em deus para si aquilo a que o atraía o coração. De sorte que realmente também na opinião de todos os pagãos ter um deus quer dizer confiar e crer. O erro, porém, está em que seu confiar é falso e errado, porquanto não se dirige ao único Deus, além do qual, na verdade, não há Deus, nem no céu, nem na terra. Por isso os gentios, efetivamente, transformam sua própria fantasia e sonho a respeito de Deus em ídolo e fiam no puro nada. É o que se dá com toda a idolatria. Pois ela não consiste apenas em erigir uma imagem e adorá-la, mas, principalmente, num coração que pasma a vista em outras coisas e busca auxílio e consolo junto às criaturas, santos ou diabos, e não faz caso de Deus, nem espera dele este tanto de bem: que ele queira ajudar. Também não crê que procede de Deus o que de bem lhe sucede. Existe, além disso, outro culto falso. Trata-se da maior idolatria que até agora praticamos, e ela ainda impera no mundo. Nela também se fundamentam todas as ordens religiosas. Diz respeito apenas à consciência, quando essa procura ajuda, consolo e salvação em suas próprias obras e presume de forçar a Deus a lhe abrir as portas do céu, e calcula quantas doações fez, o número de vezes que jejuou, rezou missa, etc. Nessas coisas põe sua confiança e delas se abona, como se nada quisesse receber gratuitamente de Deus, mas obtê-lo por esforço próprio ou merecê-lo de modo supererrogatório, exatamente como se Deus tivesse de estar a nosso serviço e ser nosso devedor, nós, porém, os seus senhores feudais. Que é isso senão fazer de Deus um ídolo, sim um deus-maçã e a si mesmo reputar-se Deus e em tal se erigir? Mas isso aí é um tanto erudito demais impróprio para alunos de pouca idade.

Todavia, a fim de notarem e reterem bem o sentido desse mandamento, diga-se aos simples este tanto: deve confiar-se exclusivamente em Deus e dele prometer-se e esperar apenas coisas boas. Pois é ele quem nos dá corpo, vida, comida, bebida, nutrição, saúde, proteção, paz e todo o necessário em bens temporais e eternos. Além do que nos preserva de infortúnios, e quando algo nos sobrevém, ele nos salva e liberta. De forma que só Deus - conforme bastante se disse - é aquele de

quem se recebe todo o bem e por quem se é livrado de todo infortúnio. A meu ver, essa também é a razão por que nós alemães, desde tempos antigos, designamos a Deus precisamente com esse nome - mais fina e apropriadamente que qualquer outra língua - da palavra "gut:" por ser ele fonte eterna que transborda de pura bondade, e do qual mana tudo o que é e se chama bom.

Pois, ainda que de resto muita coisa boa nos vem de homens, todavia é receber de Deus tudo quanto se recebe por seu mandado e ordem. Nossos pais e todas as autoridades, e a mais disso cada um relativamente ao seu próximo, têm ordem de nos fazerem toda sorte de bem. De maneira que não o recebemos deles, senão de Deus por intermédio deles. As criaturas são apenas a mão, o canal e o meio através de que Deus tudo concede, assim como dá seios e leite à mãe para dá-los à criança, e dá grãos e toda espécie de frutos da terra para alimentação. Criatura nenhuma pode produzir, por si mesma, um só-que seja desses bens. Homem algum se atreva, por isso, a tomar ou dar algo, a menos que Deus o haja ordenado, a fim de reconhecermos que são dádivas de Deus e por elas lhe darmos graças, conforme o exige esse mandamento. Razão por que também não se rejeitarão esses meios de receber bens através das criaturas, nem se procurarão, presunçosamente, maneiras e caminhos diversos dos que Deus ordenou. Isso não seria receber de Deus, senão procurar de si mesmo.

Atente, pois, cada qual em si mesmo, para que esse preceito seja magnificado e exaltado acima de todas as coisas e não seja levado de galhofa. Inquire e esquadrinha o teu próprio coração miudamente. Descobrirás então se se apegas ou não com Deus apenas. Se tens um coração que é capaz de esperar somente coisas boas de Deus, especialmente em aflições e penúria, e que, a mais disso, sabe renunciar e abandonar tudo o que não é Deus, então tens o único e verdadeiro Deus. Se, inversamente, o coração se apegas em outra coisa, de que se promete, a título de consolo, mais bem e socorro que de Deus, e se, ao desandar a roda, foge dele em vez de para ele refugir, então tens um outro deus, um ídolo.

A fim de que se advirta, por conseguinte, que Deus não quer ver isso tratado de resto; porém seriamente quer velar no seu cumprimento, juntou ao preceito primeiro uma terrível ameaça, em seguida uma bela

e confortadora promessa, que também se devem inculcar bem e nelas martelar junto à mocidade, para que as tome a peito e as lembre.

EXPLICAÇÃO DO APÊNDICE AO PRIMEIRO MANDAMENTO

"Porque eu sou o Senhor teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem, e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos"

Ainda que essas palavras, conforme veremos adiante, se referem a todos os mandamentos, foram juntadas, contudo, a esse mandamento, que encabeça os demais, porque é da máxima importância que o homem tenha cabeça certa. Pois onde a cabeça está no caminho acertado, a vida inteira deve estar no caminho certo, e vice-versa. Aprende, pois, dessas palavras o quanto Deus está irado contra os que confiam em qualquer coisa fora dele. E inversamente, quão bondoso e gracioso é para com aqueles que confiam e creem de todo coração nele somente. A ira não cessa até a quarta geração ou grau; o favor ou

bondade, por outro lado, estende-se a muitos milhares, não suceda que a gente vá andando em segurança e se entregue aos jogos da fortuna, como os corações agrestes, que pensam não ser a coisa lá de grande importância. Ele é um Deus que não deixa sem vingança o desviar-se alguém dele, e não cessa de estar irado até à quarta geração, até extirpá-los de todo. Por isso quer ser temido e não desprezado.

Isso também o demonstrou em todas as histórias e acontecimentos, conforme no-lo indica amplamente a Escritura, e como ainda o pode ensinar a experiência diária. Desde o princípio, inteiramente extirpou toda a idolatria, e,

por causa dela, tanto a gentios como a judeus. Da mesma forma também derriba em nossos dias todo culto falso, de tal sorte que quantos neles permanecerem terão de perecer afinal. Portanto, embora ao presente se encontrem panças soberbas, poderosas e ricas, que desafiadoramente blasonam de seu Mamom sem cuidarem de saber se Deus está fuzilando ou sorrindo; como gente que confia de si poder suportar-lhe a cólera, não o levarão a termo. Naufragarão, ao contrário, repentinamente, com

tudo aquilo em que confiaram. Como soçobraram todos os outros, que talvez se hajam julgado ainda mais seguros e poderosos.

Exatamente por causa de tais cabeças-de-pau, os quais imaginam que Deus, visto limitar-se ao papel de mero espectador e permitir continuem solidamente plantados, ignora tudo a respeito ou não se interessa no caso, precisamente por isso Deus tem de golpear e castigar de maneira tão dura, a ponto de não poder esquecê-lo até aos filhos dos seus filhos, a fim de todos estacarem e verem que a coisa não lhe é brincadeira. É a esses que ele tem em mente ao dizer: "os que me aborrecem": isto é, aqueles que persistem na sua insolência e soberba. O que se lhes prega ou diz, não o querem ouvir; quando são repreendidos, para que se conheçam a si mesmos e se emendem antes de principiar o castigo, ficam doidos e fora de si, para merecerem a ira justamente. É o que agora observamos todos os dias no caso de bispos e príncipes.

Mas por terríveis que sejam essas palavras de ameaça, muito mais poderoso é o consolo existente na promessa de que os que se apegam exclusivamente a Deus podem estar certos de que ele quer mostrar-se misericordioso para com eles, isto é, demonstrar puramente coisas boas e benefícios, não só neles, mas também nos seus filhos, até mil e outra vez mil gerações. Isso por certo nos deveria mover e impelir a esperar em Deus de coração, com toda a confiança, se desejamos receber todo o bem no tempo e na eternidade, porquanto a alta Majestade vem tanto assim ao nosso encontro, nos estimula tão cordialmente é nos faz promessas tão ricas.

Que o coração de cada qual se penetre, portanto, seriamente disso, não suceda a gente considerar isso como se houvera sido falado por homem. Pois que isso te rende ou eterna bênção, felicidade e salvação, ou eterna ira, desgraça e pesar. Que mais quererias ter ou desejar do que isso de ele tão afetuosamente prometer-te que será teu com tudo o que há de bom, e que te protegerá e ajudará em toda abertura? A falha está em que o mundo não acredita em nada disso, nem o considera como palavra de Deus. Porque o mundo vê que aqueles que confiam em Deus e não em Mamom passam por aflições e apertos, e o diabo se lhes opõe e os obstaculiza, de maneira que não têm dinheiro, nem favor, nem honra, e além disso mal se conservam em vida. Por outro lado, os que servem a Mamom têm poder, estima, honra, bens e toda segurança aos olhos do mundo. Razão por que é preciso se entenda que essas palavras se

dirigem precisamente contra aquela falsa aparência, e se saiba que não mentem nem enganam, senão que inelutavelmente se mostrarão verdadeiras.

Recua tu mesmo ao passado, ou indaga a respeito, e dize-me depois: que alcançaram, ao cabo de contas, aqueles que empatarem toda a sua solicitude e diligência em amontoar muito dinheiro e bens? Verás que sua fadiga e trabalho ficaram perdidos, ou, posto hajam acumulado grandes tesouros, esses, contudo, se pulverizaram e esvaneceram, por forma que eles mesmos nunca fruíram prazerosamente de seus bens, e depois deles os bens não chegaram até aos herdeiros de terceira geração. Disso encontrarás exemplos bastantes em todos os livros de história, também nas recordações de pessoas adiantadas em anos e experimentadas. Apenas trata de inspecioná-las e atenta nelas. Saul foi um grande rei, escolhido por Deus, e homem às direitas.

Quando, porém, esteve firmemente entronizado e permitiu que seu coração declinasse e se prendeu à sua coroa e poder, teve de perecer com tudo o que tinha, de tal sorte que também de seus filhos nenhum ficou.

Davi, por outro lado, era homem pobre, desprezado, posto em fuga e acossado, de modo que em parte nenhuma se sentia seguro quanto à sua vida. Estava decretado, contudo, que fosse preservado de Saul e se tornasse rei. Pois essas palavras tinham de ficar de pé e demonstrar-se verdadeiras, porquanto Deus não pode mentir nem enganar. Deixa simplesmente para o diabo e o mundo isso de te enganarem com sua aparência que deveras permanece por algum tempo, mas afinal termina em nada.

Consequentemente, aprendamos bem o primeiro mandamento, a fim de que vejamos isto: Deus não quer tolerar nenhuma presunção e nenhuma confiança em qualquer outra coisa e não exige de nós coisa maior do que uma confiança cordial que dele espera todo o bem, por forma que sigamos o nosso caminho reta e diretamente e usemos de todos os bens que Deus nos dá exatamente como o sapateiro faz uso de agulha, sovela e fio para o trabalho, pondo-os de lado em seguida, ou como o hóspede se vale de hospedaria, alimentação e cama apenas para necessidade temporária. Assim proceda cada qual em seu estado, segundo a ordem de Deus, e não permita lhe seja alguma dessas coisas senhor ou ídolo.

Baste isso quanto ao primeiro mandamento. Foi necessário explicá-lo minudenciosamente por se tratar do mais importante. Pois, conforme anteriormente ficou dito onde o coração está bem-avindo com Deus e onde se guarda esse mandamento, aí o cumprimento dos demais se segue por si.

Segundo Mandamento **NÃO TOMARÁS EM VÃO O NOME DE DEUS**

Assim como o primeiro mandamento instruiu o coração e ensinou a fé, assim este mandamento nos conduz para fora e põe a boca e a língua na relação correta para com Deus. Porque a -primeira coisa que brota do coração e se manifesta são as palavras. Como acima ensinei de que maneira se responde à pergunta sobre o que significa ter Deus, assim também te cumpre aprender a inteligir singelamente o sentido deste e dos demais mandamentos e aplicá-lo a ti. Quando, pois, se pergunta: "Como entendes o segundo mandamento?" ou: "Que significa tomar o nome de Deus em vão, ou mal-usá-lo?"; responde, com toda a concisão, assim: "Abusar do nome de Deus quer dizer pronunciar o nome do Senhor Deus, seja qual for a maneira, para fins de mentira ou vício de qualquer espécie!" O que se ordena aqui, portanto, é não invocar o nome de Deus falsamente, ou proferi-lo em casos nos quais o coração bem sabe, ou deveria saber, que a verdade é outra, como sucede entre os que prestam juramento em juízo e uma parte em seguida mente contra a outra. Pois não existe abuso mais grave do nome de Deus que o de valer-se dele para mentir e ludibriar. Recebe isso como explicação clara e o mais simples sentido desse mandamento.

Partindo daí, pode cada um calcular facilmente quando e de quão variadas maneiras se mal-usa o nome de Deus, ainda que não há enumerar todos os abusos. Digamos, porém, para discuti-lo sucintamente, que todo abuso do nome divino ocorre em primeira linha em negócios e coisas seculares referentes a dinheiro, bens e honra, quer publicamente, no tribunal, no mercado, ou alhures, onde se jura e perjura no nome de Deus ou pela alma. E isso é especialmente assaz comum em matéria de casamento, quando duas pessoas contratam casamento secretamente e depois o desmentem sob juramento. Mas esse abuso alcança sua frequência máxima em coisas espirituais, que dizem respeito à consciência: quando se levantam falsos pregadores e

impingem sua frioleira mentirosa por palavra de Deus. Ora, tudo isso é ataviar-se com o nome de Deus e querer embelezar-se e ter razão, quer suceda em rasteiras questões do século, quer em alta e sutil matéria de fé e doutrina. E no número dos mentirosos também se devem contar os blasfemadores; não apenas os totalmente grosseiros, bem conhecidos de todos e que sem reverência profanam o nome de Deus (o lugar deles não é nossa escola, mas a do carrasco), senão também os que publicamente ultrajam a verdade e a palavra de Deus e a encomendam ao-diabo. Não é preciso que nos alarguemos mais nisso agora.

Aprendamos, pois, aqui, e penetre-nos o coração quanta importância esse mandamento tem, a fim de com a máxima diligência nos acautelarmos e temermos de toda e qualquer sorte de abuso do santo nome como do maior pecado que se pode exteriormente cometer. Mentir e enganar já em si é grande pecado; torna-se, porém, muito mais grave quando tentamos justificá-lo e nos socorremos, para confirmação, do nome de Deus e tomamos a esse por manto. Assim, uma mentira se faz em dupla mentira, e, com efeito, em mentira múltipla.

Por isso Deus acrescentou a esse mandamento uma séria ameaça, que diz o seguinte: "Porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão!" Isto é, a ninguém se há de relevá-lo, nem passará impunemente. Assim como não deixará sem vingança o desviar-se dele o coração, da mesma forma não há de tolerar que se lance mão do seu nome para enfeitar mentiras. Acontece que infelizmente é calamidade generalizada no mundo inteiro ser o número dos que não fazem uso do nome de Deus para mentiras e toda espécie de impiedades tão pequeno quanto é diminuto o número dos que de coração confiam em Deus somente.

Por natureza todos temos a bela virtude graças à qual, perpetrado um mau feito, bem quiséramos encobrir e disfarçar nossa vergonha, para que ninguém veja a desgraça ou dela tome conhecimento. Ninguém é tão impudente que chegue a fazer gala diante de todo o mundo da maldade praticada. Todos preferimos fazê-lo em segredo a ver que se deu pela coisa. E se alguém é chamado às contas, é Deus quem tem de pagar com seu nome e transfigurar a velhacaria em piedade e a infâmia em honra. Esse é o curso comum do mundo. À semelhança de grande dilúvio, alagou todos os países. Razão por que recebemos em paga

aquilo que procuramos e merecemos: peste, guerra, carestia, incêndios, inundações, mulheres, filhos e empregados ruins, e toda sorte de males. De onde, se não daí, viria tanta miséria? Ainda é graça enorme o fato de a terra nos carregar e alimentar.

Acima de tudo se deve, por conseguinte, instar e acostumar seriamente os jovens a que tenham esse e os outros mandamentos diante de si em alta reverência. E quando transgridem, cumpre estejamos atrás deles imediatamente com a vara, e lhes ponhamos o mandamento ante os olhos, e o inculquemos sem cessar, para educá-los, assim, não apenas com castigos, mas na reverência e no temor de Deus.

Entendes agora o que significa abusar do nome de Deus, a saber – para repeti-lo bem concisamente -, ou simplesmente para aguentar mentiras e afirmar em seu nome algo que não confere, ou a fim de amaldiçoar, jurar, praticar a feitiçaria, em suma: cometer o mal, da maneira como nos for possível.

Além disso, é necessário que saibas como se faz uso acertado do nome de Deus. Pois com a palavra em que diz: " Não tomarás em vão o nome de Deus": dá a entender que se deve usá-lo corretamente, pois que nos foi revelado e dado exatamente para constante uso e proveito. Segue-se, logo, por si mesmo: visto que aqui se proíbe fazer uso do santo nome em apoio de mentira ou impiedade, ordena-se por outro lado usá-lo para a verdade e todo o bem. Assim, por exemplo, quando se jura acertadamente onde for preciso e exigido. Da mesma forma quando se ensina corretamente. Ainda, quando se invoca o nome em aperturas, se lhe rende louvor e graças em tempos dourados, etc. Tudo sumariado e preceituado na passagem SI 50: "Invoca-me no dia da angústia: eu te livrarei, e tu me glorificarás." Tudo isso é invocá-lo a serviço da verdade e usá-lo abençoadamente. E destarte seu nome é santificado, como reza o Pai Nosso.

Tens, assim, explicada, a suma de todo esse mandamento. E partindo dessa maneira de entendê-lo, facilmente se resolve a questão com que se torturaram muitos doutores: por que no evangelho se proíbe jurar, não obstante Cristo, São Paulo e outros santos haverem jurado frequentes vezes. O sentido, em poucas palavras, é o seguinte: não se deve jurar em apoio do mal, isto é, para sustentar mentira, e onde não for necessário nem útil. Para o bem, todavia, e em benefício do próximo, deve jurar-se. É obra justa, boa, com que Deus é louvado, a

verdade e a justiça confirmadas, a mentira refutada, pessoas reconciliadas, obediência rendida e litígios compostos. Pois aqui o próprio Deus intervém e separa a justiça da injustiça, o mau do bom. Se uma das partes jurar falso, está sentenciada: não escapará do castigo. E ainda que demore, nada lhes há de suceder bem. Tudo quanto lucrarem com o perjúrio, derreter-se-lhes-á por entre as mãos, e jamais virá a ser alegremente fruído. É o que tenho visto no caso de muitos que desmentiram sob juramento sua promessa matrimonial: depois disso não conheceram uma hora feliz ou um dia de saúde, e assim pereceram miseravelmente, de corpo e alma, juntamente com os seus bens.

Razão por que volto a dizer e admoestar que, mediante advertência e dissuasão; refreamento e castigo, se trate de habituar as crianças, em tempo, a que se temam da mentira, e particularmente da invocação do nome de Deus para aboná-la. Pois quando se permite que sigam rolando por aí a seu grado, nada de bom resulta, como hoje está diante dos nossos olhos: o mundo anda pior que nunca, e não há autoridade, nem obediência, nem fidelidade, nem fé, senão apenas gente atrevida e rebelde em que nenhum ensino e repreensão produzem resultado? Tudo isso é ira e castigo de Deus em razão desse propositado desprezo do mandamento. Em segundo lugar se há de impelir e animar as crianças a que, por outro lado, honrem o nome de Deus e sempre o tragam nos lábios em tudo quanto lhes possa acontecer e cair sob a vista. Pois a honra verdadeira ao nome de Deus consiste em esperar dele todo consolo e implorar-lho, por modo tal, que, conforme acima ouvimos, primeiro o coração dê a Deus, pela fé, a honra que lhe é devida, depois a boca faça a mesma coisa mediante confissão.

Isso também é hábito salutar e proveitoso, e mui eficaz contra o diabo, que sempre anda em torno de nós, emboscando-se para induzir-nos em pecado e vergonha, calamidade e aflição. Muito, porém, lhe desagrade ouvir o nome de Deus proferido e invocado de coração, e não consegue demorar-se quando o fazemos. É muita desgraça terrível e horripilante nos sobreviria se Deus não nos preservasse em virtude da invocação do seu nome. Eu mesmo o tenho posto a prova e bem experimentei como em tal invocação muitas vezes uma repentina e grande desgraça imediatamente se desviou e se sumiu. Para vexação do diabo; digo, deveríamos trazer o santo nome constantemente nos lábios, a fim de que o diabo não possa causar dano, como bem quisera.

Também é de valia para isso adquirir o hábito de encomendar-se diariamente a Deus, alma e corpo, mulher, filhos, empregados, e tudo o que temos, contra toda necessidade que possa ocorrer. Daí também haverem surgido e perdurarem o *Benedicite*, o *Graças* e outras preces de bênção matutinais e noturnas. Igualmente daí o costume de as crianças se benzerem quando veem ou ouvem algo de assombroso e terrível e dizerem: "Valha-me Deus": "Socorro, meu bom Jesus": e tais. Da mesma forma em caso contrário, quando inesperadamente nos acontece alguma coisa boa, por insignificante que seja, e a gente diz: "Graças a Deus, isso me vem de Deus": etc. Assim como antigamente as crianças foram habituadas a honrar com jejum e rezar a São Nicolau e a outros santos. Isto seria mais aceitável e grato a Deus que qualquer vida monástica e santidade cartusiana.

Eis que assim poderíamos educar os jovens, de maneira infantil e à brincar, em temor e honra de Deus, por forma tal, que o primeiro e o segundo mandamentos estivessem em pleno funcionamento e constante exercício. Então, sim, algo de bom poderia deitar raízes, brotar e frutificar, de arte tal, que se desenvolvesse uma gente que pudesse constituir-se em proveito e alegria de todo um país. Seria essa também a maneira acertada de bem educar as crianças, desde que se possa acostumá-las mediante bondade e divertimento. Pois quando se tem de forçar algo exclusivamente com varas e às bordoadas, coisa boa não resulta. E na melhor das hipóteses continuam direitos apenas enquanto o pau ameaça cantar-lhes no lombo. O outro método, porém, arraiga as coisas no coração, de forma que mais se teme a Deus do que a varas e ripas. Digo tudo isso de maneira tão singela em benefício da juventude, para que lhes penetre a alma. Pois quando pregamos a crianças, também devemos falar com elas. Assim evitamos o abuso do nome divino e ensinamos o uso correto – que não consistirá somente em palavras, senão também no fazer e viver -, a fim de saber-se que isso muito agrada a Deus, e que ele quer galardoá-lo tão ricamente, quão terrivelmente quer punir aquele abuso.

Terceiro Mandamento **SANTIFICARÁS O DIA DO DESCANSO**

Chamamos esse dia de *Feiertag* pela palavra hebraica *sabbath*, que, propriamente, significa *feiren*, isto é, cessar de trabalhar. Daí

costumarmos dizer *Feierabend machen* ou *heiligen Abend geben*. Acontece que no Antigo Testamento Deus separou o sétimo dia, instituindo-o por dia de repouso e ordenando fosse santificado acima dos demais. E no respeitante a essa observância exterior o mandamento foi dado apenas para os judeus. Cumpria-lhes interromper trabalhos rudes e descansar, a fim de que homens e animais pudessem refazer-se e não se debilitassem com labores ininterruptos. Verdade que posteriormente lhe deram uma interpretação demasiadamente estreita e abusaram do preceito grosseiramente, a ponto de que maldisseram e não puderam tolerar em Cristo obras que eles mesmos praticavam em dia de sábado, conforme se lê no evangelho. Como se o mandamento estivesse cumprido com isso de nos abstermos de toda obra externa. Ora, tal não foi o escopo do preceito. Mirava, em derradeira análise, isto sim, a que santificassem o dia santo ou de descanso, conforme ouviremos.

Em vista disso, este mandamento, entendido grosso modo, em seu sentido de superfície, não concerne a nós cristãos. Pois que é coisa inteiramente externa, ligada, como outras ordenanças do Antigo Testamento, a costumes, pessoas, tempos e lugares especiais. De todas nos desobrigou agora o Cristo. Mas a fim de sacar para as pessoas singelas uma compreensão cristã do que Deus de nós exige neste mandamento, nota o seguinte: guardamos dias santos não por causa de cristãos inteligentes e instruídos, que esses o desnecessitam. Fazemo-lo, porém, primeiramente, também por motivos e precisões de ordem corporal. A natureza ensina e requer para as massas ordinárias, para a criadagem que ao longo da semana toda cuidou de seus afazeres e negócios, que se retirem também por um dia, para descanso e restauração. Em segundo lugar, e acima de tudo, o fazemos para que em tal dia de descanso - já que de outro modo não se consegue a coisa - se tome lugar e tempo a fim de participar do culto divino, isto é, reunam-se as pessoas com o objetivo de ouvir e tratar a palavra de Deus, e depois louvar a Deus, cantar e rezar.

Isso, porém, digo, não está preso a um tempo, como entre os judeus, de modo que tivesse de ser exatamente esse ou aquele dia, pois em si um não é melhor que outro. Mas deveria acontecer, na verdade, todos os dias. Todavia, como isso é mais do que pode o grosso da gente, é preciso reservar para essa finalidade pelo menos um dia da semana. Porquanto desde a antiguidade se estabeleceu o domingo para esse

propósito, cumpre que fiquemos com ele, para que haja ordem unânime e ninguém gere desordem através de inovação dispensável. Esse, portanto, o sentido singelo do mandamento: já que assim como assim se observam feriados, utilizemos a observância para aprender a palavra de Deus. Seja, por conseguinte, o ministério da palavra a função própria desse dia, por causa da juventude e das pobres massas. Não se conceba, entretanto, a observância de maneira tão acanhada, que em virtude dela se haja por interdito algum outro trabalho incidente que não se possa contornar.

Por isso, quando se pergunta o que significam as palavras "Santificarás o dia do descanso": responde: "Santificar o dia do descanso quer dizer tanto como conservá-lo santo!" E qual é o sentido de "conservar santo"? Outro não é senão falar, agir e viver de maneira santa. O dia em si não precisa de santificação, pois que já foi criado santo. Mas Deus quer que ele seja santo para a tua pessoa. De sorte que se torna santo ou profano por causa de ti, dependendo das atividades a que nele te entregares: se santas, ou se profanas. Mas como se dá este santificar? Não à maneira de quem se abancasse atrás do fogão e se abstinisse de trabalho material ou guirlandasse a cabeça e trajasse a melhor vestimenta. Santificar, como ficou dito, é isto sim, tratar a palavra de Deus e nela exercitar-se.

E, na verdade, os cristãos devemos observar tal dia santo continuamente, aplicar-nos apenas a coisas santas, isto é, diariamente ocupar-nos com a palavra de Deus e trazê-la no coração e nos lábios. Todavia, já que nem todos, conforme dito, dispõem de tempo e lazer para tanto, cumpre dediquemos algumas horas, semanalmente, à mocidade, ou pelo menos um dia ao povo todo, utilizando esse tempo exclusivamente no trato da palavra de Deus, incutindo precisamente os Dez Mandamentos, o Credo e o Pai Nosso, e regulando, assim, toda a nossa vida e atividade pela palavra de Deus. No tempo em que isso estiver em pleno funcionamento e exercitação, estará sendo celebrado um dia santo autêntico. Em caso contrário, não se lhe chamará dia santo cristão. Pois feriar e andar ociosos, na verdade também o podem os pseudocristãos como também o enxame todo dos nossos clérigos diariamente está na igreja, cantando e badalando, sem, contudo, santificarem um dia santo, pois não pregam nem praticam a palavra de Deus, porém doutrinam e vivem diretamente contra ela.

A palavra de Deus é a relíquia das relíquias, a única, na verdade, que nós cristãos reconhecemos e temos. Posto que tivéssemos, empilhados em um só montão, os restos dos corpos ou as vestes santas e consagradas de todos os santos, de nada nos valeriam, porque tudo isso é coisa morta, incapaz de santificar a quem quer que seja. A palavra de Deus, porém, é o tesouro que a tudo santifica. Eles mesmos, todos os santos, por ela foram santificados. Toda hora em que se trata, prega, ouve, lê ou medita a palavra de Deus, dá-se através disso a santificação da pessoa, do dia e da obra, não em virtude da ação externa, mas por causa da palavra, que a todos nos torna em santos. Razão por que digo sempre que todo o nosso viver e agir, para chamar-se agradável a Deus, ou santo, deve nortear-se pela palavra de Deus. Quando esse é o caso, o mandamento está em vigor e vai sendo cumprido. Inversamente, todo viver e agir alienado da palavra de Deus é insanto aos olhos de Deus, por mais que brilhe e resplandeça, e ainda que seja exornado puramente de relíquias. São desse gênero, por exemplo, as fabricadas ordens espirituais~ que não conhecem a palavra de Deus e buscam santidade nas próprias obras.

Nota, por conseguinte: a força e o poder desse mandamento não consiste no feriar, porém no santificar. De feição que a esse dia cabe uma especial atividade santa. Outros trabalhos e negócios não se chamam propriamente exercícios santos se de antemão não for santo o homem. Aqui, porém, deve ocorrer obra tal, que por ela o próprio homem seja santificado. E isso, conforme ouvido, sucede apenas mediante a palavra de Deus. É com esse propósito que se instituíram e determinaram lugares, tempos, pessoas e toda a ordem externa do culto, para que também esteja publicamente em operação.

Visto, pois, que a importância da palavra de Deus é tão grande, que sem ela nenhum dia de descanso é santificado, saibamos que Deus insiste em cumprimento rigoroso desse preceito, e há de castigar a quantos lhe desprezem a palavra e não a queiram ouvir nem aprender, especialmente se tal acontecer no tempo designado. Pecam, por isso, contra esse preceito não apenas os que mal-usam e dessagram o dia do descanso grosseiramente, como, por exemplo, os que em razão de sua ganância ou leviandade descaram de ouvir a palavra de Deus ou vivem nas bodegas, embriagados e encharcados que nem porcos. Transgride-o também aquela outra multidão que ouve a palavra de Deus como se escuta uma nonada qualquer. Vão ao sermão apenas por força do hábito,

voltam a casa, e quando acaba o ano não sabem mais do que no ano precedente. Até agora se era de opinião que o dia estava apropriadamente santificado desde que no domingo se tivesse ouvido missa ou a leitura do evangelho? Mas ninguém perguntava pela palavra de Deus, como também ninguém a ensinava. Nem agora que temos a palavra de Deus acabamos com o abuso. Deixamos que nos preguem e admoestem, porém escutam sem seriedade e descuidadamente. Sabe, portanto, que não se trata apenas de ouvir, mas é necessário, outrossim, aprender e reter. E não penses que é assunto afeto ao teu arbítrio ou que não é de grande importância. É mandamento de Deus, que te pedirá contas de como ouviste, aprendeste e honraste sua palavra.

Cumpra censurar da mesma forma os espíritos convencidos que, ouvido um sermão ou dois, estão fartos e entediados, como se conhecessem a coisa bem e já não necessitassem de mestre. Trata-se precisamente daquele pecado que até agora se computou entre os pecados mortais e se chama *acédia*, isto é, inércia ou fastio, peste maligna, perniciosa, com que o diabo enfeitiça e ludibria o coração de muitos, a fim de apanhar-nos de improviso e subtrair-nos de novo, por baixo da mão, a palavra de Deus.

Toma boa nota do que te vou dizer: posto conhecesses a palavra perfeitamente e fosses mestre em tudo, ainda assim estás diariamente sob o império do diabo que nem de dia nem de noite cessa de acercar-se de ti à solapa, levando em mira acender-te no coração descrença e maus pensamentos contra os preceitos já discutidos e os demais. Razão por que é necessário tenhas a palavra de Deus continuamente no coração, nos lábios e nos ouvidos. Mas quando o coração anda ocioso e a palavra não soa, o diabo penetra e realiza o estrago antes que disso nos demos fé. Por outro lado, quando se medita, ouve e trata a palavra seriamente, ela tem o poder de nunca ficar sem fruto. Sempre desperta novo entendimento, prazer e devoção, e cria coração e pensamentos puros.

Pois não são palavras inoperantes ou mortas, senão eficazes, vivas. E ainda que nenhum outro interesse ou necessidade nos impelisse ao trato da palavra, devera, contudo, estimular a todos o fato de que por intermédio disso se espanta e põe em fuga o diabo, e se cumpre, ademais, o mandamento, e Deus se agrada mais desse trato que de qualquer cintilante obra de hipocrisia.

Quarto Mandamento

HONRARÁS A TEU PAI E A TUA MÃE

Deus distinguiu o estado paterno e materno de modo especial, acima de todos os estados que estão abaixo de Deus. Não ordena simplesmente que amemos os pais; manda honrá-los. Com respeito aos irmãos, às irmãs e ao próximo em geral, não preceitua coisa mais elevada que amá-los. Dessa maneira separa e destaca pai e mãe acima de todas as outras pessoas na terra e os põe ao lado dele.

Pois honrar muito mais elevada coisa é que amar. Não abrange apenas o amor, senão modéstia, humildade e reverência como para com uma majestade aí oculta. E honrar não requer apenas que nos enderecemos aos pais de modo amável e respeitoso, porém, acima de tudo, que de coração e corpo nos disponhamos de maneira tal, que os tenhamos em alta conta e os coloquemos no lugar mais elevado depois de Deus. Pois que para honrar alguém de coração é preciso que deveras o tenhamos por elevado e grande. Cumpre, por isso, incutir à gente moça que vejam nos pais representantes de Deus e advirtam que, ainda quando modestos, pobres, alquebrados e excêntricos, não obstante são pai e mãe, dados por Deus. Não ficam privados dessa honra por causa de sua conduta ou em razão de fragilidades. Por isso não devemos olhar a pessoa, como é, mas a vontade de Deus, que assim estabelece e ordena. É verdade que a outros respeito somos todos iguais aos olhos de Deus, mas entre nós é necessário que haja essa desigualdade e diferença ordenada. Razão por que Deus manda seja observada, para que me obedeças como ao teu pai e eu tenha a autoridade.

Aprende, portanto, primeiramente, o que significa honrar os pais, conforme exigido nesse mandamento. Quer dizer que os veneremos e tenhamos em apreço acima de todas as coisas, como o maior tesouro na terra. Mais, que sejamos respeitosos para com eles em nossas palavras, não os acometamos grosseiramente, não levantemos a grimpá, nem ralhemos. Cabe-nos, ao contrário, deixar que tenham razão e silenciar, ainda que estiquem muito a corda! Compete-nos em terceiro lugar honrá-los também por meio de atos, isto é, com nosso corpo e bens, servindo-os, ajudando-lhes e cuidando deles quando idosos, enfermos, alquebrados ou pobres. E tudo isso se há de fazer não apenas

prazerosamente, senão com humildade e reverência, como na presença de Deus! Pois quem sabe de que maneira deve considera-los no coração, não permitirá que sofram penúria ou fome, porém os colocará acima de si mesmo e a seu lado, partilhando com eles quanto possuir e estiver ao seu alcance.

Em segundo lugar, vê e nota quão grande, boa e santa obra aqui se propõe às crianças. Lamentavelmente, é de todo desprezada e desleixada, e ninguém se adverte do fato de que Deus o ordenou, ou de que se trata de uma santa e divina palavra e ensinamento. Houvesse sido considerada como sendo tal, e cada um teria podido inferir daí que necessariamente haveriam de ser santas as pessoas que vivessem de acordo com essas palavras. E assim não teria havido necessidade de instaurar vida monástica ou ordens espirituais. Toda criança teria permanecido neste mandamento e haveria podido orientar sua consciência para Deus e dizer: Se devo praticar obras boas e santas, não conheço nenhuma melhor do que prestar aos meus pais toda honra e obediência, porquanto o próprio Deus o ordenou. O que Deus ordena deve ser muito mais nobre que tudo quanto nós mesmos possamos excogitar. E como não há mestre maior e melhor do que Deus, por certo não haverá também doutrina melhor que a proveniente dele. Ora, ele ensina copiosamente o que nos cumpre fazer se queremos realizar obras verdadeiramente boas. E com ordená-las dá testemunho de que lhe agradam. Se, portanto, é Deus quem ordena isso e não sabe o que de melhor estabeleça, não serei eu quem vá fazê-lo melhor. Eis que dessa maneira uma criança boa teria sido apropriadamente instruída, abençoadamente educada e mantida no lar em obediência aos pais e servindo-os. Coisas boas e venturosas ter-se-iam experimentado com isso. Mas a gente não se sentia obrigada a cobrir de tanta glória o preceito de Deus. Ao contrário: deixou-se de fado o mandamento ou se passou às carreiras sobre ele, de forma tal, que uma criança não podia refletir sobre ele. Ao invés disso, quedaram-se de boca aberta diante do que nós criamos sem jamais havermos buscado o pensamento de Deus a respeito. Aprendamos, por isso, finalmente, por amor de Deus, que os jovens, olhar desviado das demais coisas, em primeira linha atentem este mandamento, se quiserem servir a Deus com obras verdadeiramente boas, isto é, façam o que é agradável a pai e mãe, ou àqueles a quem, em lugar dos pais, estejam sujeitos.

Pois toda criança que sabe e faz isso, tem no coração, em primeiro lugar, o grande consolo de poder dizer e gloriar-se alegremente, em desafio e oposição a quantos se ocupem com obras de própria escolha: "Eis que bem agrada ao meu Deus no céu esta obra. Disso tenho certeza. Deixá-los avançar e jactar-se, todos juntadamente, com suas muitas, grandes, amargas e difíceis obras: veremos se podem apresentar qualquer obra que seja maior e mais nobre do que a obediência a pai e mãe, obediência a que, por ordem de Deus, ficou assinado o lugar imediato à obediência a sua própria majestade, de feição que, se à palavra e a vontade de Deus têm seu curso e são observadas, nenhuma outra coisa deve valer mais do que a vontade e a palavra dos pais, todavia assim, que essa obediência aos pais fique subordinada à obediência a Deus e não vá de encontro aos mandamentos precedentes.

Por isso deves alegrar-te cordialmente e agradecer a Deus por te haveres escolhido para lhe fazeres obra tão preciosa e agradável, e porque dela te tornou digno. E ainda que seja considerada a mais humilde e desprezada, de forma nenhuma deixes de reputá-la grande e preciosa, não em razão de nossa dignidade, mas porque está compreendida e se move na joia e relíquia! isto é, na palavra e mandamento de Deus. Que preço não pagariam todos os cartuxos, monges e monjas, se em toda a sua atividade espiritual pudessem levar a Deus uma única obra praticada com fundamento em preceito divino e de coração alegre pudessem dizer, em sua presença: "Agora sei que esta obra te é agradável!" Onde ficará essa pobre e estimável gente quando, diante de Deus e do mundo inteiro, estiverem, enrubescidos de toda a vergonha, em presença de uma criancinha que haja vivido em harmonia com este mandamento, e tiverem de confessar que com toda a sua vida não foram dignos de lhe desatar as correias das sandálias? Em virtude da perversão diabólica de calcarem aos pés o mandamento de Deus, sucede-lhes aliás com justiça isso de se terem de martirizar baldadamente com obras de sua própria inventiva, e receberem ao mais em paga escárnio e dano.

Acaso não haveria de saltar um coração e de alegria derreter-se à vista do fato de, indo ao trabalho e fazendo o que lhe foi ordenado, poder dizer: "Eis que isto é melhor do que a santidade de todos os cartuxos, embora se matem de jejuar e sem quebra orem genuflexos!" Pois aqui tens um texto certo e testemunho de Deus de que preceituou isto, ao passo que no tocante àquilo não ordenou palavra. Mas a miséria e a triste cegueira do mundo é que ninguém o crê. Tanto assim nos

enfeitiçou o diabo com santidade falsa e o deslumbramento ilusório das próprias obras.

Razão por que tanto quisera, repito, que abrissemos olhos e ouvidos e se penetrasse disso o coração, não suceda que algum dia voltemos a ser desencaminhados da palavra pura de Deus para as mentirosas frivolidades do diabo. Boa situação adviria daí: os pais teriam tanto mais alegria, amor, amizade e concórdia em suas casas, e os filhos poderiam cativar-lhes inteiramente o coração. Por outro lado, quando batem o pé e se negam a cumprir o dever enquanto não sentem o cacete no lombo, exasperam tanto a Deus como os pais. Com isso privam a si mesmos desse tesouro e da alegria de consciência, e acumulam-se apenas de infelicidade. Essa também a razão por que presentemente, conforme queixa de todos, as coisas andam no mundo como se vê: jovens e velhos são inteiramente refratários e infrenes, não têm reverência nem honra, nada fazem a menos que levados a chicotadas, e difamam e detraem uns aos outros por trás das costas quanto podem. É por isso também que Deus os castiga de maneira tal, que sofrem toda sorte de prejuízos e miséria. Da mesma forma os pais geralmente nada sabem. Um néscio educa o outro. Como vivem eles, assim depois vivem os filhos. Digo, por conseguinte, que essa há de ser a primeira e máxima razão que deve impelir-nos a este mandamento. Se não tivéssemos pai e mãe, deveríamos, em razão deste preceito, desejar que Deus nos erigisse troncos e pedras a que pudéssemos chamar de pai e mãe. Agora que nos deu pais vivos, quanto maior deve ser nosso júbilo por lhes podermos demonstrar honra e obediência. Sabemos que tal agrada sobremodo à alta Majestade, bem como a todos os anjos, e que vexa a todos os demônios. E a mais disso é a maior obra que se pode fazer depois do sublime culto divino descrito nos mandamentos anteriores. Mesmo esmolas e todas as outras obras em benefício do próximo não se lhe equiparam; porque Deus assinou o primeiro lugar a esse estado. Determinou, na verdade, que seja seu representante na terra. Essa vontade e agrado de Deus devem ser-nos razão e incentivo bastantes para fazermos espontânea e prazerosamente o que estiver em nós.

Temos, além disso, perante o mundo o dever de mostrar-nos agradecidos pelo benefício e por todos os bens que dos pais recebemos. Mas aqui novamente impera o diabo no mundo: as crianças esquecem aos pais, como nós todos esquecemos a Deus. Ninguém pensa em como Deus nos alimenta, guarda e protege, e na fartura de bens que nos

concede para o corpo e a alma. Especialmente quando alguma vez nos vem uma hora má, raivamos e resmungamos impacientes, e some-se da memória tudo quanto de bom havemos recebido ao longo da vida. Exatamente assim fazemos também aos pais, e não há criança que o reconheça e pondere, a menos que lhe seja dado pelo Espírito Santo. Bem conhece Deus essa viciosidade do mundo. Razão por que faz recordar e impulsiona por mandamentos, a fim de cada um refletir no que por ele fizeram os pais. Verifica então que deles recebeu corpo e vida, e, além disso, que os pais o alimentaram e criaram. Do contrário ter-se-ia asfixiado cem vezes em sua imundícia. Exato e judicioso, portanto, o que foi dito por gente antiga e sábia: "*Deo, parentibus et magistris non potest satis gratiae rependi*", isto é: "A Deus, aos pais e aos mestres nunca se poderá agradecer e recompensar de modo suficiente; Quem fixar os olhos nisso e o meditar, por certo que sem necessidade de compulsão demonstrará toda a honra a seus pais e os tratará com grande ternura como aqueles por intermédio de quem Deus lhe fez todo o bem.

Acima e além de tudo isso, tanto mais nos deve estimular, como razão, poderosa, o fato de Deus unir a este mandamento uma amável promessa, dizendo: "Para que se prolonguem os teus dias na terra em que habitas. " Aqui tu mesmo podes avaliar quão grande é a seriedade com que Deus encara este mandamento. Porque não só diz expressamente que lhe agrada a ele, que ele nisto se regozija e se compraz, porém que para nós também será de bom sucesso e promoverá nosso maior bem, de feição tal, que possamos fruir vida suave e doce, com todo o bem. Essa também a razão por que São Paulo Ef 6 vigorosamente o enfatiza e exalta ao dizer: "Este é o primeiro mandamento com promessa: para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra. " Pois ainda que também os outros mandamentos encerram sua promessa, todavia a nenhum foi acrescentada de maneira tão clara e expressa.

Aí tens, portanto, o fruto e o prêmio: quem guardar o mandamento, haverá de ter bons dias, felicidade e prosperidade. Por outro lado, quem for desobediente, tanto mais cedo perecerá e nunca há de fruir a vida com alegria. Pois longevidade, segundo as Escrituras, não significa apenas chegar a macróbio, porém que se tenha tudo o que pertence a uma vida longa, como, por exemplo, saúde, mulher e filhos, alimentação, paz, bom governo, etc., coisas sem as quais esta vida não pode ser alegremente fruída, nem durar por tempo dilatado. Agora, se

não quiseses obedecer a pai e mãe e te recusares a permitir que te eduquem, então obedece ao carrasco. Se não obedeces a esses, então obedece ao estica-pernas, isto é, à morte. Pois Deus, positivamente, quer isto: ou recompensar-te, generosamente, com todo o bem, se lhe obedeceres e o amares e servires; ou então, se provocares a sua ira, enviar sobre ti assim a morte como o verdugo. De onde, se não da desobediência, vêm tantos patifes que diariamente têm de ser enforcados, decapitados e rodados? Visto não se deixarem levar por bem, chegam, pelo castigo de Deus, a ponto de nos proporcionarem um espetáculo de desgraça e aflição. Pois que mui raramente sucede morrerem tais criaturas infames morte reta ou não prematura. Os piedosos e obedientes, todavia, têm a bênção de viverem por longos dias em boa paz e verem os filhos dos seus filhos, conforme dito acima, "até a terceira e quarta geração." E a experiência o ensina: onde há boas e antigas famílias que estão bem de vida e têm muitos filhos, certamente se deve isso ao fato de alguns deles terem sido bem educados e haverem andado atentos em seus pais. Quanto aos ímpios, por outro lado, está escrito Sl 109: "Desapareça a sua posteridade, e na seguinte geração se extinga o seu nome". Toma boa nota, por conseguinte, da grande importância que tem aos olhos de Deus a obediência, visto que tanto a exalta, tão grandemente nela se compraz e ricamente a premia, e além disso vela com tamanho rigor, a fim de castigar os que agem contrariamente. Digo tudo isso para que se faça penetrá-lo bem no ânimo da gente nova. Pois ninguém acredita quão imensamente necessário é este mandamento, que todavia até agora, sob o papado, não foi atentado nem ensinado. São palavras singelas e de fácil inteligência, e cada qual é de opinião que já conhece bem a matéria de saída. Por isso deslizam por sobre o assunto, fitam embasbacados' outra coisa, e não percebem nem acreditam que se provoca tão gravemente a ira de Deus com essa negligência, e que a gente pratica obras tão preciosas e aceitáveis com a observância. Neste mandamento cabe, outrossim, falar da multímota obediência aos superiores, que têm a seu cargo mandar e governar. Porque da autoridade dos pais deflui e se irradia toda outra autoridade. Quando um pai não pode sozinho educar seu filho, apela para um mestre de meninos que o ensine; se está demasiadamente fraco, pede a ajuda de seus amigos ou vizinhos; se falece, encomenda e delega o governo e autoridade a outros, para tal fim ordenados. Além disso deve subordinar também a si domésticos, empregados e empregadas, para o governo da casa. Assim todos os que se chamam senhores estão em lugar dos pais, e cumpre que deles recebam poder e autoridade para

governar. Essa também a razão por que segundo as Escrituras todos se chamam pais, visto em sua governação exercerem ofício de pai e deverem ter coração paternal para com os seus. Assim também desde a antiguidade, entre os romanos e em outras línguas, os chefes e as donas de casa foram chamados de *patres et matres familias*, isto é, pais de família e mães de família. Da mesma forma também chamaram a seus príncipes e magistrados de *palres patriae*, isto é, pais da pátria, para grande vergonha nossa, que pretendemos ser cristãos, porquanto não os chamamos também assim, nem ao menos os consideramos e honramos como tais.

Agora, o que o filho deve a pai e mãe, devem-no, outrossim, quantos estejam compreendidos no regime doméstico. É necessário, por isso, que criados e criadas atentem não só por serem obedientes a seus patrões e patroas, mas ainda para os honrarem como a seu próprio pai e mãe. Farão tudo o que souberem ser da vontade dos patrões, não constrangidos e relutantes, mas com prazer e alegria, precisamente em virtude da razão já mencionada, a saber, porque é mandamento de Deus e lhe agrada acima de todas as outras obras. À vista disso até que ainda deviam voltar salário e regozijar-se com o fato de poderem receber patrões e patroas, uma consciência assim contente, e por saberem como devem fazer obras verdadeiramente áureas, até agora apagadas e desprezadas. Em vez delas, todo o mundo correu, em nome do diabo, a mosteiros, peregrinações e atrás de indulgências, em prejuízo próprio e de má consciência.

Se a gente pudesse imbuir disso o pobre povo, uma empregadinha haveria de saltitar de alegria, louvar e agradecer a Deus, e com trabalho esmerado, pelo qual assim como assim recebe comida e salário, ganharia um tesouro que tal não possuem todos os que são considerados os maiores santos. Acaso não é excelente glória saber e estar em condições de dizer: "Cuidar dos meus quefazeres domésticos diários coisa melhor é que a santidade e vida austera de todos os monges?" E tens, a mais disso, a promessa de que prosperarás em toda coisa boa e estarás bem. De que maneira poderias ser mais bem-aventurado ou viver vida mais santa no que tange às obras? (Porque diante de Deus é realmente a fé que nos torna em santos, e apenas a ele serve, ao passo que as obras servem aos homens). Tens aí tudo o que é bom, tens defesa e proteção no Senhor, e acrescentado a isso, uma consciência alegre e um Deus gracioso, que te quer recompensar

centuplicadamente. E és perfeito fidalgo, contanto que sejas piedoso e obediente. Em caso contrário, porém, tens, primeiramente, ira e desfavor da parte de Deus e nenhuma paz no coração, e além disso toda sorte de aflições e desventuras. Agora, quem não se mover com isso e não se tornar piedoso, a esse tal encomendamos ao carrasco e ao esticapernas. Atendem, por isso, quantos se disponham a receber ensino, que com Deus não se brinca, e saibam que é Deus quem lhes fala e requer obediência. Se lhe obedeces, és o filho querido; se desprezas o mandamento, então recebe também por salário desonra, miséria e aflição.

Dir-se-á o mesmo da obediência à autoridade civil, que, conforme dito, pertence toda à ordem paterna e é a mais abrangente das relações. Aqui não se trata do pai de alguns poucos, senão de alguém que é pai tantas vezes quantos forem os habitantes, cidadãos ou súditos. Por intermédio dos governantes civis, como por nossos pais, Deus nos dá e conserva alimento, casa e lar, proteção e segurança. Consequentemente, visto que trazem com toda a honra esse nome e título como sua glória suprema, é dever nosso honrá-los e tê-los em alta consideração, como o mais precioso tesouro e joia na terra.

Quem nisso é obediente, voluntário e pronto para servir, e de bom grado faz tudo quanto concerne à honra, sabe que age de modo agradável a Deus e que sua recompensa é alegria e felicidade. Se não o quer fazer com amor, porém desprezá-lo, e resistir ou tumultuar, saiba também que isso não lhe há de render favor e bênção. E se pensa que vai salvar um florim com esse procedimento, alhures perderá dez vezes tanto, ou cairá nas mãos do verdugo, perecerá em guerra, pestilência e carestia, ou não experimentará coisa boa com os filhos, e terá de sofrer prejuízo, injustiça e violência da parte de empregados e vizinhos, ou estranhos e tiranos. Assim se nos pagará e retribuirá o que buscamos e merecemos.

Se tão-só nos dispuséssemos alguma vez a tomar boa nota do fato de que semelhantes obras tanto agradam a Deus e têm recompensa tão rica! Experimentaríamos então uma verdadeira exuberância de bens e teríamos o que apetece ao coração. Visto, porém, que se trata a palavra e o mandamento de Deus assim completamente por cima do ombro, como se fosse o pregão de algum vendedor de pastéis, vejamos então se tu és o homem que o chame a desafio!

Quanta dificuldade terá ele para retribuir-te? Muito melhor viverias com o favor, a paz e a bênção de Deus do que com desfavor e infortúnio. Por que outro motivo, julgas tu, está o mundo agora tão cheio de infidelidade, desonra, miséria e homicídios, senão porque cada qual quer ser dono de si mesmo, perfeitamente autônomo, a ninguém dar atenção e fazer tudo o que lhe apetece? Por isso Deus castiga um velhaco por instrumentalidade de outro, de maneira tal, que, se tu ludibrias e desprezas o teu senhor, vem aí outro e procede contigo da mesma forma. Sim, em tua própria casa tens de aguentar dez vezes tanto da mulher, dos filhos ou dos empregados.

Vivamente sentimos nossa infelicidade, e resmungamos e nos queixamos de infidelidade, violência e injustiça, porém não queremos ver que nós mesmos somos marotos que bem temos merecido castigo e de modo nenhum nos dispomos a tomar ensino daí. Não queremos favor e felicidade, razão por que é justo que tenhamos apenas infortúnio sem qualquer misericórdia. Deve haver ainda em algum lugar da terra pessoas piedosas, já que Deus continua a permitir que nos fique tanta coisa boa. Se fosse por nós, não nos restaria vintém dentro de casa e nem uma palha no campo.

Fui levado a discorrer sobre isso tudo em tantas palavras na esperança de que alguém porventura o acolha no coração, para que fiquemos livres da cegueira e miséria em que estamos imersos tão fundamente, e reconheçamos verdadeiramente a palavra e vontade de Deus e as aceitemos com seriedade. Delas aprenderíamos como se pode alcançar alegria, ventura e salvação bastantes no tempo e na eternidade.

Três, portanto, são as espécies de pai apresentadas neste mandamento: os por genitura, os da casa e os da nação. Além desses há pais espirituais, não como foram os do papado, que na verdade se fizeram chamar assim, mas não exerceram o ofício de pai

Chamam-se pais espirituais apenas aqueles que nos governam e presidem mediante a palavra de Deus. Neste sentido São Paulo se gloria de ser pai, ao dizer 1Co 4: "Eu pelo evangelho vos gerei em Cristo Jesus". Como, portanto, são pais, devida lhes é também a honra, até acima de todos outros. Mas aqui é que menos se costuma tributá-la; porque a maneira de o mundo os honrar é corrê-los do país e não lhes consentir um pedaço de pão. Em suma, têm de ser, como diz Paulo,

“lixo do mundo, escória de todos.” É necessário, todavia, infundir no ânimo do povo também o fato de que os que querem chamar-se cristãos têm, diante de Deus, o dever de "considerar merecedores de dobrada honra aos seus curas d'alma, fazer-lhes o bem e provê-los do necessário. Deus para tanto se dispõe a suprir-nos bastantemente e não permitirá que de algo venhamos a carecer. Mas aqui todo o mundo empaca e se defende. Receiam todos que a barriga vá passar misérias, e assim não podem agora sustentar um só pregador bom, onde no passado empanturrávamos dez panças graxudas! E com isso merecemos que Deus nos prive de sua palavra e benção e volte a permitir que se levantem pregadores de mentiras, que nos conduzem ao diabo, e ao mais disso nos sugam o suor e o sangue.

Aqueles, entretanto, que conservam- diante dos olhos a vontade e os mandamentos de Deus, têm a promessa de que serão premiados ricamente daquilo que destinarem a pais seculares e espirituais e da honra que lhes tributarem. Não terão apenas pão, vestimenta e dinheiro por um ano ou dois, mas vida longa, sustento e paz, e serão eternamente ricos e bem-aventurados. Cumpre, por conseguinte, o teu dever e deixa a Deus cuidar e como te há de sustentar e prover com o que baste. Se ele o prometeu, e jamais disse mentira, também a ti não há de mentir. Isso deveria sempre estimular-nos e dar-nos um coração que quisera derreter-se de prazer e amor relativamente àqueles a quem nos cumpre tributar honra, de modo que levantássemos as mãos e contentes agradecêssemos a Deus por nos haver dado semelhantes promessas, por cuja obtenção deveríamos correr até aos confins da terra. Pois ainda que o mundo universo juntasse forças, não poderia acrescentar-nos uma horinha de vida ou colher-nos um grãozinho da terra. Deus, porém, pode e quer dar-te tudo às mãos cheias, segundo o que deseja o teu coração. Agora, quem despreza isso e o trata de resto, deveras não merece ouvir uma palavra de Deus.

De sobejo falou-se agora a quantos estão subordinados a este mandamento. Justo seria, ao demais disso, pregar aos pais, e a quantos lhes fazem as vezes, sobre como devem portar-se com os que a seu governo estão encomendados. Ainda que tal não ficou exarado nos Dez Mandamentos de modo expresso, é, contudo, amplamente ordenado em muitos passos da Escritura. E Deus além do mais o quer abrangido exatamente neste preceito, onde fala em pai e mãe; porque não quer patifes e tiranos nesse ofício e governação. E a finalidade para que lhes

confere a honra, isto é, o poder e o direito de governar, não é que se deixem adorar. Cumpre-lhes, isto sim, ponderar no fato de que devem obediência a Deus, e acima de qualquer outra coisa desempenhar-se-ão, de coração e fielmente, dos encargos de seu ofício, não cuidando apenas do sustento material de filhos, empregados, súditos, etc., porém sobretudo educando-os para louvor e honra de Deus. Não imagines, por conseguinte, que isso é matéria entregue a teu talante e capricho. Trata-se, ao contrário, de rigoroso preceito e injunção de Deus, ao qual também terás de prestar contas a esse respeito.

Mas aqui deparamos outra vez com a praga miserável: ninguém atenta nisso, nem o observa. Todos se comportam como se Deus nos desse filhos para nosso deleite e passatempo, serviçais para deles nos valermos, como de vacas ou burros, apenas para o trabalho, ou súditos para os tratarmos a nosso belprazer. A gente os deixa correr como se não fosse de nossa conta o que aprendem ou como vivem. Ninguém quer entender que se trata de ordem da alta Majestade, que a respeito nos há de chamar seriamente a contas e há de vingá-lo. Tampouco se quer compreender quão grande é a necessidade de nos ocuparmos a sério da juventude. Se queremos pessoas excelentes e hábeis tanto para o governo secular como para o espiritual, cumpre deveras não nos poupemos empenho, faina e gastos na tarefa de ensinar e educar os nossos filhos, a fim de que possam prestar serviços a Deus e ao mundo. Não devemos pensar apenas em como amontoar-lhes dinheiro e bens; porque Deus bem os pode sustentar e enriquecer sem nós, como efetivamente faz de dia em dia. Antes nos deu e confiou filhos para que nós eduquemos e governemos de acordo com sua vontade. Não fosse por isso e nenhuma necessidade teria de pai e mãe. Saiba, por conseguinte, cada qual que é seu dever, sob pena de perder a graça divina, educar os seus filhos, acima de tudo, no temor e conhecimento de Deus, e, se forem aptos, dar-lhes oportunidade para aprender e estudar, a fim de que possam ser úteis nas necessidades que houver!

Se tal de fato se fizesse, Deus haveria de abençoar-nos ricamente e conceder a graça de se educarem homens dos quais houvessem melhora a terra e o povo. Teríamos, a mais disso, excelentes e bem formados cidadãos, e mulheres virtuosas e caseiras, que poderiam criar então filhos e serviçais piedosos. Considera agora que dano mortal perpetras quando negligencias nesse respeito e faltas ao dever de educar o teu filho de maneira útil e para salvação. Além disso te oneras de todo o

pecado e da ira, e destarte ganhas o inferno em teus próprios filhos, ainda que no mais fosses piedoso e santo. É porque se despreza isso que Deus castiga o mundo de forma tão aterradora, que não temos disciplina, nem direção, nem paz. E aliás todos lastimamos esse estado de coisas, mas não vemos que nós mesmos somos os culpados; porque do modo como os criamos, temos filhos e súditos estragados e desobedientes.

Baste isso para advertência; porque versar o assunto mais ao largo pertence a outro tempo.

Quinto Mandamento NÃO MATARÁS

Está concluído assim o estudo do governo espiritual e secular, isto é, da autoridade divina e da paterna, bem como o estudo da obediência a elas. Neste mandamento agora saímos de nossa casa e vamos aos vizinhos, para aprender como devemos viver uns com os outros, cada qual individualmente em relação ao próximo. Razão por que o presente mandamento não abraça a Deus e ao governo, nem lhes suprime-o direito de matar, que eles têm. Pois o seu direito a castigar os malfeitores Deus o delegou ao magistrado em lugar dos pais. Antigamente, esses últimos, como se lê em Moisés, tinham de levar eles mesmos seus filhos ao tribunal e sentenciá-los à morte. Por isso, o que aqui se proíbe, é proibido a uma pessoa relativamente a outra, que não ao governo. Este mandamento é de fácil inteligência e dele a gente trata muitas vezes, pois que anualmente ouvimos o preceito no evangelho Mateus 5, onde o próprio Cristo o explica e o sumaria como segue: que não se matará nem com mão, coração, boca, sinais, gestos, nem auxiliando e aconselhando. De sorte que nele se proíbe a todos o irar-se, excetuados, conforme dito, os representantes de Deus, isto é, pais e governantes. Porque a Deus, bem como aos que o representam, cabe irar-se, censurar e castigar, exatamente por causa dos que transgridem este e outros mandamentos.

Causa e necessidade deste mandamento é que Deus bem sabe quão mau o mundo é e quanta desgraça existe nesta vida. Por essa razão colocou este e outros mandamentos entre bom e mau. Ora, múltiplos são os atentados contra todos os mandamentos, e o mesmo sucede aqui. Temos de viver em meio a muita gente que nos molesta, de modo que acabamos

tendo motivo para lhes sermos hostis. Quando o teu vizinho vê, por exemplo, que tens casa e lar melhor, que Deus te concedeu mais bens e felicidade maior, fica aborrecido, inveja-te e nunca diz bem de ti. E assim, por incitamento do diabo, vens a ter muitos inimigos que te não consentem bem algum, quer material, quer espiritual. Quando então nos topamos com tais pessoas, nosso coração, por seu turno, está pronto para raivar e deseja que corra sangue e haja vingança. E então se começa a praguejar e surge a pancadaria, e a consequência final é calamidade e homicídio. Antecipa-se a isso Deus, como pai amoroso, intervém para mediar, e quer ver apartados os contendores; a fim de que não se origine desgraça daí e não aconteça que um liquide o outro. Quer ele com isso, em suma, que cada um esteja protegido, livre de perseguição e tranquilo quanto à maldade e violência dos demais, e quer que este mandamento envolva o próximo como muro, fortaleza e asilo sagrado para que nenhum mal ou dano se lhe cause no corpo.

De sorte que o escopo deste mandamento é que a ninguém se faça mal por causa de qualquer ação má, posto que plenamente o mereça. Porque onde se proíbe matar, aí se proíbem, outrossim, todas as causas que possam dar origem a homicídio. Pois muitos, ainda que não matem, proferem, contudo, imprecações e rogam pragas que não permitiriam corresse longe a pessoa em cuja cabeça fossem cair. Agora acontece que isso inere a todos por natureza, e é prática geral ninguém estar disposto a suportar injúrias de outrem. Por isso Deus quer afastar a raiz e fonte por que o coração é exacerbado contra o próximo, e habituar-nos a sempre termos esse mandamento diante dos olhos, a nele nos espelharmos, atentando a vontade de Deus e a ele encomendando, de coração confiante e com invocação do seu nome, a injustiça que estivermos sofrendo. Devemos, portanto, deixar que outros tresvariem e raivem hostis. Façam o que puderem. Assim aprenda o homem a serenar a cólera e a trazer no peito um coração paciente e manso, especialmente para com aqueles que lhe dão motivo a se irar, isto é, para com os inimigos. Por conseguinte, a suma toda do que significa "não matar", e que deve ser gravada com a máxima clareza na mente das pessoas simples, é o que segue:

Em primeiro lugar, a ninguém devemos fazer mal. Primeiramente, não com as mãos, ou por atos; em seguida, que não se use a língua para advogar ou aconselhar tais atos. Além disso, que não usemos nem consintamos nenhum meio ou procedimento com que se possa maleficiar a alguém. E, finalmente, que o coração não se ahostile a

nenhuma pessoa, nem por ira e ódio lhe deseje o mal. Cumpre, portanto, que corpo e alma sejam inocentes relativamente a todos, mas especialmente quanto àquele que te deseja ou causa mal; porque praticar o mal contra pessoa que te deseja e faz o bem, não é humano, senão diabólico. Em segundo lugar, transgride este preceito não só quem pratica ações más, senão também aquele que, podendo fazer o bem ao próximo, e obviar, obstar, proteger e salvar, de modo que nenhum mal ou dano lhe suceda no corpo, todavia não o faz. Assim, se despedes uma pessoa desnuda quando poderias vesti-la, deixaste-a sucumbir ao frio; se vês alguém que sofre fome e não o alimentas, estás permitindo que morra de fome. Da mesma forma, se vês alguém condenado à morte, ou em apertura similar, e não o salvas, posto conheças meios e maneiras de fazê-lo, então o mataste. E coisa nenhuma te valerá alegar incumplicidade só porque não entraste com ajuda, conselho e atos, pois lhe negaste a caridade e o despojaste do benefício que lhe teria salvo a vida. É com justiça, portanto, que Deus chama de assassinos a todos os que em apertura e perigos de corpo e vida não aconselham nem auxiliam. E mui terrível sentença há de proferir contra eles no dia do juízo conforme o próprio Cristo anuncia. Dirá: "Porque tive fome e não me destes de comer; tive sede e não me destes de beber; sendo forasteiro, não me hospedastes; estando nu, não me vestistes; achando me enfermo e preso não fostes ver-me." Isto é: Bem teríeis permitido que eu e os meus morrêssemos de fome, de sede e de frio, fôssemos estraçalhados por feras, apodrecêssemos na prisão e perecêssemos em miséria. Que outra coisa é isso senão vituperá-los por assassinos e indivíduos cruéis? Porque, embora não hajas materialmente praticado tais atos, contudo, quanto de ti dependeu, permitistes que o próximo continuasse engolfado na desventura e nela perecesse. É exatamente como se eu visse alguém navegando e pelejando em água profunda, ou caindo em fogo, e lhe pudesse estender a mão, arrebatá-lo e salvá-lo, e todavia não o fizesse. Que outra coisa seria eu, mesmo aos olhos de todo o mundo, senão assassino e patife?

A intenção real de Deus é, portanto, que não permitamos venha qualquer homem a sofrer dano, e que, ao contrário, demonstremos todo o bem e amor. E isto, conforme dito, mira particularmente aos nossos inimigos. Porque fazer o bem aos amigos não passa de comum virtude gentílica, segundo a palavra de Cristo em Mateus 5!

Aqui temos novamente a palavra de Deus, com a qual ele quer estimular e impelir-nos a obras verdadeiras, nobres, excelsas, como mansidão,

paciência, e, em suma, amor e beneficência para com os nossos inimigos. E sempre quer lembrar-nos que cumpre volta a reflexão ao primeiro mandamento, à verdade de que ele é nosso Deus, isto é, que nos quer ajudar, assistir e proteger. Seu propósito é sufocar em nós dessa maneira o desejo de nos vingarmos. Estas verdades agora deveriam ser exercitadas e inculcadas. Não teríamos então mãos a medir no que diz respeito a boas obras. Mas isso aí não seria sermão para monges. Fora deprimir por demais os méritos do estado espiritual, insultar a santidade dos cartuxos, e provavelmente importaria nada menos que proibição de boas obras e esvaziamento de mosteiros. Porque dessa maneira o estado cristão ordinário teria valor igual, e até valeria muito mais, e todos veriam como fazem o mundo de bobo e o engabelam com falsa e hipócrita aparência de santidade.

Porque deram com o pé nesse e em outros mandamentos e houveram que eram desnecessários, como se não fossem preceitos, e sim conselhos!

A mais disso blasonaram e trombetearam despudoradamente sobre o seu estado hipócrita e suas obras, afirmando que era a vida mais perfeita, a fim de se assegurarem vida boa e suave, sem cruz e paciência. E foi com isso em vista que correram aos mosteiros, para que não tivessem de sofrer nas mãos de quem quer que fosse e não precisassem fazer o bem a outros. Tu, porém, sabe que são estas as obras verdadeiras, santas e divinas, sobre as quais Deus se alegra com todos os anjos. Em contraste com elas, toda a santidade humana é mau cheiro e sujidade, e além do mais apenas merece ira e condenação.

Sexto Mandamento NÃO ADULTERARÁS

Os mandamentos subsequentes são facilmente compreendidos à luz da explanação do anterior. O escopo de todos é ensinar que tenhamos o cuidado de evitar qualquer forma de causar dano ao próximo.

Sucedem-se em bela ordenação. Tratam primeiro da pessoa do próximo. Em seguida se passa avante para a pessoa ou o bem que lhe é mais chegado depois do seu próprio corpo, a saber, o cônjuge, que forma uma só carne e sangue com ele, de sorte que não há bem no qual se lhe possa causar dano maior do que neste. Por isso aqui se expressa claramente que não se deve causar desonra ao próximo em sua esposa. A letra mira principalmente ao adultério, porque a ordenação e preceito entre os judeus tornava o matrimônio obrigatório

a todos. Razão por que os jovens casavam o mais cedo passíveis. De maneira que o solteirismo não tinha valor. Também não se permitiam, ao contrário do que acontece hoje, meretrício e devassidão públicos. Por isso o adultério foi a impureza mais comum entre eles.

Como, porém, existe entre nós tão vergonhoso mistifório e borra de todas as espécies de vício e libertinagem, esse preceito se dirige também contra toda impudicícia, seja qual for o nome que se lhe dê. Não só proíbe o ato externo, senão ainda todas as causas, incitamentos e meios. Cumpre, assim, que o coração, os lábios e o corpo todo sejam castos e não abram campo à incastidade, nem deem ajuda e conselho a ela favoráveis. E não só isto. Importa, outrossim, obstar, proteger e salvar onde houver tal perigo e necessidade, e, por outro lado, ajudar e aconselhar para que o próximo continue em honra. Porque se omitires isso, quando poderias atalhar o mal ou se fizeres a vista grossa, como se não fosse de tua conta, és tão culpado quanto o perpetrador. O que se exige, portanto, em resumo, é que cada qual viva ele mesmo vida casta e ajude o próximo a fazer coisa idêntica. Assim, com esse mandamento Deus quer o cônjuge de cada um circunvalado e resguardado, para que ninguém ilicitamente ponha as mãos nele!

Como, porém, esse preceito mira tão diretamente ao matrimônio e dá aso a que tratemos dele, compreende e nota bem, primeiro, quão subida honra e louvor Deus confere a esse estado com o fato de o sancionar e proteger através de seu preceito. Deu-lhe sanção acima, no quarto mandamento: “Honrarás a teu pai e a tua mãe”. Mas aqui, conforme dito, o resguardou e protegeu. Por isso também quer que o honremos, mantenhamos e vivamos como estado divino e bendito. Pois que o instituiu antes dos demais, e criou diversamente homem e mulher, como é evidente, não para maroteira, sim para que permaneçam unidos, sejam fecundos, gerem filhos e os sustentem e eduquem para honra de Deus. Essa também a razão por que Deus abençoou esse estado riquissimamente, acima de todos os outros, a além disso lhe destinou e conferiu quanto há no mundo, a fim de que esse estado sem falta estivesse bem e copiosamente provido. De sorte que a vida matrimonial não é assunto para brincadeira ou curiosidade atrevida; é, isto sim, coisa excelente e matéria de divina seriedade. Pois é de importância suprema aos olhos de Deus que se eduquem homens que prestem serviços ao mundo, promovendo o conhecimento de Deus, vida piedosa e todas as virtudes, para lutar contra a maldade e o diabo. Essa a razão por que

sempre tenho ensinado que não se despreze nem se menos cabe esse estado, como faz o mundo cego e os nossos falsos clérigos, mas que se trate de avaliá-lo segundo a palavra de Deus, que o adorna e santifica. Não só é igualado com outros estados, senão a todos precede e ultrapassa, os de imperador, príncipes, bispos, ou de quem quer que seja. Porque ambos os estados, o espiritual e o secular, têm de humilhar-se e encontrar-se todos nesse estado, conforme ouviremos. Razão por que não é estado especial, senão o mais comum e o mais nobre, que vai e se estende por toda a cristandade, sim pelo mundo inteiro.

Em segundo lugar, importa saibas outrossim que esse estado não é apenas honroso, mas também necessário. E seriamente ordena Deus que em geral, através de todos os estados, homens e mulheres a ele dispostos pela natureza, estejam nesse estado, à exceção, todavia, de alguns, ainda que poucos, os quais Deus especialmente excetuou, de modo que não são aptos para o estado matrimonial, ou então os libertou por meio de elevado e sobrenatural dom, de forma que podem manter-se castos fora do matrimônio.

Porque onde a natureza opera tal como foi implantada por Deus, não é possível manter-se casto fora do casamento, pois carne e sangue sempre é carne e sangue, e a inclinação e excitação natural opera sem barreira, desimpedida, conforme cada qual vê e sente. Por isso, a fim de que fosse tanto mais fácil evitar em certa medida a incastidade, Deus ordenou o estado matrimonial, de modo que cada um tenha a porção a ele destinada e com ela se contente. É verdade que se requer, além disso, a graça de Deus, para que também seja casto o coração. Disso vêes como a nossa turba papal, sacerdotes, monges, monjas, resiste à ordem e ao mandamento de Deus. Desprezam e proíbem o matrimônio e ousam e juram observar castidade perpétua.

Além disso, iludem as pessoas simples com palavras mentirosas e falsas aparências. Porque ninguém tem menos amor e inclinação à castidade do que exatamente aqueles que, por grande santidade, evitam o matrimônio, e, ou vivem pública e descaradamente em prostituição, ou, secretamente, fazem coisa ainda pior, tais atos, que a gente não ousa mencioná-los! Lamentavelmente, é a experiência que demais vezes se tem feito. E em suma, mesmo que se abstenham do ato, o coração todavia está abarrotado de pensamentos impuros e maus desejos, um eterno arder e secreta paixão que na vida conjugal se podem contornar.

De sorte que fica por este mandamento condenado todo voto de sem casamento manter-se casto, bem como fica declarada, pelo preceito, a nulidade de tais votos. Mais ainda: por este mandamento se ordena a todas as pobres consciências cativas, ludibriadas por seus votos monásticos, que saiam do estado incasto e ingressem na vida matrimonial, à vista do fato de que, embora a outros respeitos fosse agradável a Deus a vida monacal, todavia não está em seu poder manterem-se castos, e se permanecerem nisso, mais e mais terão de pecar contra este mandamento.

Digo isto para que se insista com os jovens neste sentido, a fim de conceberem vontade para o matrimônio e saberem que é estado abençoado e agradável a Deus. Poder-se-ia, assim, com o passar do tempo, fazer com que reouvesse sua honra, e diminuísse a vida imunda, dissoluta e desordenada que ora se dissemina em todas as partes do mundo, com pública prostituição e outros vícios infames, que se seguiram do desprezo à vida conjugal. Por isso aqui também a pais e magistrados corre o dever de supervisionar os jovens, a fim de serem criados para decência e respeito, e, quando crescidos, casem no temor de Deus e honradamente! Não faltaria a isso Deus com sua bênção e graça, de modo tal, que daí se houvesse prazer e alegria.

Com base em tudo isso, digamos agora, em conclusão, que este mandamento não só exige viva cada qual de maneira casta, ações, palavras e pensamentos, no seu estado, isto é, particularmente no estado matrimonial, senão também que ame e tenha em apreço o cônjuge, dado por Deus. Porque onde se quer manter castidade conjugal, importa acima de tudo que homem e mulher convivam em amor e concórdia, para que um queira ao outro de coração e com fidelidade integral. Esse é um dos principais dentre os elementos que engendram amor e vontade para a vida casta. Onde estiver em exercício, a castidade lhe seguirá espontaneamente, sem qualquer ordem. Essa também a razão por que São Paulo tão diligentemente exorta os cônjuges a que mutuamente se amem e honrem! Aqui tens novamente uma boa obra preciosa; na verdade, muitas e grandes obras, que alegremente podes exaltar contra todas as ordens espirituais eleitas sem palavra e mandamento de Deus.

Sétimo Mandamento NÃO FURTARÁS

O lugar imediato a tua pessoa e à do cônjuge é dos bens temporais. Também a eles quer Deus protegidos. Ordenou que ninguém subtraísse ou reduzisse o que é do próximo. Porque furtar outra coisa não é senão apropriação injusta de bens alheios, o que, em poucas palavras, compreende toda espécie de vantagens, para desvantagem do próximo, em toda sorte de negócios. Furtar é vício amplissimamente difundido e muito comum. Tão pouco, entretanto, nele se repara e atenta, que já ultrapassa todas as medidas, de forma que, se fossem enforcados todos os que são ladrões, - embora não queiram que assim lhes chamem - , o mundo em breve ficaria deserto e haveria insuficiência de carrascos e forcas. Pois, conforme há pouco dito, não se chamará de furto apenas o ato de limpar cofres e bolsos; estender-se-á ao mercado, a todas as lojas, açougues, adegas de vinho e cerveja, oficinas; em suma, onde quer que haja transações comerciais e se dê e receba dinheiro por mercadorias ou trabalho. Por exemplo - para explicá-lo um tanto palpavelmente ao homem comum, a fim de que se veja em que medida somos gente às direitas -: se um empregado ou empregada é infiel nos deveres domésticos e causa prejuízo, ou então o permite quando poderia tê-lo evitado, ou de outra maneira descuidada e negligencia os seus bens, por preguiça, indiligência ou malícia, para vexação e aborrecimento de patrão e patroa, e por seja qual for o motivo que possa levar a que se

proceda assim de caso pensado (pois não falo do que se faz em razão de inadvertência e não propositadamente), pode subtrair, em um ano, trinta ou quarenta florins, e mais do que isso. Tivesse um outro surripiado ou levado às escondidas tal soma, e teria de sufocar na corda, ao passo que no outro caso ainda podes bater o pé e levantar a grimpá, e que ninguém se atreva a chamar-te ladrão.

Digo o mesmo a respeito de artesãos, operários e jornaleiros que procedem arbitrariamente e a quem nunca basta o que já sabem em matéria de tirar a pele, sendo, contudo, relaxados e infiéis no trabalho. Todos esses são muito piores do que os gatunos encobertos, contra os quais podemos defender-nos com fechadura e ferrolho, ou, se os apanharmos, tratar com eles de modo tal, que não o repitam. Daqueles outros, entretanto, ninguém pode resguardar-se. E ninguém pode encarar neles com azedume ou repreender-lhes algum furto. Dez vezes

preferir-se-ia perder algo da carteira; pois aqui se trata dos meus vizinhos, de bons amigos, da minha própria criadagem, dos quais espero coisas boas, e são eles os primeiros a me ludibriar.

Demais, também no mercado e no comércio ordinário a mesma coisa anda em pleno vigor e pujança. Um defrauda publicamente o outro com mercadoria, medida, peso e moeda falsos, e lhe passa a manta por meio de escamoteação, manhas refinadas ou hábeis estratagemas! Além disso, o explora no preço de compra e a seu bel-prazer o grava, tosquia e atormenta. E quem aí pode enumerar ou lembrar tudo o que há nessa matéria? Trata-se, em resumo, da arte mais difundida e da maior corporação da terra, e quando agora se passa revista às ordens do mundo de longo a largo, outra coisa não é senão enorme e amplo estábulo apinhado de larápios graúdos. Por isso também lhes chamam de piratas de gabinete, ladrões territoriais e de estrada, não ratos de cofre e surripiadores que abafam a caixa. Refestelam-se na cadeira e se chamam grandes fidalgos e cidadãos honrados e íntegros, e rapinam e furtam com aparência de direito.

De fato, a gente ainda poderia silenciar aí quanto a gatunos miúdos e isolados se fosse caso de atacar os maiúsculos e poderosos arquilarápios com os quais senhores e príncipes fazem causa comum, e que diariamente saqueiam não uma ou duas cidades, senão a Alemanha inteira. E onde ficaria o cabeça e protetor supremo de todos os ladrões, a Santa Sé romana com todo o seu séquito, que por meio de furto se apropriou dos bens de todo o mundo e, os mantém até ao dia de hoje em seu poder? Em breves palavras, esse é o curso do mundo: quem pode furtar, e roubar publicamente, segue seguro e livre por ninguém censurado, e de mais a mais ainda quer lhe tributem honra. Enquanto isso, os gatunos pequenos e furtivos que larapiaram uma vez, sofrem a vergonha e o castigo, fazendo aqueloutros parecerem íntegros e honrados. Saibam, entretanto, que diante de Deus são os maiores ladrões. E ele os há de castigar como merecem. Visto, pois, que esse mandamento é tão abrangente, conforme acabamos de mostrar, é necessário propô-lo à diligência e explicá-lo miudamente à massa. A gente não os deixará seguir por aí livres e seguros, porém sempre lhes porá diante dos olhos e lhes incutirá a ira de Deus. Porque não é a cristãos que temos de pregar isso, senão principalmente a velhacos e patifes, a quem provavelmente pregariam com mais justiça o juiz, o carcereiro ou o carrasco! Saiba cada qual, por conseguinte, que, sob

pena do desagrado de Deus, lhe corre o dever de não só nenhum dano fazer ao próximo, nem subtrair-lhe sua vantagem, nem em transações de compra e venda ou em outro qualquer negócio perpetrar contra ele qualquer perfídia ou dolo, mas ainda lhe cumpre proteger fielmente os bens do próximo, causar e favorecer seu proveito, particularmente se para isso se recebe dinheiro, remuneração e virtualhas.

Agora, quem despreza isso de propósito, pode lá escapulir do verdugo; da ira e do castigo de Deus é que não escapará. E posto siga por longo tempo em seu desafio e soberba, todavia não passará de vagamundo e mendigo, e experimentará, ao mais, toda praga e infortúnio. Agora segues o teu próprio caminho, quando deverias cuidar dos bens de teu patrão ou patroa, o que te permite rechear o papo e a barriga, receber o teu salário como ladrão, além do que te deixas honrar como fidalgo. Muitos há que ainda em cima resistem insolentemente a patrão e patroa e a contragosto praticariam um ato de amor e serviço que evitasse um dano. Vê, porém, o que te rende isso: quando te tornares proprietário tu mesmo e estiveres instalado em tua casa - e para desgraça tua Deus te ajudará a consegui-lo - , haverá virada e retribuição, de modo tal, que, onde houveres fraudado ou feito prejuízo no valor de um ceitil, terás de pagar trinta vezes tanto.

Sucedará o mesmo com artesãos e diaristas, dos quais ao presente se tem de ouvir e sofrer intolerável arbitrariedade, como se fossem senhores do que pertence a outrem, e todos simplesmente lhes tivessem de dar o que pedem. Deixa que explorem pelo tempo que puderem. Mas Deus não há de esquecer o seu mandamento, e lhes pagará de acordo com o serviço. Há de pendurá-los não em força verde, senão em seca! Por toda a vida não prosperarão e nada alcançarão. E, na verdade, se tivéssemos governo bem ordenado, cedo se poderia frear e prevenir semelhante capricho, conforme era outrora entre os romanos, onde em três tempos se pegavam tais indivíduos pelo cangote, para que outros daí colhessem advertência.

Terão destino idêntico os demais que transformam o livre mercado público em esfoladouro e antro de salteadores, onde diariamente se defraudam os pobres e se inventam novos ônus e altas de preços. Cada qual faz uso do mercado a seu bel-prazer e ainda se mostra desafiador e arrogante, como se a pleno direito pudesse vender os seus bens tão

caro quanto lhe apeteça, e a ninguém fosse permitido fazer objeções. Vamos, é certo, ficar a observá-los, deixando-os esfolar, extorquir e amearhar. Mas esperamos em Deus, que todavia fará o seu, assim como assim. A saber: depois que tiveres esfolado e juntado por longo tempo, ele pronunciará uma bênção sobre a coisa, de modo tal, que te perecerão os cereais no celeiro, a cerveja na adega e o gado rio estábulo. Na verdade, se enganares e explorares alguém no valor de um florim, ser-te-á corroído pela ferrugem e consumido tudo quanto acumulaste, de sorte que jamais virás a fruí-lo.

Vemos, na verdade, e experimentamos diante dos olhos, cotidianamente,

como se cumpre aquilo de que nenhum bem furtado ou desonestamente adquirido prospera! Quanta gente esgravata e raspa dia e noite *e* apesar disso não enriquece em um só centavo que seja. E ainda que ajuntem muito, têm de passar, contudo, por tantas misérias e infortúnios, que não o podem fruir com alegria, nem herdá-lo a seus filhos. Mas visto que ninguém se importa com isso, e seguimos o nosso caminho como se a coisa não fosse de nossa conta, vê-se Deus obrigado a nos castigar e ensinar costumes de algum outro modo, enviando-nos um flagelo após outro, ou convidando para hóspedes nossos uma tropa de lansquenetes, que em uma hora nos limpam caixas e bolsa, e não param enquanto nos resta um ceutil. Além disso, a título de agradecimento, queimam e devastam casa e lar, e violentam *e* matam mulher e filhos. Em resumo: se furtares muito, podes estar certo de que outro tanto se furtará de ti; e quem rapina e enriquece com violência e injustiça, tem de aguentar que outro o trate de maneira idêntica. Porque Deus conhece magistralmente a arte de castigar um ladrão por intermédio de outro, já que cada um rouba e furta ao outro. Não fosse assim e onde é que a gente buscaria forcas e cordas em quantidade suficiente?

Agora, quem estiver disposto a aprender, saiba que isso é mandamento divino, que não quer ser levado de brincadeira. Se desprezas e ludibrias a nós outros, se nós somos as vítimas de teus furtos e roubos, ainda vamos conformar-nos e suportar a tua soberba, sofrer, e, conforme o Pai Nosso, perdoar e comiserar-nos. Porque os piedosos de qualquer maneira terão o bastante, e tu prejudicas mais a ti mesmo que a outrem. Guarda te, porém, disso: quando vem a pobreza - e há tantos agora - , que tem de comprar e viver com os cobrinhos diários, e tu os acometes como se todo o mundo tivesse de viver dos teus favores, os esfolas e

raspas até ao osso, e além disso despachas com altivez e petulância a pessoas a quem deverias dar de graça, então a pobreza vai embora, o miserável e tristonha, e como a ninguém pode apresentar queixa, brada e clama ao céu. Guarda-te disso, repito, como do próprio diabo. Tal gemer e clamar não será brincadeira; terá, ao contrário, um efeito que se tomará pesado demais para ti e todo o mundo. Porque chegará aos ouvidos daquele que tem cuidado dos corações pobres e aflitos e está decidido a não deixá-los sem vingança. Caso, porém, desprezares *isso* e te mostrares desafiante, então vê lá a quem declaraste guerra. Se tens êxito e prosperas, podes, à face do mundo inteiro, chamar de mentirosos a Deus e a mim.

Bastantemente exortamos, advertimos e prevenimos. Quem não o quiser atentar e crer, siga o seu caminho até verificá-lo por experiência. Mas é preciso inculcá-lo à gente moça, para que se acautelem e não sigam a velha e desenfreada multidão, porém mantenham diante dos olhos o mandamento de Deus, a fim de não sobrevir também a eles a ira e o castigo de Deus. Nossa responsabilidade apenas é instruir e repreender com a palavra de Deus. Mas para reprimir essa aberta arbitrariedade, requerem-se príncipes e magistrados que tenham olhos e ânimo para estabelecer e manter ordem em todos os negócios e transações comerciais, a fim de a pobreza não ser gravada e oprimida, e para que não se tenha de carregar com pecados alheio.

Baste isso quanto ao que significa furtar. Não se lhe deve restringir demasiadamente a significação, mas ampliá-la ao nosso trato com o próximo. E, para sumariá-lo brevemente, como fizemos nos mandamentos precedentes: proíbe-se com isso, primeiro, prejudicar o próximo e fazer-lhe injustiça, em qualquer das muitas maneiras que se possam excogitar para diminuir, impedir e denegar posses e bens. Também não devemos consentir nisso ou permiti-lo, senão impedir e preveni-lo. Ordena-se, por outro lado, que promovamos e melhoremos os seus bens, e, se estiver sofrendo por privação do necessário, que lhe ajudemos, compartilhemos e emprestemos, quer se trate de amigo, quer de inimigo. Quem, pois, procura e deseja boas obras, aqui há de encontrar sobejas obras aceitáveis e agradáveis a Deus de coração. Além do mais, são elas agraciadas e cumuladas de excelente bênção: ricamente será recompensado o que fazemos para proveito do próximo e por amizade. Assim também ensina o rei Salomão Pv 19: "Quem se compadece do pobre ao Senhor empresta, e este lhe paga o seu benefício." Aí tens um Senhor rico, que sem dúvida te basta, e que não

permitirá haja insuficiência ou falta de algo. Desta maneira podes, de consciência alegre, fruir cem vezes mais do que arrepanhas com deslealdade e injustiça. Agora, quem não quer a bênção, há de encontrar ira e infortúnio bastantes.

Oitavo Mandamento **NÃO DIRÁS FALSO TESTEMUNHO CONTRA O TEU** **PRÓXIMO**

Além do nosso próprio corpo, do cônjuge e dos bens temporais, temos outro tesouro que também não podemos dispensar, a saber, honra e boa reputação! Pois importa não viver entre os homens em pública desgraça, desprezado por todos. Por isso Deus não quer que se tirem ou diminuam a reputação, o bom nome, e a retidão do próximo, exatamente assim como não quer que lhe tiremos ou diminuamos dinheiro e bens, a fim de que esteja em honra diante de sua mulher, filhos, empregados e vizinhos. E em primeiro lugar, o sentido mais imediato deste mandamento, segundo a letra (*Não dirás falso testemunho*), refere-se ao foro público, onde um pobre inocente é acusado e oprimido por falsas testemunhas, para ser castigado no corpo, nos bens ou na honra.

Isso agora pouco nos parece dizer respeito, mas entre os judeus foi ocorrência muito comum. Porque aquele povo estava em regime excelente, organizado. E onde ainda existe tal governo, esse pecado não deixa de ocorrer. A razão é a seguinte: onde juízes, burgomestres, príncipes ou outras autoridades exercem a judicatura, aí sempre acontece isso, conforme o curso do mundo; não se quer ofender a ninguém, e assim se finge e se fala com o olho em favores, dinheiro, expectativas ou relações de parentesco! Enquanto isso, o pobre, oprimido em sua causa, tem de perder a questão e sofrer castigo. E é calamidade comum no mundo o fato de nos tribunais raras vezes presidirem pessoas de integridade! Porque o juiz, acima de tudo, deveria ser homem de inteireza, e não só íntegro, mas também sábio e sensato, e além disso intimorato e corajoso. Da mesma forma importa que uma testemunha seja intrépida, e a mais disso, principalmente pessoa às direitas. Pois quem deve julgar todas as causas com justiça e vigorosamente executar a sentença, muitas vezes irritará bons amigos, parentes, vizinhos, ricos e poderosos, que muito o podem servir ou

prejudicar. Por isso tem de ser inteiramente cego, e, olhos e ouvidos cerrados, não ver e ouvir senão diretamente em frente, o que se lhe apresenta, e de acordo com isso deve lavrar a sentença.

Este mandamento mira, pois, em primeiro lugar, a que cada qual ajude o próximo no sentido de lhe garantir o seu direito. Não permitirá que seja obstaculizado ou torcido, mas há de promover-lhe o direito e sobre ele vigiar com firmeza, quer seja ele juiz, quer testemunha e seja qual for o caso em questão! E com isso fica especialmente fixada uma meta aos nossos senhores juristas: terem o cuidado de tratar das coisas reta e sinceramente, deixando ser justo o que justo é, e, por outro lado, não torcer, nem encobrir ou silenciar, sem levar em consideração dinheiro, bens, honra ou poder. Esse é um dos pontos e o sentido mais imediato deste mandamento quanto a tudo o que sucede nos tribunais.

Estende-se, em segundo lugar, muito mais, se é para ser referido à jurisdição ou regime espiritual. Aqui o que sucede é que cada qual testemunha falsamente contra o próximo. Pois onde há pregadores e cristãos piedosos, têm aos olhos do mundo a sentença de serem chamados de hereges, apóstatas, sim, malfeitores sediciosos e ímpios. Além disso a palavra de Deus tem de deixar que da maneira mais vergonhosa e virulenta seja perseguida, blasfemada, acusada de mentirosa; pervertida e erroneamente citada e interpretada. Mas isso que siga seu caminho; pois que é da natureza do mundo cego condenar e perseguir a verdade e os filhos de Deus e contudo não considerar pecado tal coisa. Em terceiro lugar - o que a todos nos toca-, este mandamento proíbe todo pecado da língua por que se possa causar dano ao próximo ou magoá-lo. Porque "dizer falso testemunho" outra coisa não é senão obra da boca. Tudo, pois, quanto se faz contra o próximo com obra da boca, Deus quer proibido, quer se trate de falsos pregadores com sua doutrina e blasfêmias, quer de falsos juízes e testemunhas com a sentença, ou em outras ocasiões, fora do tribunal, com mentiras e maledicência. Aqui vem especialmente ao caso o vício detestável e vergonhoso de fazer má ausência ou caluniar; com que o diabo nos aperta. Muito se poderia dizer a esse respeito. Porque é praga danosa comum isso de cada qual gostar mais de ouvir falar mal do que bem do próximo. E, posto sermos nós mesmos tão maus, que não podemos suportar diga alguém algo de mal a nosso respeito, apetecendo cada qual, ao contrário, que todo o mundo fale coisas áureas dele; não toleramos, contudo, ouvir alguém dizer o melhor a respeito de outrem.

Por isso, a fim de evitar esse vício, devemos lembrar que a ninguém cabe julgar e censurar publicamente o próximo ainda quando o vê pecar, a menos que tenha ordem de julgar e censurar; pois diferença mui grande vai entre julgar pecado e ter conhecimento de pecado. Podes, na verdade, estar ciente de pecado, mas não deves julgá-lo. Bem posso ver e ouvir que o próximo peca, mas não é incumbência minha contá-lo a outros. Agora, se me adianto e passo a julgar e sentenciar, caio em **pecado maior** que o do outro. Se tens ciência de um pecado, outra coisa não faças senão transformar os ouvidos em sepultura e fechá-la, até receberes ordem de ser juiz e punir oficialmente.

Chamam-se, pois, difamadores aqueles que não se satisfazem com só conhecer, mas avançam e se antecipam ao julgamento, e quando têm ciência de uma coisinha a respeito de outrem, levam-na a todos os cantos, sentindo cócegas e titilando pelo fato de poderem revolver sujeira alheia; como porcos que chafurdam e afocinham a lama. Isso outra coisa não é senão usurpar o juízo e ofício de Deus, sentenciando e castigando com o veredito mais severo. Porque juiz nenhum pode castigar mais gravemente ou ir mais longe do que dizer: Este é ladrão, assassino, traidor, etc. Consequentemente, quem ousa dizer tal coisa do próximo, arroga-se autoridade igual à do imperador e de todos os magistrados. Pois, conquanto não empunhas a espada, todavia fazes uso de tua língua venenosa para desonra e dano do próximo.

Por isso Deus quer proibido que alguém fale mal de outrem, mesmo que seja culpado e a gente bem o saiba; muito menos ainda quando a gente não sabe e apenas o tem de ouvir dizer. Talvez digas: "Não devo então dizê-lo se é verdade?" Resposta: "Porque não o levas ao conhecimento de juízes regulares?" "Bem, não posso testemunhá-lo publicamente; poderia acontecer que me tapassem a boca e me despachassem asperamente". Ah! meu caro, estás percebendo a coisa? Se não tens coragem de apresentar-te a pessoas autorizadas e assumir responsabilidade, então cala a boca. E se tens conhecimento de algo, sabe-o para ti, não para outros. Pois se o contas a outros, passas por mentiroso, bem que seja verdade, porque não o podes provar. Além disso, ages como indivíduo malvado, pois que a ninguém se deve privar de sua honra e boa fama, a menos que já lhe hajam sido tiradas publicamente.

Falso testemunho, portanto, é tudo o que não se pode provar devidamente. Razão por que ninguém deve tornar público nem dar como verdadeiro o que não é manifesto em virtude de provas suficientes. Em suma, deve deixar-se em segredo o que é secreto, ou pelo menos castigá-lo secretamente, conforme ouviremos. Por conseguinte, se topares uma boca danada que espalha coisas a respeito de outro e o calunia, lança-lho francamente em rosto, para deixá-lo corado de vergonha. Assim hão de calar a boca muitos que de outra maneira transformam um pobre infeliz em vítima de maledicência, da qual dificilmente voltará a libertar-se. Porque honra e bom nome facilmente se tiram, mas não é fácil restituí-los.

Vês, portanto, que é absolutamente proibido falar em maus termos do próximo. Excetuam-se, contudo, os magistrados civis, os pregadores e os pais. De sorte que todavia se entenderá esse mandamento de maneira que o mal não fique impune. Agora, assim como de acordo com o quinto mandamento a ninguém se deve danificar no corpo, exceção feita, porém, do carrasco; o qual, em virtude de seu ofício, nenhum bem faz ao próximo, senão apenas dano e mal, sem que com isso peque contra o mandamento de Deus, visto que a instituição desse ofício foi iniciativa divina. pois reservou o castigo à sua vontade. conforme adverte no primeiro mandamento, assim também, posto que ninguém, por si mesmo, deve julgar e condenar a quem quer que seja, todavia, se não o fazem aqueles que para fazê-lo têm mandamento, pecam tanto quanto .aquele que o fizesse por conta própria, fora do ofício. Porque aqui a necessidade exige que se fale do mal, se acuse, declare, interrogue e testemunhe. E a situação não é diversa do caso do médico, que de vez em quando se vê obrigado a inspecionar e apalpar as partes secretas da pessoa que lhe cabe curar. Da mesma forma os magistrados, os pais, sim, até irmãos e irmãs e bons amigos, têm a mútua obrigação de castigar o mal onde for necessário e proveitoso. O procedimento correto, porém, seria ater-se à ordem do evangelho, Mateus 19, onde Cristo diz: “Se teu irmão pecar contra ti, vai arguí-lo entre ti e ele só.” Aqui tens preciosa e excelente doutrina de como governar bem a língua. Dela cumpre tomar boa nota contra o detestável abuso. Seja esta, portanto, a tua norma: não sair logo por aí a divulgar coisas a respeito do próximo e a difamá-lo, mas admoestá-lo em particular, para que se emende. Semelhantemente, outrossim, quando alguém te leva aos ouvidos o que esse ou aquele fez, também a ele ensina da mesma forma:

que vá e o repreenda pessoalmente, se viu a coisa; caso contrário, que cale a boca.

Isso também o podes aprender do diário governo da casa. Pois assim procede o pai de família: quando vê que o criado não cumpre o seu dever, aperta com ele pessoalmente. Se, porém, fosse tolo a ponto de, deixando o servo em casa, sair à rua para queixar-se junto aos vizinhos, dir-lhe-iam por certo: "Ora, seu tonto! E nós com isso?! Por que não o dizes a ele mesmo?" Isto seria agir deveras fraternalmente. Remediar-se-ia destarte o mal, e o próximo continuaria em honra. Como também diz Cristo naquele passo: "Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão!" Aí então praticaste grande e excelente obra. Pensas que é coisa de pequena monta ganhar um irmão? Que se adiantem todos os monges e santas ordens com todas as suas obras fundidas em uma só massa, e vejamos se podem gloriar-se de haverem ganho um irmão. Demais ensina Cristo: "Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça!" Por forma que sempre se há de tratar com a própria pessoa a quem o caso diz respeito e não se falará dela sem o seu conhecimento. Se isso não adiantar, então apresenta o assunto publicamente à comunidade, diante de tribunal civil ou espiritual. Porque aqui não estarás sozinho, mas terás contigo aquelas testemunhas, pelas quais podes provar a culpa do réu.

O juiz pode fundamentar-se nisso, pronunciar a sentença e castigar. Pode alcançar-se assim, de maneira ordenada e justa, o alvo de reprimir ou melhor os maus. Se, por outro, arrastamos alguém com a boca por todos os cantos e revolvemos a imundície, ninguém é melhorado, e depois, quando se deve responder e testemunhar, a gente não quer ter dito nada. Bem feito seria para tais bocas se se lhes curasse vigorosamente a comichão, para que outros daí tirassem exemplo. Se a tua motivação fosse a melhora do próximo ou o amor à verdade, não andarias à socapa, nem fugirias do dia e da luz. Tudo isso foi dito com referência a pecados secretos. Onde, porém, o pecado é inteiramente público, de tal modo, que o juiz e todo o mundo bem o conhecem, podes, em qualquer pecado, evitar a pessoa e deixá-la entregue à própria sorte, como alguém que a si mesmo se desgraçou. Podes, além disso, testemunhar publicamente a seu respeito. Pois não pode haver difamação nem juízo e testemunho falso onde a coisa é manifesta. Assim, por exemplo, quando presentemente censuramos o papa com

sua doutrina, que é publicamente dada à luz em livros e apregoada no mundo universo. Porque onde é público o pecado, justo é que haja reprovação pública, a fim de que todos saibam precaver-se dele. Assim temos agora a suma e o sentido geral desse mandamento: que ninguém deve causar dano ao próximo com a língua, quer se trate de amigo, quer de inimigo, nem deve falar mal dele, pouco importa se é verdade ou mentira, a menos que seja decorrência de mandato ou vise a melhorar. Cumpre, ao contrário, fazer uso da língua para falar o melhor a respeito de todos, encobrir seus pecados e fragilidades, escusá-los e os embelezar e velar com sua honra.

A razão para isso deve ser, principalmente, a que Cristo indica no evangelho, e com que quer resumidos todos os mandamentos a respeito do próximo: “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles”.

Também no-lo ensina a natureza, em nosso próprio corpo-, conforme diz São Paulo, em 1 Co 12: “Os membros do corpo que nos parecem ser os mais fracos, são os mais necessários; e os que nos parecem os menos dignos, a estes damos a maior honra; e os que em nós não são decorosos, revestimos da maior honra.” O rosto, os olhos, o nariz e a boca ninguém cobre; pois sendo em si mesmos os membros mais honrosos que temos, não precisam disso. Os mais frágeis, porém, dos quais nos envergonhamos, cobrimos com toda diligência. Aí então as mãos, os olhos e o corpo inteiro precisam ajudar a cobrir e velar. Da mesma forma também devemos todos nós, reciprocamente, velar o que em nosso próximo é desonroso e falho, e, com tudo o que em nós está, servir a sua honra, ajudar e ser-lhe útil, e, por outro lado, prevenir o que lhe possa trazer desonra. E especialmente é virtude excelente e nobre explicar com benevolência e interpretar da melhor maneira tudo o que se ouve a respeito do próximo (contanto que não se trate de coisa má de conhecimento público), ou pelo menos favorecê-lo contra as bocas venenosas que diligenciam ver onde podem descobrir e surpreender algo para criticar no próximo e interpretar e torcer a coisa da pior maneira possível, como agora sucede principalmente à preciosa palavra de Deus e aos que a pregam. De sorte que nesse mandamento está compreendido um número enorme de boas obras que agradam a Deus ao máximo e que trazem consigo superabundante bem e benção, se tão-só os quisessem reconhecer o mundo cego e os falsos santos.

Porque no homem todo nada há que possa fazer mais bem ou maior mal, em coisas espirituais e seculares, do que a língua, que todavia é o menor e mais frágil dos membros.

Nono e Décimo Mandamento
NÃO COBIÇARÁS A CASA DO TEU PRÓXIMO
NÃO COBIÇARÁS SUA MULHER, EMPREGADO,
EMPREGADA, GADO, NEM COISA ALGUMA QUE LHE
PERTENÇA

Esses dois mandamentos, a rigor; foram dados exclusivamente aos judeus, ainda que em parte dizem respeito também a nós. Pois eles não os interpretam como referentes à incastidade ou ao furto, porque a esse respeito há proibição suficiente acima. Pensavam, outrossim, que tinham cumprido todos aqueles mandamentos, quando exteriormente houvessem, feito ou não as obras. Por isso Deus acrescentou esses dois mandamentos, para que também se considere pecado e coisa proibida cobiçar a mulher ou os bens do próximo, ou, de alguma forma, pretendê-los para si. E isso especialmente porque no regime judaico empregados e empregadas não eram livres, como agora, para trabalhar por salário, pelo tempo que lhes aprouvesse; mas eram, incluído o corpo e tudo o que possuíam-, propriedade de seu senhor, tal como o gado e outros bens. Além disso, cada qual tinha sobre sua mulher o poder de publicamente despedi-la por um termo de divórcio e tomar outra. Assim, tinham de andar prevenidos, uns com os outros, de que, se alguém desejasse a mulher de outro, arranjasse algum motivo tanto para despedir sua mulher, como para desviar do outro a mulher deste, a fim de então apossar-se dela com boa razão. Por isso, entre eles, não era pecado nem vergonha, tão pouco quanto, de presente, o é relativamente a empregados domésticos, quando um dono" de casa despede seu empregado ou empregada, ou um alicia os empregados de outro.

Por isso, digo, interpretaram esses mandamentos da seguinte maneira - como aliás é correto, se bem que seu sentido seja ainda algo mais amplo e elevado - que ninguém deve cogitar e tomar o propósito de assenhorear-se daquilo que é de outrem, como, por exemplo, mulher, empregados, casa e lar, campos, prados, gado, embora seja com aparência de direito e a bom pretexto, contudo, em prejuízo do próximo. Pois acima, no sétimo mandamento, fica proibida a maldade de

apoderar-se de bens alheios ou sonegar ao próximo algo sem que se possa fazê-lo com direito. Mas aqui também se proíbe tirar ao próximo qualquer coisa astuciosamente, ainda que aos olhos do mundo se possa fazê-lo honrosamente, de modo tal, que ninguém ouse acusar e censurar-nos, como se o tivéssemos conseguido injustamente. Porque a natureza está em condições tais, que ninguém consente ao outro tanto quanto a si mesmo, e cada qual se apossa de quanto lhe é possível. O outro que fique onde puder. E não obstante pretendemos ser gente correta, sabemos dissimular-nos finissimamente e encobrir a trapaça. Procuramos e excogitamos jeitinhos espertos e astutas manhas (como hoje em dia são inventados, cotidianamente, da maneira mais engenhosa), fazendo de conta que são atos derivados do direito. Ousadamente nos atrevemos a apelar para eles, teimamos neles e queremos que se chame a isso não malvadez, senão perspicácia e circunspeção. Para isso também contribuem juristas e advogados que torcem e esticam o direito de acordo com os interesses de sua causa. Torturam as palavras e as usam como subterfúgio, sem levar em consideração a equidade e a necessidade do próximo. Em suma, aquele que nessas coisas é o mais hábil e ardiloso é quem maior ajuda consegue do direito. É como dizem: *“rigilantibusjura subveniun.”*

Esse último mandamento, por conseguinte, não se endereça aos que são malfeitores aos olhos do mundo, mas exatamente aos mais probos, que querem ser louvados e chamados de pessoas honestas e sinceras, já que não transgrediram os mandamentos precedentes. É como especialmente os judeus queriam ser vistos, e ainda agora muitos grandes fidalgos, senhores e príncipes. Pois o lugar dos outros, da turba comum, fica situado muito mais baixo ainda na escala, a saber, no sétimo mandamento, já que não perguntam muito como ganham com honra e direito o que possuem. Os casos em que se dá isso com a maior frequência são as ações judiciais com que se intenta ganhar e extorquir algo do próximo. Por exemplo, quando se briga e questiona por causa de uma grande herança, por bens de raiz, etc. Aí se argumenta com tudo o que tenha aparência de direito; a gente exagera e disfarça a coisa de tal maneira, que a lei tem de ficar a nosso favor; e assim se fica com os bens firmado em título de natureza tal, que ninguém tem como apresentar queixa ou reivindicação. Mais um exemplo: alguém gostaria de assenhorear-se de um castelo, cidade, condado ou outra coisa grande, e então pratica tanto logro com o auxílio de sua parentela e de qualquer outro meio ao seu alcance, que propriedade de outrem é adjudicada a

ele, e, além disso, confirmada com escritura e selo, para ficar atestado que se adquiriu a coisa mediante título principesco e honestamente. Sucede a mesma coisa em negócios comuns, onde um, arditosamente, arrebatou algo a outro, ficando a vítima condenada a mamar no dedo, ou onde alguém, percebendo vantagem e proveito para si, surpreende e defrauda a outro, de modo que esse, talvez em razão de penúria ou endividamento, não possa manter a propriedade, nem vendê-la sem prejuízo, querendo, então, o primeiro, a metade ou mais de graça, e todavia se pretende que isso não deve ser considerado aquisição injusta ou roubo, mas compra honesta. Como lá dizem: “O primeiro é o melhor”; e: “Cada qual atente por sua vantagem”. O outro tenha o que puder. E quem pretenderia ser engenhoso bastante para excogitar todas as coisas de que a gente se pode apossar sob esse pretexto sutil, sem que o mundo o considere ação injusta. E o mundo se nega a ver que o próximo é prejudicado com isso e se vê obrigado a abrir mão de coisa que não pode dispensar sem dano. E todavia não há ninguém que queira se faça tal coisa a ele. Por onde bem se percebe que semelhante subterfúgio e pretexto é falso. O mesmo também se deu outrora com as mulheres. Aí conheciam artifícios da espécie seguinte: quando alguém gostava de outra, fazia, pessoalmente ou por outros (pois que se podiam excogitar vários meios e caminhos) com que seu marido concebesse aversão por ela, ou que ela se lhe opusesse e se portasse de forma tal, que ele houvesse de despedi-la e deixá-la ao outro. Tal coisa, sem dúvida, prevalecia fortemente sob o regime da lei. Assim também se lê no evangelho; com respeito ao rei Herodes, que, ainda em vida de seu irmão, se casou com a mulher deste. Assim mesmo, quis ser tido na conta de homem honrado e íntegro, do que também lhe dá testemunho São Marcos. Mas tal exemplo, espero, não ocorrerá entre nós - excetuada a hipótese de alguém arditosamente arrebatou a outrem uma noiva rica -, visto o Novo Testamento proibir que os casados se divorciem. Não é, porém, coisa rara entre nós aliciar um o empregado ou a empregada de outro, ou fazer com que se estranhem do outro, ou, de outra forma, com palavras suaves, conseguir que abandonem seu senhor.

Seja qual for a maneira em que tudo isso aconteça, o que nos cumpre saber é não querer Deus que arrebatemos ao próximo o seu de maneira que ele tenha de sentir falta, ao passo que nós saciamos nossa avidez, ainda que aos olhos do mundo o possa fazer sem perder a honra. Pois trata-se de secreta e pérfida maldade, e é, como se diz, agenciar debaixo da mão; para que não seja percebido. Pois, embora te hajas como se a

ninguém tivesses feito injustiça, contudo ofendeste o próximo. E se não se chama furtar ou ludibriar, todavia se chama cobiçar os bens do próximo, isto é, tê-los em mira e dele aliená-los sem sua anuência, e não querer consentir-lhe o que Deus lhe deu. E ainda que o juiz e todo o mundo tenham de permitir que fiques na posse dos bens, não o permitirá, todavia, Deus, pois ele bem vê o coração perverso e a malícia do mundo, que, onde se lhe cede a largura de um dedo, toma ainda um côvado, de forma tal, que também se seguem aberta injustiça e violência. De sorte que deixamos permanecer esses mandamentos em seu sentido geral. Em primeiro lugar, que ordenam não desejemos mal ao próximo, e também que não colaboremos para tal ou demos causa; que, ao contrário, lhe consintamos e deixemos o que tem, e, além disso, promovamos e preservemos o que lhe possa ser de proveito e serviço, tal como quiséramos se fizesse a nós. Miram, assim, especialmente, à inveja e à malfadada ganância. Com isso. Deus quer eliminar a causa e raiz de onde surge tudo aquilo porque se faz dano ao próximo. Por isso também o expressa, claramente, com 'as palavras: "Não cobiçarás": etc. Pois quer, acima de tudo, esteja puro o coração, se bem que, enquanto aqui vivemos, não podemos alcançá-lo. De sorte que esse, como os demais, é mandamento que incessantemente nos acusa e mostra qual a situação em que está a nossa probidade aos olhos de Deus.

CONCLUSÃO DOS DEZ MANDAMENTOS

Temos, pois, os Dez Mandamentos, modelo de doutrina divina para o que devemos fazer, a fim de que toda a nossa vida agrade a Deus, e a verdadeira fonte e canal de que deve manar e por que deve fluir tudo quanto quer ser boa obra. Fora dos Dez Mandamentos, por conseguinte, nenhuma obra e conduta pode ser boa e agradável a Deus, por grande e preciosa que seja aos olhos do mundo. Vejamos, agora, o que os nossos grandes santos podem gabar a respeito de suas ordens espirituais e de suas grandes e pesadas obras, que eles mesmos inventaram e introduziram, largando de mão, por outro lado, os mandamentos, como se fossem demasiadamente insignificantes ou já de muito liquidados. Eu, na verdade, penso que a gente aqui teria muito a fazer para observar estas coisas: mansidão, paciência e amor para com inimigos, castidade, caridade, etc., e tudo o que elas envolvem. Tais obras, entretanto, não valem nem reluzem aos olhos do mundo. Porque não são raras e relevantes, presas a Tempo, lugares, costumes e ritos especiais, próprios, senão obras caseiras comuns e diárias, que um vizinho pode

praticar relativamente a outro. Por isso não gozam de estima. Aqueloutras, porém, chamam a atenção dos homens. Para esse efeito ajudam eles mesmos, através de grande pompa, aparato e magníficas edificações. De tal forma as adornam, que tudo brilha e luz. Aí incensam, cantam e fazem retinir, acendem velas e luzes, para que em presença dessas obras nenhuma outra se possam ouvir e ver. Pois, que um clérigo esteja de casula dourada, ou um leigo passe o dia inteiro genuflexo na igreja, a isso se chama de obra preciosa, que ninguém pode louvar bastantemente. Mas isso de uma pobre garota cuidar de uma criancinha e cumprir com fidelidade o que lhe é ordenado, é coisa a que se nega qualquer valor. Não fosse assim e por que monges e monjas iriam a mosteiros?

Mas considera: acaso não é maldita presunção desses santos desesperados que se atrevem a encontrar vida e estados mais sublimes e melhores que aquilo que os Dez Mandamentos ensinam? Alegam, conforme dito, que é vida ordinária, para o homem comum, ao passo que a deles é para os santos e perfeitos. Não vê essa gente infeliz e obcecada que homem nenhum pode chegar a cumprir, da maneira devida, um só que seja dos Dez Mandamentos. É preciso, antes, conforme veremos, que venham em auxílio tanto o Credo como o Pai-Nosso, mediante os quais se pode procurar, pedir e recebê-lo sem cessar. Razão por que sua jactância é como se eu me vangloriasse dizendo: “É bem verdade que não tenho um vintém sequer com que pagar, mas fio deveras que estou em condições de pagar dez florins”! Digo e inculco isso para libertar do deplorável abuso, que tanto se arraigou e ainda a todos se apegam, e a fim de os homens, em todas as ordens da terra, se acostumarem a olhar apenas nessa direção e nisso atentar. Porque longe se está de produzir doutrina e estado que se igualem aos Dez Mandamentos, pois tão elevados são eles, que ninguém pode alcançá-los por força humana. E quem os alcança é homem celeste, angélico, muito acima de toda santidade do mundo. Ocupa-te com eles e neles te experimenta bem; emprega toda a força e poder na tarefa: terás tanto que fazer, na verdade, que não buscarás nem considerarás outras obras ou santidade. Baste isso com respeito à primeira parte, tanto para ensinar como para admoestar. Mas, em conclusão, devemos repetir o texto do qual já tratamos acima, no primeiro mandamento, para aprendermos quanto esforço Deus quer aplicado na tarefa de aprender a inculcar e exercitar os Dez Mandamentos. “Eu, o Senhor, teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a

iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem, mas faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos”.

Ainda que esse apêndice, conforme vimos acima, primariamente é anexo ao primeiro mandamento, todavia é posto por causa de todos os mandamentos, já que todos a ele se referem e para ele se devem orientar. Por isso disse que cumpre mostrar e inculcá-lo também à juventude, para que o aprenda e retenha, a fim de se ver o que nos deve impelir e obrigar a cumprir esses Dez Mandamentos. E não se deve considerá-lo de outro modo senão do seguinte: como se essa parte fosse acrescentada particularmente a cada mandamento, de tal forma, que valha em todos e através de todos.

Agora, como já ficou dito; nessas palavras estão compreendidas uma irada ameaça e uma amigável promessa, para atemorizar e advertir-nos, e, além disso, atrair e estimular-nos, a fim de que recebamos sua palavra como seriedade divina e a tenhamos em alta estima, visto ele mesmo dizer expressamente quanta importância lhe atribui e quão severamente quer vigiar sobre ela, a saber, que quer castigar de maneira horrenda e pavorosa a todos os que desprezam e transgridem os seus mandamentos; e; por outro lado, quão ricamente quer galardoar e beneficiar, bem como dar toda sorte de bens aos que os têm em grande honra e de bom grado atuam e vivem de acordo com eles.

Exige, assim, que tudo proceda de um coração que tema exclusivamente a Deus e só a ele tenha diante dos olhos, é que, em virtude desse temor, se abstenha de tudo quanto é contra a sua vontade, para não lhe provocar a ira, e, por outro lado, também confie somente nele, e por amor a ele faça o que é de sua vontade, porque ele se manifesta tão amigavelmente como Pai e nos oferece toda graça e todos os bens. E este é exatamente o sentido e a correta interpretação do primeiro e principal dos mandamentos, do qual devem manar e proceder os demais. De sorte que a palavra "Não terás outros deuses" muito simplesmente não quer dizer outra coisa senão isso que aqui se exige: "A mim, como o teu único e verdadeiro Deus, temerás e amarás, e em mim confiarás!" Pois onde há um coração com essa disposição para com Deus, tal coração cumpriu esse mandamento e os demais. Por outro lado, quem temer e amar outra coisa, no céu e na terra, não cumprirá esse mandamento, nem qualquer dos demais. Assim toda a Escritura pregou e inculcou; por toda a parte,

esse mandamento, e orientou tudo para estas duas partes: temor de Deus e confiança nele. É o que faz especialmente o profeta Davi, ao longo de todo o Saltério, como, por exemplo: “Agrada-se o Senhor dos que o temem, e dos que esperam na sua misericórdia! É como se com um só versículo se interpretasse o mandamento inteiro e se dissesse tanto como: “Agrada-se o Senhor dos que não têm outros deuses.”

Por forma que o primeiro mandamento deve luzir e penetrar de seu esplendor todos os outros. Razão por que cumpre deixares que essa parte atravesse todos os mandamentos, como o fecho ou o arco de uma coroa, para que junte o fim e o princípio e mantenha todos unidos, a fim de sempre ser repetido e jamais esquecido. Como, por exemplo no segundo mandamento: que se tema a Deus e não se abuse de seu nome para amaldiçoar, mentir, enganar e outros desvios e infâmias, mas que se faça uso próprio e bom de seu nome, com invocação, prece, louvor e graça, em virtude de amor e confiança, hauridos de acordo com o primeiro mandamento. Da mesma forma, esse temer, amar e confiar devem impelir e obrigar-nos a que não desprezemos a palavra de Deus, mas a aprendê-la, gostar de a ouvir, considerá-la santa e honrá-la.

E assim, adiante, através dos mandamentos seguintes, com respeito ao próximo. Tudo em virtude do primeiro mandamento: que honremos pai e mãe, os senhores e todas as autoridades, e lhes seamos submissos e obedientes, não por causa deles, mas por causa de Deus. Pois não é o caso de considerar e temer pai e mãe; e fazer ou omitir algo para agradar a eles. Atenta, porém, no que Deus quer de ti e mui decididamente exigirá. Se te omites aqui, tens um juiz irado, e, em caso contrário, um pai gracioso. Também não causarás dano e prejuízo ao próximo, não lhe farás violência, nem de forma nenhuma o molestarás, quer se trate de seu corpo, quer de seu cônjuge, bens, honra ou direito, conforme sucessivamente está ordenado; ainda que tivesses possibilidade e motivo para tanto e ninguém te censurasse por isso.

Deves, ao contrário, fazer o bem a todos, ajudar e favorecer onde e como puderes, unicamente por amor a Deus e para seu agrado, confiante de que ele te recompensará de maneira generosa. Vês, portanto, que o primeiro mandamento é a cabeceira e fonte que flui através dos demais e que, por outro lado, todos a ele se referem e dele dependem, de modo que fim e princípio estão de todo unidos e ligados entre si. Digo que é proveitoso e necessário sempre mostrar isso aos jovens, admoestá-los e

lho recordar, a fim de não serem criados apenas com pancadas e coerção, como o gado, mas em temor e reverência a Deus. Pois onde se pondera e acolhe no coração o fato de não se tratar de frivolidade humana, senão dos mandamentos da alta Majestade, que por eles vela com grande seriedade, se encoleriza e castiga a quem os despreza, recompensando, por outro lado, riquissimamente, a quem os guarda, aí haverá estímulo e impulso espontâneos no sentido de fazer a vontade de Deus de bom grado. Por isso não é sem razão que no Antigo Testamento se ordena escrever os Dez Mandamentos em todas as paredes e cantos, e até nos vestidos. Não para deixá-los apenas escritos aí e ostentá-los, à exemplo do que faziam os judeus; senão para tê-los sempre diante dos olhos e em mente, praticá-los em toda a nossa atividade e conduta. E cada qual deve exercitar-se neles diariamente, em toda sorte de casos, obras e negócios, como se estivessem escritos em todos os lugares para os quais dirige o olhar, e mesmo onde quer que ande ou esteja parado. Assim encontraríamos razão suficiente para nos aplicarmos à prática dos Dez Mandamentos, tanto com respeito a nós mesmos, em casa, como em relação aos vizinhos.

Ninguém precisaria ir longe à cata de motivos. Disto se vê mais uma vez a que altura se devem elevar e exaltar os Dez Mandamentos, acima de todos os estados, preceitos e obras que se ensinam e inculcam fora deles. Porque aqui podemos lançar a luva dizendo: Que se adiantem todos os sábios e santos, e vejamos se podem produzir uma obra como esses mandamentos, que Deus requer com tanta seriedade e ordena sob pena de sua maior ira e castigo. Além disso, acrescenta promessa tão gloriosa: que nos quer cumular de todos os bens e bênçãos. Razão por que sem dúvida os devemos ter por preciosos e valorizá-los acima das demais doutrinas, como o maior dos tesouros que Deus nos deu.

Segunda Parte DO CREDO

Até aqui ouvimos a primeira parte da doutrina cristã, e nela vimos tudo quanto Deus quer que façamos ou deixemos de fazer. Com razão segue agora a isso o Credo, que nos apresenta tudo o que devemos esperar e receber de Deus, e, para dizê-lo em breves palavras, nos ensina a conhecê-lo plenamente. Isto nos deve servir, exatamente, para que possamos fazer aquilo que, segundo os Dez Mandamentos, nos cumpre

fazer. Porque os mandamentos, conforme dissemos acima, situam-se em posição tão elevada, que a força de todos os homens é demasiadamente diminuta e frágil para cumpri-los. Aprender esta parte, por isso, é tão necessário quanto o é aprender aquela, a fim de saber-se como alcança-lo, de onde e por que se possa receber tal força. Pois, se pudéssemos cumprir os Dez Mandamentos com nossas próprias forças, tal como devem ser cumpridos, de nada mais precisaríamos, nem do Credo, nem do Pai-Nosso. Mas antes de expor esse proveito e necessidade do Credo, basta para pessoas bem simples que, como primeiro passo, captem e aprendam a entender o Credo em si mesmo.

Em primeiro lugar, tem-se dividido o Credo, até agora, em doze artigos, conquanto, se a gente quisesse tomar, uma a uma, todas as partes que estão na Escritura e pertencem ao Credo, haja muito mais artigos. Também não é possível expressar todos de maneira clara em tão poucas palavras. Todavia, para que se possa captá-lo do modo mais fácil e simples, como se deve ensiná-lo às crianças, vamos compendiar, sumariamente, todo o Credo em três artigos principais correspondentes às três pessoas da Divindade, às quais se refere tudo o que cremos. De forma tal, que o primeiro artigo, de Deus **Pai**, explique a criação; o segundo, do Filho, a redenção; o terceiro, do Espírito Santo, a santificação. Como se o Credo estivesse compreendido, da maneira mais breve, em apenas tantas palavras: creio em Deus **Pai**, que me criou; creio em Deus Filho, que me redimiui; creio no Espírito Santo, que me santifica. Um só Deus e uma só fé, porém três pessoas, e por isso também três artigos ou confissões. Vamos, pois, comentar, brevemente, as palavras.

Primeiro Artigo

CREIO EM DEUS, O PAI TODO PODEROSO, CRIADOR DO CÉU E DA TERRA

Aqui fica descrito e proposto, brevissimamente, o que é a essência, a vontade, a atividade e obra de Deus Pai. Pois, visto os Dez Mandamentos haverem exposto que não se deve ter mais de um Deus, a gente poderia perguntar agora: "Que espécie de ser é Deus? que faz ele? como se pode louvá-lo ou representá-lo e descrevê-lo, de modo que seja conhecido?" É o que ensina este artigo e os seguintes. De sorte que o Credo outra coisa não é senão resposta e confissão dos cristãos

fundamentadas no primeiro mandamento. Se, por exemplo, perguntássemos a um pequenino: “Meu filho; que espécie de Deus tens tu? que sabes a respeito dele?” deveria poder responder: “Eis o meu Deus: em primeiro lugar, o Pai, que fez o céu e a terra. Fora desse único Deus, a nada considero como Deus, porque outro não há que pudesse criar céus e terra.” Para os doutos, entretanto, e os que são algo versados; podem-se tratar os três artigos bem desenvolvidamente; e dividi-los em tantos artigos quantas são as palavras. Agora, porém, tratando-se de alunos jovens, baste indicar o mais necessário? a saber, conforme dito, que esse artigo diz respeito à criação. De sorte que podemos apoiar-nos sobre a palavra: “Criador do céu e da terra!” Que significa, pois, ou que queres dizer com a palavra: “Creio em Deus, Pai onipotente, criador” etc? Resposta: Quero dizer e creio que sou criatura de Deus, isto é, que ele me deu, e sem cessar conserva, corpo, alma e vida, pequenos e grandes membros, todos os sentidos, razão e inteligência, etc.; comida e bebida, vestimenta, alimento, mulher e filhos, empregados, casa e lar; etc. Além disso, põe todas as criaturas a serviço de nosso proveito e das necessidades de nossa vida: o sol, a lua e as estrelas no céu, o dia e a noite, o ar, o fogo, a água, a terra e tudo quanto ela carrega e pode produzir: aves, peixes, animais, cereais e toda sorte de plantas, e os restantes bens corporais e temporais: bom governo, paz, segurança. De sorte que se deve aprender por esse artigo que nenhum de nós tem de si mesmo a vida, nem coisa alguma do que acabamos de enumerar e do que pode ser enumerado, e também que não está em nosso poder conservar qualquer dessas coisas, por pequena e insignificante que seja, pois tudo está compreendido na palavra “Criador”. Confessamos, além disso, que Deus Pai não nos deu apenas tudo o que possuímos e temos diante dos olhos, mas ainda nos preserva e defende, diariamente, de todo mal e infortúnio, e desvia toda sorte de perigos e desastres. E tudo isso unicamente por amor e bondade, imerecidos por nós, como Pai amoroso, que cuida de nós, para que nenhum dano nos sobrevenha. Todavia, falar mais a esse respeito pertence às outras duas partes desse artigo, onde dizemos: “Pai onipotente”.

Visto que tudo quanto possuímos, e, além disso, o que há no céu e na terra, diariamente nos é dado, conservado e protegido por Deus, segue-se por si mesmo a conclusão de que sem dúvida é nosso dever amá-lo, louvá-lo e agradecer-lhe sem cessar por causa disso, e, em suma, dedicar tudo isto a seu serviço, conforme ele o exige e ordena-nos Dez

Mandamentos. Se quiséssemos tratar do assunto exaustivamente, muito haveria para dizer com respeito a quão pequeno é o número dos que creem neste artigo. Pois que todos o passamos por alto, o ouvimos e recitamos, mas não vemos nem ponderamos o que as palavras nos mostram. Porque, se o crêssemos de coração, também agiríamos de acordo, e não andaríamos por aí tão orgulhosos, não nos mostraríamos desafiantes e não nos ufanaríamos, como se tivéssemos de nós mesmos a vida, a riqueza, o poder, a honra, etc., de sorte que se tivesse de temer e servir a nós. É assim que procede o infeliz e pervertido mundo, que está afogado em sua cegueira e mal-usa todos os bens e dons de Deus unicamente para a sua soberba, avareza, prazer e diversão, sem atentar uma vez sequer em Deus, para agradecer-lhe e reconhecê-lo como Senhor e Criador. Razão por que este artigo a todos nós humilharia e assombraria, se o crêssemos. Porque diariamente pecamos com os olhos, ouvidos, mãos, corpo e alma, dinheiro e bens, e com tudo o que temos. Especialmente aqueles que, além disso, ainda lutam contra a palavra de Deus. Os cristãos, contudo, têm a vantagem de se reconhecerem obrigados a servi-lo e obedecer-lhe por isso. Por essa razão devemos exercitar-nos diariamente neste artigo, no-lo incutir, e, em tudo o que se nos apresenta diante dos olhos e no que de bom nos sucede, bem como nos casos em que saímos de necessidades ou perigos, cumpre nos lembrarmos que é Deus quem nos dá e faz tudo isso, a fim de sentirmos e vermos nisso seu coração paterno e seu imenso amor para conosco. Isto aqueceria o coração e o estimularia a ser grato e a fazer uso de todos esses bens para honra e louvor de Deus. Assim temos, brevissimamente, o sentido desse artigo, quanto, inicialmente, é necessário aprendam os simples: o que temos e recebemos de Deus e o que devemos por isso. Mui grande e excelente conhecimento é este, mas um tesouro ainda muito maior. Pois aqui vemos como o Pai se deu a nós, juntamente com todas as criaturas, e como nos provê da maneira mais rica nesta vida, além de nos cumular ainda com bens inefáveis e eternos, por intermédio de seu Filho e de seu Espírito Santo, conforme ouviremos.

Segundo Artigo

E em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso SENHOR, o qual foi concebido pelo Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu ao inferno, no terceiro dia ressuscitou dos mortos, subiu ao céu, está sentado à

direita de Deus, o Pai Todo-Poderoso, donde há de vir para julgar os vivos e os mortos.

Aqui aprendemos a conhecer a segunda pessoa da Divindade, para sabermos o que temos de Deus além dos bens temporais anteriormente citados, a saber, como ele se derramou inteiramente, nada havendo retido que não nos desse. Acontece que esse artigo é muito rico e amplo. Todavia, para tratá-lo também de maneira breve e simples, tomaremos apenas uma palavra, nela abraçando toda a suma do artigo, a saber, conforme já dissemos, para aprender de que maneira fomos redimidos. O fundamento serão as seguintes palavras: “Em Jesus Cristo, nosso SENHOR”.

Se, pois, se pergunta: “Que crês no segundo artigo, a respeito de Jesus Cristo?” responde, bem brevemente: “Creio que Jesus Cristo, verdadeiro Filho de Deus, se tornou meu Senhor.” Agora, “tornar-se Senhor”, que significa isso? Significa que me redimiui do pecado, do diabo, da morte e de toda desgraça. Pois antes não tinha senhor nem rei, senão que estava cativo sob o poder do diabo, condenado a morte, enredado em pecado e cegueira. Porque, depois que havíamos sido criados e tínhamos recebido toda sorte de bens de Deus Pai, veio o diabo e nos levou à desobediência, ao pecado, à morte e a toda desgraça, de forma que jazíamos debaixo da ira e do desagrado de Deus, sentenciados a condenação eterna, conforme por nossa culpa havíamos merecido. Aí não havia conselho, nem auxílio, nem consolo, até que este Filho único e eterno de Deus, em sua insondável bondade, se compadeceu de nossa calamidade e miséria, e veio do céu a fim de socorrer-nos. De sorte que aqueles tiranos e carcereiros estão afugentados, e seu lugar foi ocupado por Jesus Cristo, Senhor da vida, da justiça, de todo o bem e ventura, e nos arrancou a nós homens pobres e perdidos das fauces do inferno, nos conquistou, libertou e nos trouxe de volta à clemência e graça do Pai, e nos pôs, como propriedade sua, sob seu amparo e proteção, para governar-rios com sua justiça, sabedoria, poder, vida e bem-aventurança. A suma desse artigo é, pois, que a palavrinha “Senhor”, da maneira mais singela, significa tanto como Redentor, isto é, aquele que nos trouxe do diabo a Deus, da morte à vida, do pecado à justiça, e que nisto nos conserva. Mas as partes que se seguem umas às outras neste artigo; outra coisa não fazem senão explicar e expressar essa redenção, como e por meio de que ela se realizou, isto é, o que lhe custou e o que empatou e deu para conquistar-

nos e pôr-nos sob seu domínio, a saber, que se tornou homem, foi concebido e nasceu do Espírito Santo e da Virgem sem qualquer pecado, a fim de que fosse Senhor sobre o pecado; além disso, padeceu, morreu e foi sepultado, para satisfazer por mim e pagar a dívida por mim contraída, não com prata nem com ouro, mas com seu próprio sangue precioso. E tudo isso para que se tornasse meu **SENHOR**. Pois não fez nada disso para si mesmo, nem o necessitava. Depois ressurgiu, tragou e devorou a morte, e por fim subiu ao céu e assumiu o domínio à destra do Pai, de sorte que o diabo e todos os poderes lhe têm de estar submissos e ficar debaixo dos seus pés; até que, afinal, no último dia, ele nos separe e aparte completamente do mundo malvado, do diabo, da morte, do pecado, etc. Mas desenvolver cada uma dessas partes especialmente não pertence ao breve sermão para as crianças, porém aos sermões extensos que se pregam ao longo do ano, particularmente nos tempos estabelecidos para tratar desenvolvidamente cada um dos artigos: o nascimento, a paixão, a ressurreição, a ascensão de Cristo, etc. E, na verdade, o evangelho todo que pregamos repousa sobre a compreensão acertada deste artigo, do qual depende toda a nossa salvação e bem-aventurança e é tão rico e abrangente, que nunca o aprenderemos de todo.

Terceiro Artigo

Creio no Espírito Santo, uma Santa Igreja Cristã, a Comunhão dos Santos, a remissão dos pecados, a ressurreição da carne e a vida eterna. Amém.

Esse artigo, conforme dito, não posso intitulá-lo melhor do que chamando-lhe “Da Santificação” pois nele se expressa e apresenta o Espírito Santo com seu ofício, a saber, que santifica. Por isso devemos basear-nos na palavra “ESPÍRITO SANTO”: porque e Tao densa; que não se pode encontrar outra. Na Escritura se fala, além disso, de várias espécies de espíritos, como, por exemplo, espírito do homem; espíritos celestes e espírito maligno. Mas apenas o Espírito de Deus se chama Espírito Santo, isto é, o Espírito que nos santificou e ainda nos santifica. Porque assim como o Pai é chamado Criador, o Filho, Redentor, assim o Espírito Santo, em razão de sua obra, deve chamar-se Santo ou Santificador. Mas como se realiza este santificar? Resposta: assim como o Filho obtém o domínio, pelo qual nos conquista através de seu nascimento, morte, ressurreição, etc., da mesma forma o Espírito Santo

efetua a santificação por intermédio das partes seguintes: a congregação dos santos ou igreja cristã; o perdão dos pecados, a ressurreição da carne e a vida eterna. Isto é, primeiro. nos conduz a sua santa congregação e nos põe no seio da igreja, pela qual nos prega e leva a Cristo.

Porque nem tu nem eu jamais poderíamos saber algo a respeito de Cristo ou crer nele e conseguir que seja nosso Senhor, se o Espírito não no-lo oferecesse e presenteasse ao coração pela pregação do evangelho. A obra foi feita e está completada; pois Cristo nos obteve e conquistou o tesouro por sua paixão, morte, ressurreição, etc. Se, porém, a obra ficasse oculta, de forma que ninguém soubesse dela, seria vã e perdida. Ora, para que esse tesouro não ficasse sepulto, mas fosse aplicado e fruído, Deus enviou e fez proclamar a palavra, e nela nos deu o Espírito Santo, a fim de fazer -nos ver tal tesouro e redenção e torná-lo propriedade nossa. Santificar, por isso, outra coisa não é que conduzir ao SENHOR JESUS, para receber esse bem, ao qual não poderíamos chegar por nós mesmos. Aprende, pois, a compreender este artigo da maneira mais clara. Se perguntarem: Que queres dizer com as palavras “Creio no Espírito Santo”? podes responder: “Creio que o Espírito Santo me santifica, como o seu nome indica”. Mas com que ele o faz, ou qual é sua maneira e meio para tanto?

Resposta: “Por intermédio da igreja cristã, da remissão dos pecados, da ressurreição da carne e da vida eterna” Pois, em primeiro lugar, ele tem uma congregação peculiar no mundo, congregação esta que é a mãe que gera e carrega a cada cristão mediante a palavra de Deus, que ele revela e prega. Ilumina e incende os corações, para que a entendam, aceitem, a ela se prendam e nela permaneçam.

Pois, onde ele não faz que seja pregada e não a desperta no coração, para que a captemos, aí está perdida, como aconteceu sob o papado, onde se negligenciava e obscurecia inteiramente a fé e ninguém reconheceu a Cristo como Senhor, nem ao Espírito Santo como aquele que santifica. Isto é, ninguém cria que Cristo é nosso Senhor no sentido de que nos obteve esse tesouro sem obra e mérito nossos, e que nos tornou aceitáveis ao Pai. Em que é que então consistia a falta? Nisso que lá não estava o Espírito Santo, que o tivesse revelado e feito com que se pregasse tal. Lá estiveram, ao contrário, homens e espíritos malignos que nos ensinaram a obter a salvação e alcançar a graça por nossas obras. Por isso também não é a igreja cristã. Pois onde não se

prega de Cristo, aí não há Espírito Santo, que cria, chama e congrega a igreja cristã, fora da qual ninguém pode vir ao Cristo Senhor. Baste isso quanto à suma desse artigo. Visto, porém, que os pontos nele enumerados não são lá bem claros para pessoas singelas, vamos passar também rapidamente por eles. À santa igreja cristã o Credo chama de "*communio sanctorum*": "comunhão dos santos." Pois ambas as locuções significam a mesma coisa. Antigamente, porém, uma delas não estava aí. Também é vertida mal e ininteligivelmente para o alemão: "eine Gemeinschaft der Heiligen". A se querer reproduzi-lo claramente, fora necessário expressá-lo de modo bem diverso em alemão. Porque a palavra "*ecclesia*" em alemão significa propriamente "Versammlung". Mas nós estamos acostumados à palavrinha "Kirche" que os simples não entendem no sentido de grupo reunido, mas no de casa ou edifício consagrado, bem que à casa devera chamar-se igreja apenas porque nela se reúne a multidão. Pois nós, os que nos reunimos, fazemos e tomamos um lugar especial e denominamos a casa de acordo com a assembleia. De sorte que a palavrinha "Kirche" propriamente não significa outra coisa senão "uma assembleia geral", e o termo não é de origem alemã, mas grega (como também a palavra "*ecclesia*"). Pois em sua língua lhe chamam de "*kyria*" como em latim a denominam "*cúria*". Por isso, em alemão de lei e em nossa língua materna o nome deveria ser "congregação ou assembleia cristã" ou - a melhor e mais clara das soluções - "santa cristandade".

Assim também a palavra "*communio*", que é apenas, deveria traduzir-se não "Gemeinschaft": mas "Gemeine". E outra coisa não é senão glosa ou interpretação com que alguém quis significar o que é a igreja cristã. Gente nossa que não conhecia nem latim nem alemão traduziu "Gemeinschaft der Heiligen" quando a língua alemã em parte nenhuma o diz e entende assim. Para falar alemão castiço é preciso dizer "ein Gemeine der Heiligen", isto é, uma congregação que se compõe exclusivamente de santos, ou, mais claramente ainda, "ein heilige Gemeine". Digo isso para que se entendam as palavras, porque o costume se firmou de tal maneira, que é difícil desarraigá-lo, e onde se modifica apenas uma palavra, logo se quer que seja heresia. Mas o sentido e a substância desse aditamento é o seguinte: Creio que existe na terra um santo grupinho e congregação composto apenas de santos, sob uma só cabeça, Cristo, grupo congregado pelo Espírito Santo, em uma só fé, mente e entendimento, com diversidade de dons, mas unânimes no amor, sem seitas e sem cismas. Eu também sou parte e

membro dessa congregação, co-participante e co-desfrutante de todos os bens que possui. Pelo Espírito a ela fui levado e incorporado através do fato de haver ouvido e ainda ouvir a palavra de Deus, que é o princípio para nela se entrar. Pois antes de havermos chegado a essa congregação, pertencíamos totalmente ao diabo, como pessoas que nada sabiam de Deus e de Cristo. Assim, o Espírito Santo permanece com a santa congregação, ou cristandade, até o dia derradeiro. Por ela nos busca e dela se serve para ensinar e pregar a palavra, mediante a qual realiza e aumenta a santificação, para que diariamente cresça e se fortaleça na fé e em seus frutos, que ele produz.

Cremos, além disso, que na cristandade temos perdão dos pecados, o que sucede mediante os santos sacramentos e a absolvição, bem como através de múltiplas palavras consolatórias de todo o evangelho. Razão por que pertence para cá tudo o que se deve pregar a respeito dos sacramentos, e, em suma, o evangelho inteiro e todos os ofícios da cristandade. E é necessário que também isso seja pregado sem cessar. Pois, ainda que a graça de Deus é obtida por Cristo e a santificação operada pelo Espírito Santo, mediante a palavra de Deus, na unidade da igreja cristã todavia, nunca estamos sem pecado, e isso por causa de nossa carne, que ainda arrastamos conosco. Por isso tudo na cristandade é ordenado para a finalidade de aí se buscar todos os dias simplesmente pleno perdão dos pecados pela palavra e pelos signos, para confortar e erigir nossa consciência, enquanto aqui vivemos. Assim, o Espírito Santo faz com que, posto termos pecado, este, contudo, não nos possa causar dano, visto estarmos na cristandade, onde não há senão remissão de pecados, em duplo sentido: perdoar-nos Deus e perdoarmos, suportarmos e auxiliarmos nós uns aos outros. Fora da cristandade, porém, onde não está o evangelho, outrossim não há perdão, como também não pode aí haver santidade. Por isso todos os que buscam e querem merecer santidade não pelo evangelho e a remissão dos pecados, mas por suas obras, a si mesmos se expulsaram e separaram. Entrementes, porém, enquanto a santidade está principiada e diariamente cresce, esperamos que nossa carne seja morta e sepultada com toda a sordidez, mas ressurja gloriosa e ressuscite para total e plena santidade em vida nova e eterna. Porque por ora somos apenas parcialmente puros e santos. De sorte que o Espírito Santo sempre tem de trabalhar em nós mediante a palavra e quotidianamente conceder perdão, até aquela vida em que já não haverá remissão, mas homens inteiramente puros e santos, plenos de retidão e justiça, libertados e

isentos de pecado, morte e toda desgraça, em novo corpo, imortal e transfigurado. Tudo isso, portanto, é ofício e obra do Espírito Santo: na terra ele principia a santidade e diariamente a faz crescer mediante as duas partes, a saber, a igreja cristã e a remissão dos pecados. Mas quando nos desfizemos em pó, ele completará sua obra integralmente, num só instante, e a manterá eternamente pelas últimas duas partes. Agora, isso de aqui se dizer “Auferstehung des Fleisches”, também não é bom alemão. Pois onde nós alemães ouvimos a palavra “Fleisch”, nosso pensamento não ultrapassa o açougue. Em bom vernáculo diríamos: “Auferstehung des Leibs oder Leichnams.”

Mas a coisa não é de grande circunstância, contanto que entendamos bem as palavras. Este é, pois, o artigo que sempre deve estar e permanecer em vigor? Porque a criação já é coisa feita. Também a redenção já está realizada. Mas o Espírito Santo leva avante sua obra sem cessar, até o último dia. Para tanto, institui na terra uma congregação, pela qual fala e faz tudo. Pois ainda não congregou toda a sua cristandade, nem distribuiu totalmente o perdão. Por isso cremos naquele que diariamente nos busca pela palavra, e que, pela mesma palavra, bem como pela remissão dos pecados, concede, multiplica e fortalece a fé, para finalmente, quando tudo isso estiver completado, e nós permanecermos nisso, morrendo para o mundo e toda desgraça, tornar-nos perfeita e eternamente santos, o que agora esperamos na fé, mediante a palavra. Aqui tens toda a essência, a vontade e a obra de Deus expostas da maneira mais fina, em palavras bem breves e contudo ricas. Nisso consiste toda a nossa sabedoria, que excede e sobrepairá toda sabedoria, sentido e razão dos homens. Pois o mundo inteiro, ainda que com toda a diligência buscou saber o que Deus é e o que tem em mente e faz, todavia jamais logrou alcançar qualquer dessas coisas. Mas aqui tens tudo da maneira mais rica. Porque aqui, em todos os três artigos, ele mesmo revelou e patenteou o mais profundo abismo de seu coração paterno e de seu amor totalmente inexprimível. Pois que nos criou exatamente para nos redimir e santificar, e, além de nos dar e conceder tudo quanto há no céu e na terra, ainda nos deu o seu Filho e Espírito Santo, a fim de por eles levar-nos a si mesmo. Pois, conforme explicado acima, jamais poderíamos chegar a conhecer o favor e a graça do Pai a não ser por intermédio de Cristo SENHOR, que é espelho do coração paterno, sem o qual nada vemos senão um juiz encolerizado e terrível. Mas também de Cristo nada poderíamos saber, se não tivesse sido revelado pelo Espírito Santo. Esses artigos do Credo, por

consequente, separam e apartam aos que somos cristãos de todos os outros homens da terra. Pois todos os que estão fora da cristandade, sejam gentios, turcos, judeus ou falsos cristãos e hipócritas, ainda que creiam e adorem um único Deus verdadeiro, não obstante ignoram qual o sentir de Deus relativamente a eles, nem podem esperar dele qualquer amor e bem, razão por que permanecem debaixo de eterna ira e condenação. Pois não têm o Cristo SENHOR, e além disso não são iluminados nem agraciados com nenhum dom pelo Espírito Santo. Disso vês agora que o Credo é doutrina bem diferente da dos Dez Mandamentos. Pois essa ensina o que nós outros devemos fazer; aquela, entretanto, nos diz o que Deus nos faz e dá. Os Dez Mandamentos, ademais, estão inscritos nos corações de todos os homens; ao Credo, porém, nenhuma inteligência humana o pode compreender, devendo ser ensinado unicamente pelo Espírito Santo. Razão por que aquela doutrina ainda não faz de ninguém cristão, pois sempre ainda permanecem sobre nós a ira e o desfavor de Deus, visto não podermos cumprir o que Deus de nós exige. Mas a doutrina do Credo traz puramente graça, e nos torna íntegros e agradáveis a Deus. Porque esse conhecimento nos faz sentir prazer e amor com respeito a todos os mandamentos de Deus, porquanto aqui vemos como Deus se nos dá inteiramente, com tudo o que tem e pode, em-auxílio e apoio, para o cumprimento dos Dez Mandamentos: o Pai, todas as criaturas; Cristo, todas as suas obras; o Espírito Santo, todos os seus dons. Baste isso agora quanto ao Credo, para deitar um fundamento destinado a pessoas singelas, a fim de não sobrecarregá-las. Entendida a substância, prossigam eles mesmos depois na busca, referindo a essa pane tudo o que aprendem na Escritura, sempre aumentando e crescendo em compreensão mais rica. Pois a verdade é que aqui teremos matéria para pregação e aprendizagem diárias, enquanto aqui vivermos.

Terceira Parte

O PAI NOSSO

Ouvimos agora o que se deve fazer e crer, em que consiste a melhor e mais feliz vida. Segue-se a terceira parte: como se deve orar. Pois, visto nossa situação ser tal, que ninguém pode cumprir os mandamentos perfeitamente, ainda que haja começado a crer, e visto o diabo, juntamente com o mundo e a nossa própria carne, a isso se opor com toda a força, nada é mais necessário do que viver continuamente nos

ouvidos de Deus, clamando e pedindo que nos dê, preserve e multiplique a fé e o cumprimento dos Dez Mandamentos, e remova tudo o que está em nosso caminho e nos impede. Mas, a fim de que soubéssemos como orar, o próprio Cristo, SENHOR nosso, nos ensinou a maneira e as palavras, conforme veremos. Antes, porém, de explicarmos, por partes, o Pai-Nosso, o mais necessário por certo é exortar e estimular os homens previamente a que orem, conforme o fizeram também Cristo e os apóstolos. E cumpre sabermos, em primeiro lugar, como, por causa do mandamento de Deus, temos o dever de orar. Com efeito, eis o que vimos no segundo mandamento: "Não tomarás o nome de Deus em vão!" Aqui se exige que louvemos o santo nome, o invoquemos em todas as necessidades, ou oremos. Pois invocar outra coisa não é que orar. De maneira que se ordena isto com severidade e seriedade, tão enfaticamente quanto os demais mandamentos, como: não ter outro Deus, não matar, não furtar, etc. Ninguém pense que é indiferente orar ou não, como fazem pessoas grosseiras, que seguem por aí com a seguinte ilusão e pensamento: Por que iria eu orar? Quem sabe se Deus atenta em minha oração ou se lhe quer inclinar os ouvidos? Se não oro eu, ora outro. E destarte acabam no hábito de simplesmente não rezar nunca. E tomam por pretexto o fato de condenarmos preces falsas e hipócritas, como se ensinássemos que não se deve ou não se precisa orar.

Mas sem dúvida é verdade isto: o que até agora se fez na igreja, etc., a título de oração, engrolando e vociferando, por certo não tem sido rezar. Tal coisa exterior, quando bem realizada, pode ser exercício para a criançada, para alunos e pessoas simples. Pode chamar-se canto ou leitura, mas não propriamente reza. Orar, entretanto, conforme ensina o segundo mandamento, é "invocar a Deus em todas as necessidades!" Eis o que ele quer de nós, e isso não ficará entregue a nosso arbítrio. Ao contrário: devemos e temos de orar, se queremos ser cristãos; da mesma forma como devemos e temos de obedecer ao pai, à mãe, ao governo. Porque pelo invocar e pedir, o nome é honrado e empregado de maneira proveitosa. Eis o em que debes atentar acima de tudo, a fim de com isso silenciar e repelir pensamentos tais que nos afastem e dissuadam da oração. Porque assim como não vale um filho dizer ao pai: "Que importa a minha obediência? Irei e farei o que puder, pois que não faz diferença, estando aí, ao contrário, o mandamento: Deves e tens de fazê-lo, da mesma forma também aqui não está entregue ao meu arbítrio fazê-lo ou não, senão que devemos e temos de orar.

Disso agora deves concluir e pensar o seguinte: visto que orar é ordenado tão insistentemente, ninguém desprezará de forma nenhuma sua prece, senão que a terá em grande e elevada estima. Toma sempre os outros mandamentos para fazer confrontos. De modo nenhum a criança desprezará sua obediência a pai e mãe, senão que sempre ponderará: "A obra é obra de obediência, e o que faço não o faço com outra intenção que a de que corresponda à obediência e ao mandamento de Deus. Sobre isso me posso fundamentar e apoiar, e o tenho em grande conta, não por causa de minha dignidade, mas em razão do mandamento. Da mesma forma aqui: o que e por que pedimos, devemos considerá-lo como exigido por Deus e feito em obediência a ele. E cumpre pensemos assim: "Em quanto a mim, nada seria; deverá valer, isto sim, porque Deus o ordenou!" De sorte que cada um, seja qual for sua petição, sempre deve ir à presença de Deus em obediência a esse mandamento. Por isso rogamos e admoestamos com a máxima ênfase a todos que o coração se penetre disso e que de modo nenhum se despreze a nossa oração. Pois até agora se ensinou em nome do diabo de tal forma a esse respeito, que ninguém atentou na coisa. Pensou-se que bastava fazer a obra, não importando se Deus ouvia ou não. Mas isto é entregar a oração aos azares da fortuna e a engrolar a esmos. E por isso é oração perdida. Porque permitimos que nos desencaminhem e despersuadam pensamentos tais como: "Não sou suficientemente santo e digno; se fosse tão probo e santo como São Pedro e São Paulo, então, sim, rezaria!" Mas longe de nós com tais ideias! Pois o mesmo mandamento que disse respeito a São Paulo também se aplica a mim, e o segundo mandamento é dado tanto por causa de mim quanto o é por causa dele de sorte que não se pode jactar de possuir mandamento melhor ou mais santo. Dirás, por conseguinte, assim: "A oração que faço certamente é tão preciosa, santa e agradável a Deus, quanto a de São Paulo e dos mais santos dentre os santos. Razão: de bom grado concedo que ele seja mais santo quanto à pessoa; não, porém, no que concerne à oração, já que Deus não considera a prece por causa da pessoa, mas em virtude de sua palavra e da obediência. Pois no mandamento em que todos os santos fundamentam suas orações, também fundamento a minha. Além disso, oro pela mesma coisa que todos eles pedem ou têm pedido."

Seja esta a primeira e mais necessária das partes: que todas as nossas orações devem fundamentar-se e apoiar-se na obediência a Deus, sem consideração de nossa pessoa, quer sejamos pecadores, quer justos,

dignos ou indignos. E saibamos que Deus não quer que façamos pouco caso disso, mas há de irar-se e castigar, se não pedimos, assim como pune as demais formas de desobediência. Também não quer permitir que nossas orações sejam vãs e perdidas. Pois, se não te quisesse ouvir, não te ordenaria orar, nem acrescentaria tão severo mandamento. Em segundo lugar, deve incitar e estimular-nos tanto mais o fato de Deus haver acrescentado uma promessa, dando-nos a sua palavra no sentido de que será certo o que pedimos, conforme ele diz no Salmo 50: “Invoca-me no dia da angústia: eu te livrarei”. E Cristo diz no evangelho Mateus 7: “Pedi, e dar-se-vos-á”, etc., “pois todo o que pede recebe”. Isso, na verdade, deveria despertar e inflamar-nos o coração, para orar com vontade e amor, visto ele testemunhar com sua palavra que nossa prece lhe agrada de coração e que, ademais, será certamente ouvida e concedida. Isto para que não a desprezemos ou a tratemos de resto, e a fim de não orarmos à ventura. Podes ponderar-lhe isso dizendo: “Aqui venho, querido Pai, e não rogo por decisão minha nem firmado em minha dignidade, mas em teu preceito e promessa, que não me podem faltar nem mentir”. Agora, aquele que não crê nessa promessa, saiba mais uma vez que provoca a ira de Deus como quem o desonra em grau máximo e o acusa de mentiroso.

De mais a mais, também nos deve estimular e atrair o fato de Deus, além do mandamento e da promessa, se nos antecipa, _indicando, ele mesmo, as palavras e a maneira, e nos pondo na boca como e o que nos cumpre pedir, a fim de que vejamos quão afetuosamente ele se condói de nossa necessidade, e jamais duvidemos que essa oração lhe agrada e que certamente será ouvida. Isso é vantagem deveras grande sobre todas as orações que nós mesmos possamos excogitar.

Pois neste caso a consciência sempre estaria em dúvida e diria: “Rezei; mas quem lá sabe como isso lhe agrada ou se acertei na medida e maneira corretas?” Por isso não se pode encontrar na terra oração mais nobre, pois que tem o testemunho excelente de que Deus de coração ama ouvi-la. Não a deveríamos trocar pelos bens do mundo inteiro.

E também nos é prescrito dessa maneira para que vejamos e ponderemos a necessidade que nos há de impelir e obrigar a que oremos incessantemente. Pois quem quer pedir, deve apresentar, expor, nomear algo que deseje. Em caso contrário, não se lhe pode chamar de oração. Por isso foi com razão que condenamos as rezas dos monges e sacerdotes que dia e noite uivam e murmuram medonhamente, sem que

a nenhum deles ocorra a ideia de pedir a mínima coisa. E se reuníssemos todas as igrejas e clérigos, teriam de confessar que nunca rezaram, de coração, por uma gota de vinho que fosse. Porque nenhum deles jamais tomou o propósito de orar por obediência a Deus e fé na promessa. Também nenhum deles considerou qualquer necessidade. Quando davam o melhor de si, de outra coisa não cogitavam senão de praticar uma boa obra, com que pagassem a Deus, como gente que não queria receber de Deus, mas apenas dar-lhe algo.

Mas, para que a oração seja verdadeira, é preciso que haja seriedade. Importa que sintamos a nossa necessidade, e necessidade tal, que nos oprima e nos vá impelir a que chamemos e clamemos. Assim, então, a prece vai por si mesma da forma em que deve, de sorte que não se necessite doutrinação a respeito de como importa preparar-se para ela e alcançar a devoção. Mas a necessidade que nos deve preocupar, quanto a nós mesmos e quanto a todos os homens, encontrá-la-ás com abundância suficiente no Pai-Nosso. Razão por que também servirá ao propósito de nos lembrarmos dela, a ponderarmos e dela se nos penetrar o coração, a fim de que não nos tornemos negligentes na oração. Pois todos temos o bastante em matéria de carência, mas a falha está em não o sentirmos e vermos. Deus, por isso, também quer que lamentos e expresses essas necessidades e preocupações, não como se ele disso não tivesse conhecimento, mas a fim de inflamares o coração a que deseje mais e com maior vigor e desdobre bem amplamente o manto, para receber muito.

Por isso devemos acostumar-nos desde a mocidade a orar diariamente, cada qual por toda a sua própria necessidade, onde quer que sinta algo que lhe diga respeito, e também pela necessidade de outras pessoas entre as quais vive. Por exemplo, por pregadores, autoridades, vizinhos, empregados. E, conforme já ficou dito, cumpre apresentemos sempre a Deus o seu mandamento e promessa, sabendo que ele não os quer desprezados. Digo isso porque muito quisera se voltasse a introduzir isso nas pessoas, a fim de que aprendessem a rezar acertadamente e não andassem por aí tão rudes e frias, o que as leva a ficarem cada dia mais inaptas para a oração. É o que o diabo quer, e para tal objetivo ajuda com todas as forças, porque bem sente ele quanto mal e dano lhe é feito quando a oração é devidamente praticada.

Pois cumpre saibamos que toda a nossa defesa e proteção está unicamente na prece. Porque frente ao diabo, com seu poder e adeptos, que se nos opõem, somos demasiadamente frágeis, de sorte que facilmente nos poderiam calcar aos pés. Devemos, por conseguinte, refletir sobre isso e tomar das armas de que importa estejam petrechados os cristãos para resistir ao diabo. Pois o que, pensas tu, tem realizado tão grande coisa até agora e tem impedido ou reprimido os conselhos de nossos adversários, seus desígnios, homicídios e rebeliões, com que o diabo pensou destruir-nos juntamente com o evangelho, se as preces de algumas pessoas piedosas não se houvessem interposto qual muralha de ferro a nosso favor? Não fosse isso, e eles mesmos teriam presenciado um jogo bem diferente: o diabo teria feito perecer a Alemanha inteira em seu próprio sangue. Mas agora podem rir tranquilamente disso e fazer zombaria; não obstante ficaremos de pé, unicamente pela oração, frente a eles e ao diabo, se tão-só persistirmos diligentemente e não nos tornarmos indolentes. Pois onde qualquer cristão piedoso roga: “Querido Pai, faça-se a tua vontade” ele responde do alto: “Sim, meu filho querido, sem dúvida será e sucederá assim, a despeito do diabo e do mundo inteiro.”

Fique, pois, dito isso como exortação, a fim de que antes de tudo se aprenda a considerar a prece como coisa grande e preciosa, e se conheça a verdadeira diferença entre palrar e pedir algo. Pois de forma nenhuma rejeitamos a oração, mas o totalmente inútil berreiro e murmúrio, como o mesmo Cristo rejeita e proíbe longa palraria. Agora trataremos do Pai-Nosso, da maneira mais breve e clara possível. Nele estão compreendidas, em sete artigos ou petições sucessivas, todas as necessidades que incessantemente nos atingem, e cada qual é tão grande, que devera impelir-nos a rogar por causa dela ao longo de toda a nossa vida.

Primeira Petição

SANTIFICADO SEJA O TEU NOME

Isso aí agora é um tanto obscuro e não é alemão castiço. Pois em nossa língua materna diríamos assim: “Pai Celeste, ajuda para que somente o teu nome seja santo”. Que significa a prece de que seu nome se torne santo? Não é ele santo de antemão? Resposta: Sim, sempre é santo em sua essência, mas não é santo em nosso uso. Porque o nome de Deus

nos foi dado desde que nos tornamos cristãos e fomos batizados. De forma que somos chamados filhos de Deus e temos os sacramentos, pelos quais nos une corporalmente consigo, de maneira que tudo quanto é de Deus deve servir para nosso uso. Aqui agora temos a grande necessidade que mais nos deve preocupar: que esse nome receba a devida honra e seja tido por santo e sublime, como o maior tesouro e santuário que temos, e que nós, como filhos probos, peçamos que seu nome, santo já de si no céu, também seja e permaneça santo na terra, entre nós e todo o mundo.

Como é que ele se torna santo entre nós? Resposta, da maneira mais clara em que se pode dizê-lo: quando tanto nossa doutrina como nossa vida são divinas e cristãs. Pois, visto que nessa oração chamamos a Deus de nosso Pai, é nosso dever comportar e haver-nos em toda a parte como filhos bons, para que de nós tenha não desonra, mas honra e louvor. Ora, seu nome é profanado por nós com palavras ou com atos (pois o que fazemos na terra há-se ser palavra ou obra, ato de falar ou de agir). Em primeiro lugar, pois, quando se prega, ensina e fala em nome de Deus o que é falso e transviador, de maneira que seu nome tem de disfarçar e vender as mentiras. Esta é a maior infamação e desonra do nome divino. Tal acontece, além disso, onde grosseiramente se faz do santo nome manto, com juramentos, maldições, sortilégios, etc. Em segundo lugar, com vida e obras publicamente más, quando os que se chamam cristãos e povo de Deus são adúlteros, bebedores, unhas-de-fome, invejosos e difamadores. Aqui, mais uma vez, o nome de Deus por nossa causa tem de sofrer infamação e blasfêmia. Pois, assim como para um pai carnal é vergonha e desonra quando tem um filho mau, depravado, que se lhe opõe com palavras e atos, de sorte que por causa dele o pai seja desprezado e vilipendiado, assim também há desonra para Deus quando nós, que somos chamados por seu nome e dele temos toda sorte de bens, ensinamos, falamos e vivemos de maneira diversa da de filhos probos e celestes, de forma que ele tenha de ouvir dizer se a nosso respeito que devemos ser filhos não de Deus, mas do diabo. Vês, portanto, que nessa parte pedimos exatamente o que Deus exige no segundo mandamento, a saber, que não se abuse de seu nome para jurar, amaldiçoar, mentir, enganar, etc., mas que seja usado de maneira proveitosa, em louvor e honra de Deus. Porque aquele que usa o nome de Deus para qualquer maldade, profana e dessagra este santo nome, como antigamente se chamava de dessagrada uma igreja quando nela se cometera homicídio ou outra maldade, ou quando se profanava um

ostensório ou uma relíquia, coisas em si mesmas santas, e que todavia eram profanadas pelo uso. É, por conseguinte, fácil e clara essa parte, contanto que se entenda a linguagem: que “santificar” quer dizer tanto como em nossa maneira de falar “louvar, exaltar e honrar” com palavras e obras. Vê, pois, quão altamente necessária essa petição é. Vemos quão cheio está o mundo de seitas e falsos mestres, que todos usam o santo nome como disfarce e pretexto de sua doutrina diabólica. Por isso é com razão que deveríamos clamar e chamar incessantemente contra toda essa espécie de homens, contra os que pregam e creem erroneamente e contra tudo o que ataca, persegue e quer suprimir o nosso evangelho e a nossa doutrina pura, como bispos, tiranos, entusiastas, etc. De mais a mais, também temos que orar por nós mesmos. Temos a palavra de Deus, mas não somos gratos por isso, nem vivemos em conformidade com ela da maneira como devemos. Se, pois, pedires isso de coração, podes estar certo de que agrada a Deus. Porque nada ouvirá mais prazerosamente do que estarem sua honra e louvor postos antes e acima de todas as coisas, e sua palavra ser ensinada de maneira pura e ser considerada preciosa e de valor.

Segunda Petição

VENHA O TEU REINO

Como na primeira parte pedimos o que diz respeito à honra e ao nome de Deus: - que Deus impeça disfarce o mundo suas mentiras e maldade sob seu nome, conservando-o, ao contrário, sublime e santo, com doutrina e vida, para que seja louvado e exaltado em nós - , assim aqui pedimos que também venha o seu reino. Mas assim como o nome de Deus é santo em si mesmo e não obstante pedimos que seja santo entre nós, da mesma forma também o seu reino vem por si mesmo, sem as nossas petições, e contudo pedimos que venha a nós, isto é, que atue entre nós e junto a nós, de sorte que também sejamos parte daqueles entre os quais o seu nome é santificado e seu reino está em vigor. Mas o que significa reino de Deus? Resposta: outra coisa não é senão o que ouvimos acima, no Credo: que Deus enviou ao mundo a Cristo, seu Filho, nosso SENHOR, para que nos redimisse e libertasse do poder do diabo e nos levasse a ele e nos governasse como rei da justiça, da vida e da bem-aventurança, contra o pecado, a morte e má consciência. Para tanto nos deu também o seu Espírito Santo, que nos convencesse disso mediante a sua santa palavra, e por seu poder nos iluminasse e fortalecesse na fé. Pedimos, por conseguinte, aqui, em primeiro lugar,

que isso tome efeito entre nós, e que destarte seu nome seja exaltado pela santa palavra de Deus e por uma vida cristã, tanto para que nós, que a aceitamos, nisso permaneçamos e diariamente progridamos, como também a fim de que alcance assentimento e adesões entre outros homens e marche poderosamente pelo mundo universo, a fim de muitos deles, trazidos pelo Espírito Santo, virem ao reino da graça e se tornarem partícipes da redenção, para que dessa maneira todos juntos fiquemos eternamente em um só reino, agora principiado.

Porque "a vinda do reino de Deus a nós" ocorre de duas maneiras: primeiro aqui, no tempo, mediante a palavra e a fé; em seguida, na eternidade, pela revelação? Agora pedimos ambas as coisas: que venha àqueles que ainda não estão nele, bem como a nós outros - que já o recebemos - , por diário incremento, e futuramente, a vida eterna. Tudo isso outra coisa não é do que dizer: "Amado Pai, pedimos que nos dê primeiro a tua palavra, para que o evangelho seja pregado retamente em todo o mundo; em segundo lugar, que também seja aceito pela fé, e atue e viva em nós, de forma que pela palavra e poder do Espírito Santo o teu reino tenha curso entre nós e seja destruído o reino do diabo, para que não tenha direito nem poder sobre nós, até que, afinal, seja totalmente aniquilado, e o pecado, a morte e o inferno sejam exterminados, a fim de vivermos eternamente em plena justiça e bem aventurança. Disso vêes que não pedimos aqui uma esmola ou algum bem temporal, passageiro, mas um tesouro eterno, excelso, e tudo aquilo de que o próprio Deus dispõe. O que é demasiadamente grande para que um coração humano pudesse atrever-se a tomar o propósito de o desejar, não houvesse ele mesmo ordenado que lho peçamos. Mas, por ser ele Deus, também quer a honra de dar muito mais e com maior riqueza do que quem quer que seja possa compreender, como eterna e inexaurível fonte, que, quanto mais escorre e desborda, tanto mais dá de si. E nada há que ele deseje mais de nós do que isso: que lhe peçamos muitas e grandes coisas. Encoleriza-se, por outro lado, quando deixamos de confiadamente pedir e exigir. Pois é como se o mais rico e mais poderoso imperador desse a um pobre mendigo a ordem de pedir o que bem desejasse, e estivesse pronto a dar-lhe um presente grande, imperial, e o néscio mais não mendigasse que uma sopa econômica. Merecidamente seria considerado réprobo, malvado, como indivíduo que estaria fazendo caçoadas e mofando da ordem da majestade imperial, e que não seria digno de lhe vir à presença. Da mesma forma importa em grande afronta e desonra a Deus guarido nós, a quem ele oferece e

promete tantos bens inefáveis, os desprezamos ou não confiamos recebê-los, e mal ousamos pedir um pedaço de pão. Tudo isso é culpa da vergonhosa incredulidade, que de Deus não espera nem mesmo tanto bem como que lhe supra a barriga; muito menos ainda esperaria de Deus, sem duvidar, tais bens eternos. Razão por que cumpre nos fortaleçamos contra a incredulidade e deixemos que *isto* seja a nossa primeira petição. Então, com certeza, a gente também receberá em abundância todas as outras coisas, conforme ensina Cristo: “Buscai em primeiro lugar o reino de Deus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas”. Pois como permitiria nos minguassem bens temporais e sofrêssemos penúria, quando promete o que é eterno e imperecível?

Terceira Petição

FAÇA-SE A TUA VONTADE, ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU

Até agora pedimos que seu nome seja honrado por nós e seu reino entre nós prevaleça. Nesses dois pontos está compreendido tudo o que se refere à honra de Deus e à nossa salvação, a saber, que recebemos como propriedade nossa a Deus e todos os seus bens. Mas aqui surge agora a igualmente grande necessidade de o retermos com firmeza e não permitirmos que se nos arranque disso. Pois, assim como num bom regime não deve haver apenas homens que edifiquem e governem bem, mas também tais que defendam, protejam e velem zelosamente, da mesma forma também aqui. Ainda que já oramos pelo mais necessário, o evangelho, a fé e o Espírito Santo, que nos governe, aos que fomos libertados do poder do diabo, também devemos pedir que se faça a sua vontade. Pois coisa mui estranha acontecerá, se permanecermos nisso: por causa disso teremos de sofrer muitos ataques e golpes de tudo aquilo que se atreve a obstaculizar e impedir as duas partes precedentes. Porque ninguém acredita como o diabo a isso se opõe e resiste. Não consegue tolerar que alguém ensine ou creia corretamente; e sobremaneira lhe dói ter de permitir que suas mentiras e abominações, honradas sob o mais belo pretexto, o nome de Deus, sejam desveladas, e que ele, assim, tenha de estar aí com todas as vergonhas, e seja, ademais, expulso elo coração e haja de admitir se abra semelhante brecha em seu reino. Por isso esbraveja e raiva como inimigo

encolerizado com todo o seu poder e força, adjunge a si tudo o que lhe está sujeito, e, além disso, convoca em seu auxílio o mundo e a nossa própria carne. Porque a nossa carne em si mesma é ruim e está inclinada ao mal, ainda que hajamos aceito a palavra de Deus e a creiamos. Mas o mundo é perverso e mau. Aí ele açula, atíça, instiga, para impedir nos, tocar-nos de volta, abater-nos e novamente submeter-nos ao seu poder. É nisto que concentra sua vontade, propósito e pensamento. E o que busca dia e noite, sem descansar por um instante sequer. Para esse fim se vale de todas as artimanhas, embustes, maneiras e caminhos que possa excogitar.

Por conseguinte, se queremos ser cristãos, devemos estar seguramente preparados e cientes de que temos por inimigos o diabo, juntamente com todos os seus anjos, e o mundo, que nos infligem toda sorte de infortúnios e pesares. Porque onde a palavra de Deus é pregada, aceita ou crida e produz fruto, aí também não há de faltar a amada e santa cruz. E ninguém pense que vai ter paz. Deverá, ao contrário, sacrificar o que tiver na terra: bens, honra, casa e lar, mulher e filhos, corpo e vida. Agora, isso dói à nossa carne e ao velho homem, pois a palavra de ordem é perseverar e sofrer com paciência seja qual for o assalto, e abandonar o que se nos tira. Por isso é deveras tão necessário como nas demais partes que peçamos sem cessar: “Querido Pai, faça-se a tua vontade, não a vontade do diabo e de nossos inimigos, nem de nada daquilo que quer perseguir e suprimir a tua santa palavra ou quer impedir o teu reino. E dá-nos que suportemos com paciência e vençamos tudo o que tivermos de sofrer em razão disso, para que nossa pobre carne não ceda nem apostate, por debilidade ou indolência”.

Eis que dessa maneira temos, nessas três partes, do modo mais simples, o que é necessário em relação ao próprio Deus. Mas tudo por nossa causa, pois o, que pedimos diz respeito exclusivamente a nós, a saber, assim, conforme dito, que também se faça em nós o que, demais, deve ser feito mesmo abstraindo-se de nós. Porque, assim como seu nome será santificado e seu reino há de vir mesmo sem o nosso pedir, assim também a sua vontade necessariamente será feita e imposta, ainda que o diabo com todos os seus adeptos contra ele fazem grande alarido, se encolerizam e raivam, e procuram extirpar o evangelho de todo. Mas por nossa causa devemos pedir que também entre nós se faça, sem impedimento, a sua vontade, contra esse raivar deles, a fim de que nada possam alcançar, e nós nos mantenhamos firmes contra toda violência e perseguição e nos submetamos à vontade de Deus.

Esta oração agora será nossa proteção e defesa, para repelir e destroçar tudo o que contra o nosso evangelho possam fazer o diabo, bispos, tiranos e hereges. Que todos raivem e tentem fazer o que estiver neles, deliberem e resolvam com o querem suprimir e extirpar-nos, para que sua vontade e conselho prevaleça e se mantenha: contra isso um cristão ou dois, com esta só petição, serão nosso muro, sobre o qual arremeterão e perecerão. Temos este consolo e desafiante confiança: que a vontade e propósito do diabo e de todos os nossos inimigos vão e têm de naufragar e ser aniquilados, por altivos, seguros e poderosos que se julguem. Pois se não fosse quebrada e impedida a vontade deles, não poderia o reino de Deus permanecer na terra, nem seu nome ser santificado.

Quarta Petição

O PÃO NOSSO DE CADA DIA NOS DÁ HOJE

Aqui agora consideramos o pobre cesto do pão, as necessidades de nosso corpo e da vida temporal. É palavra breve e simples, mas também abrange muito. Pois quando mencionas e pedes "o pão de cada dia": pedes tudo o que é necessário para que se tenha e saboreie o pão cotidiano, e, por outro lado, também pedes que seja eliminado tudo o que o impede. Deves, por conseguinte, abrir e dilatar bem os pensamentos, não só até o forno ou a caixa da farinha, mas até o vasto campo e a terra toda que produz e nos traz o pão de cada dia e toda sorte de alimentos. Porque se Deus não o fizesse crescer, não o abençoasse e conservasse no campo, jamais tiraríamos pão do forno e nenhum teríamos para pôr na mesa.

Para sumariá-lo em breves palavras: esta petição quer abranger quanto pertence a toda esta vida no mundo, porque apenas por isso necessitamos do pão cotidiano. Agora, à vida não pertence apenas que o corpo tenha alimento, vestuário e outras coisas necessárias, mas também que seja de tranquilidade e paz o nosso relacionamento com as pessoas com as quais vivemos e lidamos em diário comércio e trato e toda sorte de atividades; em suma, tudo o que se refere às relações domésticas e vizinhais, ou civis e políticas. Pois onde houver obstáculos quanto a essas duas partes, de forma que relativamente a elas as coisas não andem como deveriam andar, aí também está obstaculizado algo que é necessário à vida, de sorte que não se pode conservá-la por tempo

dilatado. E, na verdade, a coisa mais necessária é orar por autoridades e governo seculares porque é principalmente através deles que Deus nos conserva o pão nosso de cada dia e todo o conforto desta vida. Pois ainda que hajamos recebido de Deus plenitude de todos os bens, todavia não podemos reter nenhum deles nem deles usar seguros e contentes, se ele não nos dá um governo estável e de paz. Porque onde há discórdia, contenda e guerra, aí o pão cotidiano já nos está subtraído ou pelo menos obstaculado.

Com razão poder-se-ia, por isso, pôr no escudo de todo príncipe reto um pão em lugar de um leão ou de uma grinalda de arruda ou imprimi-lo na moeda em lugar do cunho, a fim de lembrar a príncipes e súditos que pelo ofício deles temos proteção e paz, e que sem eles não podemos comer o pão nem conservá-lo. Razão por que também são dignos de toda honra, e cumpre dar-lhes o que devemos e podemos, como àqueles pelos quais fruímos, em paz e tranquilidade, tudo o que temos, pois de outra maneira não ficaríamos com um centavo. Além disso, também se deve orar por eles, a fim de por seu intermédio Deus nos dar tanto mais bênção e bens.

Indiquemos e bosquejemos, portanto da maneira mais breve, até onde vai essa petição através de toda sorte de relações na terra. Disso agora se poderia fazer longa oração, enumerando, com muitas palavras, todas as partes que lhe pertencem, como, por exemplo; que pedimos nos dê Deus comida e bebida, vestimenta, casa e lar e corpo são; além disso, que faça com que os cereais e frutos do campo cresçam e deem bom resultado; mais, que também nos ajude a administrar bem a casa, nos conceda mulher, filhos e empregados íntegros e no-los conserve; faça que prosperem e sejam bem sucedidos nosso trabalho, ofício ou o que tenhamos que fazer; que nos brinde com vizinhos fiéis e bons amigos, etc. Que, ademais, dê sabedoria, força e sorte ao imperador, ao rei e a todos os estados, e mormente aos nossos príncipes-reinantes a todos os conselheiros, senhores e prefeitos, a fim de governarem bem e serem vitoriosos sobre os turcos e todos os inimigos; que dê obediência aos súditos e ao povo comum, e convívio em paz e concórdia; que, por outro lado, nos preserve de toda sorte de danos quanto ao corpo e a alimentos, de temporais, granizo, incêndios, inundações, veneno, peste, morte de gado, guerra e derramamento de sangue, tempo de carestia, animais danosos, gente má, etc: É bom inculcar tudo isso às pessoas simples,

inculcar-lhes que essas coisas e outras semelhantes devem ser dadas por Deus, e que nos corre o dever de lhas pedir.

Principalmente, entretanto, essa oração se dirige também contra o nosso inimigo máximo, o diabo. Pois que todo o seu propósito e desejo é tirar ou obstacular quanto de Deus temos. E não se satisfaz com embaraçar e destruir a ordem espiritual, transviando as almas através de suas mentiras e submetendo as ao seu poder, senão que outrossim estorva e obstrui a permanência de qualquer governo e de toda relação honrosa e pacífica na terra. Aí causa tanta contenda, homicídio, rebelião e guerra, bem como tempestade e granizo, para aniquilar os cereais e o gado, envenenar o ar, etc. Em suma, dói-lhe que alguém receba um bocado de pão de Deus e coma em paz. E, se estivesse em seu poder, e não o impedisse, depois de Deus, a nossa oração, certamente não nos ficaria haste no campo, centavo em casa, nem mesmo uma hora de vida, especialmente aos que temos a palavra de Deus e gostaríamos de ser cristãos. Eis que assim Deus quer indicar-nos como cuida de todas as nossas necessidades e também zela, tão fielmente, pelo nosso sustento temporal. E, posto que também aos ímpios e malvados o dá e conserva ricamente, quer, sem embargo, que o peçamos, a fim de reconhecermos que o recebemos de sua mão e nisso percebamos sua paternal bondade para conosco. Pois, quando ele retira a mão, a coisa não pode prosperar e ser conservada por tempo dilatado, como bem se vê e sente todos os dias. Que miséria há no mundo agora, já simplesmente por causa de moeda falsa, sim, por causa do cotidiano gravame e alta de preços no comércio comum, em compra e trabalho, por parte daqueles que a seu arbítrio oprimem os pobres e os privam do pão de cada dia! Verdade que temos de suportá-lo; mas eles que se precavenham, não lhes suceda perderem a intercessão comum, e se acautelem para que essa partezinha do Pai-Nosso não se volte contra eles.

Quinta Petição

E PERDOA-NOS AS NOSSAS DÍVIDAS, ASSIM COMO NÓS PERDOAMOS AOS NOSSOS DEVEDORES

Esta parte agora diz respeito à nossa pobre e mísera vida. Embora tenhamos a palavra de Deus, creiamos, façamos sua vontade e a ela nos submetamos, e nos nutramos dos bens e da bênção de Deus, contudo não está livre de pecado nossa vida. Diariamente ainda tropeçamos e nos excedemos, porque vivemos no mundo entre homens que nos

infligem muitos sofrimentos e dão motivo para impaciência, ira, vingança, etc. Ademais, temos ao nosso encalço o diabo, que nos assedia de todos os lados e pugna, conforme ouvimos, contra todos os artigos anteriores, de sorte que não é possível manter-se sempre firme nessa luta constante. Por isso temos aqui, uma vez mais, grande necessidade de pedir e clamar: “Querido Pai, perdoa-nos as nossas dívidas”. Não é que não perdoe o pecado mesmo antes do nosso pedir e sem este, pois que. nos presenteou com o evangelho, no qual outra coisa não há que perdão, antes que lho houvéssemos pedido ou alguma vez pensado nele. Trata-se, porém, de reconhecer e aceitar esse perdão. Pois, visto a carne, em que diariamente vivemos, ser de natureza tal, que não confia nem crê em Deus e sempre se ativa em más concupiscências e insídias, de sorte que todos os dias pecamos em palavras e obras, por comissão e omissão, o que torna intranquila a consciência, por forma que teme a ira e o desfavor de Deus, perdendo, assim, o consolo e a confiança procedentes do evangelho, por isso é de contínua necessidade acudir a esta petição, buscando consolo, para reerguer a consciência.

Isso, porém, deve servir a que Deus nos quebre o orgulho e nos mantenha na humildade. Pois reservou para si a prerrogativa de que, se alguém quiser jactar-se de sua probidade e menosprezar outros, examine-se a si mesmo e ponha diante dos olhos essa petição: verá então que sua probidade é igual à dos outros. Diante de Deus todos temos de baixar o topete e estar contentes de que alcançamos o perdão. E ninguém pense que na presente vida vai chegar ao ponto de não precisar desse perdão. Em suma: se Deus não perdoa continuamente, estamos perdidos.

De maneira que o sentido dessa petição é que Deus não queira olhar para os nossos pecados e não nos mostre o que diariamente merecemos, mas trate conosco graciosamente e nos perdoe, conforme prometeu, dando-nos, assim, uma consciência alegre e intrépida, para que estejamos diante dele e peçamos. Pois quando o coração não está na correta relação com Deus, não podendo tomar essa confiança, jamais ousará rezar. Tal confiança e coração alegre, entretanto, de nenhuma outra coisa pode vir senão disso de saber que os pecados lhe estão perdoados.

Mas a isso está apenso um complemento necessário e todavia consolador: “Assim como nós perdoamos aos nossos devedores.” Prometeu – devemos estar seguros disso - que tudo nos está remitido e perdoado, todavia, sob a condição de que também perdoemos ao nosso próximo. Pois, assim como diariamente cometemos muitas faltas contra Deus e ele, não obstante, tudo perdoa por graça, assim também nós continuamente devemos perdoar ao nosso próximo que nos inflija dano, violência e injustiça, proceda com maligna astúcia contra nós, etc. Agora, se tu não perdoas, então não penses que Deus perdoa a ti. Se, porém, perdoas, então tens o consolo e a certeza de que se te perdoa no céu. Não em vista do teu perdoar - pois Deus o faz inteiramente de graça, porque o prometeu -, conforme ensina o evangelho - ; mas ele nos põe isso para fortalecimento e segurança, como sinal, a par da promessa, que concorda com esta oração Lc 6: “Perdoai, e sereis perdoados.” Razão por que Cristo também a repete logo depois do Pai-Nosso, dizendo Mt 6: “Porque se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará, etc.”

Tal signo, portanto, foi acrescentado a essa oração para que, ao orarmos, nos lembremos-da promessa e pensemos da seguinte maneira: "Querido Pai, venho e peço que me perdoes não porque eu possa com obras satisfazer ou merecer, mas porque tu o prometeste e lhe acrescentaste o selo, que deve ser tão certo como se eu tivesse uma absolvição pronunciada por ti mesmo." Pois quanto efetuam o batismo e o sacramento, postos como sinais exteriores, o mesmo tanto pode este sinal para nos fortalecer e alegrar a consciência. E foi posto antes de outros para que o pudéssemos usar e praticar a toda hora, como algo que sempre temos conosco.

Sexta Petição **E NÃO NOS DEIXES CAIR EM TENTAÇÃO**

Ouvimos o bastante agora sobre quanto esforço e trabalho custa reter todas as coisas que pedimos e nelas perseverar, o que, ainda assim, não se realiza sem fragilidades e tropeços. Além disso, embora tenhamos recebido o perdão e uma boa consciência, e estejamos inteiramente absolvidos, a vida, contudo, é tal, que hoje alguém está de pé e amanhã cai. Por isso, ainda que agora sejamos íntegros e estejamos perante Deus de boa consciência, temos de pedir novamente que ele não nos deixe recair e ceder à provação ou tentação. A tentação, porém, ou Bekörunge, como desde antigamente a chamam os nossos saxônios, é

de três espécies: da carne, do mundo e do diabo. Pois na carne habitamos e arrastamos conosco o velho homem. Este se movimenta e diariamente nos incita a imundícia, preguiça, glotoneria e borracheira, avarícia e fraude, a enganar e lesar o próximo, e, em suma, a toda sorte de más paixões que estão cravadas em nós por natureza, sendo, ademais, excitadas pela associação com outras pessoas, pelo exemplo, pelo que ouvimos e vemos, coisas que muitas vezes ferem e inflamam também um coração inocente. Além disso, é o mundo que nos ofende com palavras e obras e nos impele a cólera e impaciência. Em resumo, aí nada há senão ódio e inveja, inimizade, violência e injustiça, infidelidade, vingança, imprecação, ralho, maledicência, orgulho e soberba, juntamente com excesso de adorno, honra, fama e poder, onde ninguém quer ser o menor, mas cada qual quer sentar-se à cabeceira e ser visto antes de qualquer outro. A isso agora se junta o diabo, instiga e provoca também em toda a parte, mas dedica-se especialmente ao que diz respeito à consciência e às coisas espirituais, a saber, que tratemos de resto e desprezemos tanto a palavra como a obra de Deus. Seu propósito é arrancar-nos da fé, da esperança e do amor, e levar-nos à superstição, falsa arrogância e obstinação, ou, por outro lado, ao desespero, à negação e blasfêmia de Deus e a inúmeras outras coisas abomináveis. Estes são os laços e redes sim, os verdadeiros “dardos inflamados” que o diabo, não a carne e o sangue, atira ao coração da maneira mais venenosa.

São esses deveras grandes e graves perigos e tentações, mesmo que cada

qual deles venha isoladamente, e todo cristão tem de suportá-los. Enquanto estamos nesta vida miserável, onde se nos acossa de todos os lados, se nos caça e aperta, importa que sejamos continuamente impelidos por isso a chamar e suplicar a toda hora, para que Deus não permita venhamos a ficar débeis e cansados e voltemos a cair em pecado, vergonha e incredulidade. Porque de outra maneira não é possível superar nem mesmo a menor das tentações. O “não induzir-nos em tentação” quer dizer, pois, que Deus nos dá poder e vigor para resistir, contudo sem que a tentação seja tirada ou anulada. Porque enquanto vivemos na carne e temos o diabo ao nosso redor, ninguém pode contornar tentações e incitamentos. E isso não se modificará: temos de suportar tentações e até estar atolados nelas. Mas o que pedimos é que não caiamos e não nos afoguemos nelas. Sentir tentação, por conseguinte, é coisa bem diversa de consentir nela ou dar-lhe o

nosso sim. Todos temos de senti-la, embora não todos da mesma forma. Para alguns será maior e mais pesada. A juventude é tentada acima de tudo pela carne; depois, os que são adultos e alcançam idade provecta, são tentados pelo mundo; os outros, porém, os que se ocupam de coisas espirituais, isto é, os cristãos fortes, são tentados pelo diabo. Mas este sentir, enquanto for contra a nossa vontade e nós preferíramos estar livres dele, a ninguém pode causar dano. Porque se não o sentíssemos, não se poderia chamá-lo tentação. Consentir, entretanto, quer dizer entregar-lhe as rédeas, não resistir nem orar. Por isso os cristãos devemos estar preparados e diariamente à espera de que seremos continuamente atacados, para que ninguém ande por aí seguro de si e despreocupado, como se o diabo estivesse longe de nós. Devemos, ao contrário, estar em toda parte à espera de seus golpes e apará-los. Pois, se agora sou casto, paciente, amável e estou firme na fé, pode que ainda nesta hora o diabo me crave no coração tal seta, que mal fique de pé. Pois é inimigo tal que jamais desiste ou cansa. Quando cessa uma tentação, sempre aparecem outras e novas. Por isso não há conselho nem consolo exceto o de correr para cá, a fim de tomar o Pai-Nosso e de coração falar com Deus: “Querido Pai, tu me ordenaste orar; não permitas que eu recaia através de tentação.” Verás então que ela terá de cessar e dar-se finalmente por vencida. De outra maneira, se tentares ajudar-te com os teus pensamentos e conselho próprio, só piorarás a situação e abrirás mais espaço ao diabo. Pois ele tem cabeça de serpente, que se dá com fresta por onde possa insinuar-se, desimpedidamente segue o corpo inteiro. A prece, porém, pode resistir-lhe e fazê-lo recuar.

Última Petição

MAS LIVRA-NOS DO MAL. AMÉM

Em grego esta sentença reza assim: “Livra ou guarda-nos do mau ou maligno”, e parece exatamente como se falasse do diabo, como se quisesse compreender tudo numa palavra, para que a suma inteira da oração toda se dirija contra este nosso inimigo principal. Pois é ele quem obstaculiza entre nós tudo quanto pedimos: o nome ou a honra de Deus, o reino e a vontade de Deus, o pão cotidiano, consciência alegre e boa, etc. Por isso o resumimos enfim e dizemos: “Querido Pai, ajuda-nos, por favor, para que fiquemos livres de toda essa desgraça”. Não obstante, está incluído também o que de mal nos pode suceder sob o reino do diabo: pobreza, vergonha, morte, e, em resumo, toda a desventurada miséria e dor, que existe em profusão inumerável na terra.

Pois, visto o diabo não ser apenas mentiroso, senão ainda homicida, também atenta, ininterruptamente, contra a nossa vida e desafoga a sua danação onde nos pode infligir acidentes e danos corporais. Vem daí que a muitos quebra o pescoço ou os leva à insanidade, a alguns afoga em água e a muitos impele ao suicídio e a muitos outros casos horríveis. Por isso não temos outra coisa que fazer na terra senão rezar incessantemente contra esse inimigo principal. Pois se Deus não nos protegesse, nem por uma hora estaríamos em segurança contra o diabo.

Daí vêes como Deus quer que lhe dirijamos petições também por tudo o que nos afeta corporalmente, de forma que em parte nenhuma procuremos e esperemos ajuda exceto junto a ele. Mas esta petição ele a pôs em último lugar. Pois, se é para sermos protegidos contra todo o mal e libertados dele, necessário se faz que primeiro seja em nós santificado o seu nome, esteja entre nós o seu reino e se faça a sua vontade. Depois, enfim, nos preservará ele de pecado e vergonha, e ademais, de quanto nos doa e seja danoso.

Dessa maneira Deus nos expos, de forma sumaríssima, toda a necessidade que nos possa apertar, de sorte que nenhuma escusa temos de não rezar. Mas o que importa é que a isso também aprendamos a dizer **AMÉM**, isto é não duvidarmos que a prece é certamente ouvida e que será conforme pedimos. Porque outra coisa não é senão a palavra de uma fé indubitavelmente, que não reza à ventura, mas que sabe não mentir Deus, depois que prometeu dá-lo. Agora, onde não há tal fé, aí também não pode haver prece verdadeira. Razão por que é opinião perniciosa a daqueles que oram de maneira que não se atrevem a de coração dizer "sim" à prece e concluir com certeza que Deus os ouve, ficando, ao contrário, em dúvida e dizendo: "Como seria tão audacioso e me haveria de vangloriar de que Deus me ouve a prece? Pois que sou pobre pecador", etc. Isto sucede porque não atentam na promessa de Deus, senão nas obras deles e na própria dignidade. Com isso desprezam a Deus e o increpam de mentiroso. E é por essa razão que nada recebem, como diz São Tiago: "Quem ora, faça-o com fé, em nada duvidando; pois o que duvida é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento. Não suponha esse homem que alcançará do Senhor alguma coisa." Eis que tanto assim importa a Deus estejamos certos de que não pedimos em vão e que de modo nenhum menosprezemos a nossa oração.

Quarta Parte DO BATISMO

Terminamos agora a exposição das três partes mais importantes da doutrina cristã comum. Além dessas, ainda importa falar dos nossos dois sacramentos, instituídos por Cristo. Cumpre tenha cada cristão pelo menos uma instrução geral e breve sobre eles, visto sem eles não ser possível que haja cristão, ainda que até agora, infelizmente, nada se ensinou a respeito. Em primeiro lugar, trataremos do batismo, pelo qual de início somos recebidos na cristandade. Para que seja compreendido bem, vamos discuti-lo ordenadamente, cingindo-nos ao que é necessário saber. Quanto à maneira de o sustentar e defender frente aos hereges e sectários, é tarefa que deixaremos aos cuidados dos doutos.

Em primeiro lugar, é preciso que se conheçam bem, antes de tudo, as palavras em que está fundamentado o batismo e com as quais se relaciona tudo quanto se há de dizer sobre ele, a saber, onde Cristo o Senhor diz, no último capítulo de Mateus: “Ide por todo o mundo, ensinai todos os gentios e batizai-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.”

Outrossim em Marcos, também no último capítulo: “Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado.”

Nestas palavras debes notar em primeiro lugar que aqui temos o mandamento e a instituição de Deus. Não se duvidará, pois, que o batismo é coisa divina, que não excogitada e inventada por homens. Pois assim como posso dizer que nenhum homem urdiu em sua cabeça os Dez Mandamentos, o Credo e o Pai-Nosso, que, ao contrário, o próprio Deus revelou e deu, da mesma forma também posso exaltar o fato de que o batismo não é brincadeira de homens, senão que é instituído pelo próprio Deus. Ademais, é ordenado séria e rigorosamente que devemos ser batizados sob pena de não sermos salvos. Não se deve pensar, conseqüentemente, que é coisa tão sem importância como vestir uma nova túnica encarnada. Porque o mais importante é que se considere o batismo coisa excelente, gloriosa e excelsa. É por isso que mais combatemos e lutamos, já que ao presente o mundo se encontra tão cheio de seitas que clamam ser o batismo coisa externa e que coisa externa de nenhuma utilidade é. Mas seja coisa externa quanto for, aqui, todavia, temos a palavra e o mandamento de Deus que institui, funda e

confirma o batismo. Ora, o que Deus institui e ordena, não pode ser coisa vã, senão que deve ser coisa cabalmente preciosa, ainda que segundo a aparência fosse de menos valor que uma palhinha. Se até agora se considerou grande coisa quando o papa distribuía indulgências em breves e bulas e confirmava altares ou igrejas, e isto apenas por causa dos breves e selos, cumpre consideremos o batismo como coisa muito superior e muito mais preciosa, porque foi ordenado por Deus, e, ademais, porque é realizado em seu nome. Pois assim rezam as palavras: “Ide, batizai”, não, porém, “em vosso nome” mas “em nome de Deus.”

Ser batizado em nome de Deus é ser batizado não por homens, mas pelo próprio Deus. Por isso, ainda que levado a efeito pelas mãos do homem, não obstante é verdadeiramente obra de Deus mesmo. De onde cada qual pode facilmente inferir que é obra muito superior a qualquer outra, feita por homem ou santo. Pois qual obra se pode fazer que supere a de Deus? Mas aqui se ativa o diabo, para cegar-nos com falsas aparências e conduzir-nos da obra de Deus à nossa obra. Pois que tem aparência muito mais esplêndida um cartuxo praticar muitas obras pesadas e grandes, e todos temos em maior apreço o que nós mesmos fazemos e merecemos. Mas a Escritura ensina assim: ainda que empilhássemos em um só monte as obras de todos os monges, por mais esplendidamente que luzissem, todavia não seriam tão nobres e boas como a palhinha que Deus levantasse. Por quê? Porque a pessoa é mais nobre e melhor. Ora, aqui cumpre avaliar não a pessoa pelas obras, senão as obras pela pessoa. É dessa que devem receber sua nobreza. Mas aqui se intromete a insana razão, e, visto não brilhar como as obras que nós mesmos fazemos, não é para valer coisa alguma. Disso aprende agora a captar a verdadeira inteligência e responder a pergunta: Que é o batismo? A saber, assim: não é simples água ordinária, mas água compreendida na palavra e mandamento de Deus e por eles santificada. De modo que outra coisa não é senão água divina. Não que a água em si mesma seja mais nobre que outra água, mas porque se lhe acrescentam a palavra e o mandamento de Deus. Razão por que é pura maldade e escárnio diabólico quando agora os nossos novos espíritos, para blasfemar do batismo, deixam de lado a palavra e a ordem de Deus e atentam apenas na água que se tira do poço, passando em seguida a taramelar: “Que ajuda haveria de levar à alma um pouquinho de água?” Na verdade, meu caro: se a questão é separar uma coisa de outra, quem aí não sabe que água é água? Mas como é que te atreves a interferir

assim na ordem de Deus e arrancar-lhe a melhor joia com que Deus a ligou e em que a encerrou, e da qual não a quer separada? Porque o cerne da água é a palavra ou mandamento de Deus, e o nome de Deus, tesouro maior e mais nobre que céus e terra.

Entende, portanto, a distinção: o batismo é coisa bem diversa de qualquer outra água, não por causa de sua essência natural, mas porque se adiciona aqui algo mais nobre. Pois o próprio Deus aqui empenha a sua honra e nela põe sua força e poder. Por isso não é apenas água natural, porém água divina, celeste, santa, bendita, e outros termos com que se possa louvá-la. Tudo em virtude da palavra, que é palavra divina, santa, que ninguém pode exaltar suficientemente, porque tem e pode tudo quanto é de Deus. Daí também tem a sua essência, graças à qual se chama sacramento. Assim também ensinou Santo Agostinho: *“Accedat verbum ad elementum et fit sacramentum”*, isto é: “Quando a palavra se junta ao elemento ou substância natural, faz-se o sacramento”, ou seja, uma coisa e signo santos e divinos.

Por essa razão sempre ensinamos que os sacramentos e todas as coisas exteriores que Deus ordena e institui não devem ser considerados segundo a aparência grosseira e externa, assim como se vê a casca da noz; devemos considerar, ao contrário, como a palavra de Deus está encerrada nelas. Porque da mesma forma também falamos dos estados paterno e materno e da autoridade secular. Se queremos considerá-los no que diz respeito a nariz, olhos, pele, cabelo, carne e ossos, são iguais a turcos e gentios, e poderia alguém adiantar-se e dizer: “Por que haveria de considerar esse homem mais do que a outros?” Visto, porém, que se adiciona o mandamento: “Honrarás a pai e mãe”, vejo um homem diferente, ornado e revestido com a majestade e a glória de Deus. O mandamento, digo eu, é a corrente de ouro que leva ao pescoço, sim, a coroa em sua cabeça, que me indica como e por que se deve honrar esta carne e sangue. Assim, e muito mais ainda-, debes honrar e exaltar o batismo por causa da palavra, como coisa que o próprio Deus honrou com palavras e obras, confirmando-a, demais, com milagres do céu. Acaso pensas que foi brincadeira quando Cristo se fez batizar, o céu se abriu, o Espírito Santo desceu visivelmente, e tudo era divina glória e majestade? Admoesto, por isso, mais uma vez que de modo nenhum se permita sejam essas duas, a palavra e a água, dissociadas e separadas. Pois se lhe apartamos a palavra, a água não é coisa diversa da com que a empregada cozinha, e aí se lhe pode com razão chamar batismo de banheiro. Quando, porém, a palavra está presente, conforme

o ordenou Deus, então é sacramento e se chama batismo de Cristo. Seja esse o primeiro ponto sobre a essência e dignidade do santo Sacramento.

Em segundo lugar: já que agora sabemos o que é o batismo e como deve ser considerado, cumpre aprendamos também por que e para que foi instituído, isto é, qual seu proveito, o que dá e opera. Também isso não se pode captar melhor do que das palavras de Cristo acima referidas: “Quem crer e for batizado será salvo.” Compreende-o, por isso, da maneira mais simples, assim: a força, a obra, o proveito, o fruto e o fim do batismo é salvar. Pois a ninguém se batiza para que se torne príncipe, mas, conforme rezam as palavras, para que “seja salvo.” É bem sabido, entretanto, que ser salvo não significa outra coisa que, liberto do pecado, da morte, do diabo, chegar ao reino de Cristo e com ele viver eternamente. Vês aqui de novo em que grande apreço se deve ter o batismo, visto que nele alcançamos tão inexprimível tesouro. Também isso bem mostra que não se pode tratar de pura e simples água. Porque mera água não poderia efetuar tal coisa. Opera-a, porém, a palavra, e o fato, conforme dito acima, de nela estar o nome de Deus. Mas onde está o nome de Deus, aí também necessariamente há vida e bem-aventurança, de forma que é com razão que se lhe chama água divina, bendita, frutífera e plena de graça. Porque pela palavra o batismo recebe o poder de ser um “lavacro de regeneração” como lhe chama Paulo em Tito 3.

Mas quanto a nossos sabichões, os novos espíritos, alegarem que somente a fé salva, nada contribuindo para isso as obras e coisas externas, respondemos que, na verdade, em nós, nada o faz senão a fé, conforme ainda ouviremos mais ao diante. Esses guias de cegos não querem ver, porém, que a fé precisa ter algo em que creia, isto é, algo a que se apegue e em que se firme e baseie. Assim a fé se apegue à água, crendo que é o batismo, em que há pura salvação e vida. Não pela água, como ficou dito suficientemente, mas porque está unido à palavra e ordem de Deus e por lhe estar aderido o seu nome. Agora, se creio isso, em que outra coisa creio senão em Deus, como aquele que deu e implantou sua palavra no batismo e nos propõe essa coisa externa, em que nos fosse possível apreender tal tesouro? Agora, essa gente é tão insensata, que separa uma da outra a fé e a coisa a que a fé adere e com a qual está ligada, muito embora seja algo de externo. Na verdade, deve e necessariamente tem de ser de natureza externa, para que se possa

captá-la e compreendê-la com os sentidos e a fim de que mediante isso se possa levá-la ao coração. Pois que o evangelho todo é pregação externa, oral. Em suma, tudo quanto Deus em nós faz e opera, ele o quer operar através de tal ordenação externa. Portanto, onde quer que ele fale, sim, seja qual for o rumo em que fale ou o meio pelo qual o faça, é para lá que deve olhar a fé e é com isso que se deve apegar. Agora, temos aqui as palavras: “Quem crer e for batizado será salvo.” A que se referem senão ao batismo, isto é, à água compreendida no mandamento de Deus? Segue-se, por conseguinte, que aquele que rejeita o batismo, rejeita a palavra de Deus, a fé e a Cristo, que a isso nos dirige e nos liga ao batismo.

Em terceiro lugar: conhecidas a grande utilidade e força do batismo, vejamos agora quem é a pessoa que recebe o que o batismo dá e qual o seu proveito. Isso uma vez mais está expresso da maneira mais bela e clara nestas exatas palavras: “Quem crer e for batizado será salvo!” Isto é, somente a fé torna a pessoa digna de receber com proveito a salutar e divina água. Pois, já que isso é oferecido e prometido aqui nas palavras na água e com a água, não pode ser recebido de outro modo senão o de crê-lo de coração. De nada aproveita sem a fé, ainda que em si mesmo é tesouro divino e inestimável. Razão por que a só palavra “quem crê” tanto pode, que exclui e rejeita todas as obras que possamos fazer com a intenção de mediante elas alcançar e merecer a salvação. Porque isso é coisa certa: o que não é fé nada contribui e nada recebe. Caso, porém, disserem, como soem fazer: Ora, o batismo é obra ele mesmo; agora, tu dizes que as obras nada valem para a salvação. Onde fica então a fé? A resposta é: Sim, as nossas obras, na verdade, nada fazem para a salvação; acontece, porém, que o batismo não é obra nossa, mas de Deus (pois, conforme dito, terás de fazer diferença muito grande entre o batismo de Cristo e o batismo do banheiro). As obras de Deus, entretanto, são salvadoras e necessárias para a salvação, e não excluem a fé, senão que a exigem, pois que sem a fé não poderiam ser apreendidas. Porque com permitires que te deem água, não recebeste e cumpriste o batismo de modo que te seja de alguma valia. Torna-se ele, entretanto, proveitoso para ti quando te fazes batizar na persuasão de que se trata de mandamento e ordenação de Deus, sendo feito, além disso, em nome de Deus, com a finalidade de na água receberes a prometida salvação. Agora isso não o pode realizar nem o punho nem o corpo; deve, isto sim, crê-lo o coração. Vês, portanto, claramente, que aí não há obra feita por nós, senão um tesouro que Deus nos dá e do

qual se apossa à fé, assim como o Cristo SENHOR na cruz não é obra, mas tesouro compreendido na palavra e apresentado a nós e recebido pela fé. Por conseguinte, fazem-nos violência ao clamarem contra nós como se pregássemos contra a fé, quando a verdade é que insistimos somente na fé, como de necessidade tal, que sem ela nada pode ser recebido e fruído.

Assim temos as três partes que é preciso saber com respeito a este sacramento. Especialmente, que se trata de ordenação de Deus, a qual se há de ter em toda a honra. Só isto já fora o bastante, posto seja coisa de todo externa. Dá-se o mesmo com o mandamento “honrarás pai e mãe”: refere-se apenas a carne e sangue corporais, mas aqui não se atenta na carne e no sangue, porém no mandamento de Deus, em que estão compreendidos e em razão do qual a carne se chama pai e mãe. Da mesma forma aqui. Embora mais não tivéssemos que estas palavras: "Ide e batizai": etc., ainda assim o teríamos de aceitar e fazer como ordenação divina. Mas acontece que temos não só o mandamento e a ordem, senão também a promessa. Razão por que é ainda muito mais glorioso do que tudo o mais preceituado e ordenado por Deus. Em suma, tão pleno está de consolo e graça, que céu e terra não o podem compreender. Mas para crer isso é preciso entendimento. Porque não há deficiência no tesouro, mas compreendê-lo e retê-lo com firmeza, eis onde existe carência. Por isso, quanto ao batismo, todo cristão tem matéria suficiente para aprender e exercitar-se a vida inteira, pois sempre tem o que fazer para crer convictamente o que ele promete e traz: vitória sobre o diabo e a morte, remissão dos pecados, a graça de Deus, o Cristo inteiro e o Espírito Santo com os seus dons.

Em suma, tão rica é a coisa, que a acanhada natureza, quando nela pondera, bem pode duvidar sobre se é possível que seja verdade. Pois considera um caso: se houvesse um médico que tivesse a ciência de fazer que os homens não morressem, ou então, ainda que morressem, fazer que depois vivessem eternamente, como não iria o mundo nevar e chover dinheiro, de modo que por causa da multidão de ricos ninguém mais conseguiria acesso! Agora, aqui no batismo, se traz, gratuitamente, à porta de todos um tal tesouro e uma medicina que traga a morte e mantém a todos os homens em vida. É assim que devemos considerar o batismo e no-lo tornar de proveito, para que, quando os pecados ou a consciência nos oprimem, nos fortaleçamos e consolemos

com isso, e digamos: "Todavia estou batizado; mas se estou batizado, então tenho a promessa de que serei salvo e terei a vida eterna de alma e corpo. Pois que é em vista disso que no batismo se fazem ambas essas coisas: que o corpo, o qual não pode captar outra coisa além da água, é asperso, e que, ademais, se pronuncia a palavra, a fim de que a alma também o possa captar.

Agora, como ambas, água e palavra, constituem um batismo. também ambos, corpo e alma, devem ser salvos e viver eternamente. A alma, pela palavra; em que crê; o corpo, entretanto, por estar unido com a alma e também apreender o batismo da maneira como lhe é possível. Não temos, por conseguinte, maior joia no corpo e na alma. Porque mediante ela nos tornamos inteiramente santos e bem-aventurados, o que nenhuma outra vida e obra na terra pode alcançar.

Baste isso no tocante à essência, ao proveito e ao uso do batismo, quanto neste lugar calha. Agora aqui ocorre uma questão com que o diabo, através de suas seitas, confunde o mundo, a saber, a questão do batismo infantil: se os infantes também creem, ou se é acertado batizá-los. Quanto a isso dizemos, brevemente: quem é simples desista da questão e a remeta aos doutos. Se, porém, queres dar uma resposta, então replica assim: Que o batismo infantil agrada a Cristo, prova-o suficientemente sua própria obra. A muitos dentre os que assim foram batizados, Deus os santificou e lhes deu o Espírito Santo. E ainda no dia de hoje muitos há nos quais se percebe que têm o Espírito Santo, tanto à vista de sua doutrina, como por causa de sua vida. Assim também nós outros foi dada pela graça de Deus a capacidade *de* podermos deveras interpretar a Escritura e conhecer a Cristo, o que não pode suceder sem o Espírito Santo. Agora, se Deus não aceitasse o batismo infantil, a nenhum deles daria o Espírito Santo, nem qualquer parte dele. Em suma, durante todo esse tempo, até o dia de hoje, homem nenhum no mundo poderia ter sido cristão. Visto, pois, que Deus confirma o batismo pela infusão de seu Espírito-Santo, conforme bem se percebe em alguns Pais, como São Bernardo, Gérson, João Hus e outros, e já que a santa igreja cristã não perece até o fim do mundo, têm de reconhecer que o batismo infantil agrada a Deus. Pois ele não pode estar em conflito consigo mesmo ou prestar auxílio à mentira e à patifaria, ou para tais fins conceder sua graça e seu Espírito. Essa é dentre todas as provas a melhor e mais forte para os simples e indoutos. Porque não se nos arrebatará nem derribará este artigo: "Creio uma santa igreja cristã, a congregação dos santos, etc."

Em seguida, dizemos ainda que, para nós, a coisa mais importante não é se aquele que é batizado crê ou não. Porque isso não invalida o batismo. Tudo depende, isto sim, da palavra e do mandamento de Deus. Agora, isso provavelmente é um tanto sutil, mas funda-se inteiramente no que disse: não ser o batismo outra coisa senão água e palavra de Deus, uma junto à outra e com a outra, isto é, quando a palavra acompanha a água, o batismo é válido, ainda que não haja fé. Pois minha fé não faz o batismo, porém recebe o batismo. Ora, ainda que recebido ou usado indevidamente, nem por isso o batismo se torna inválido, já que, conforme dito, está ligado não à nossa fé, mas à palavra. Porquanto, ainda que no dia de hoje um judeu viesse aí com astúcia e má intenção e nós o batizássemos com absoluta seriedade, deveríamos não obstante dizer que o batismo é válido. Pois que aí está a água e com ela a palavra de Deus, posto não o receba do modo como devera. Da mesma forma como os que vão ao sacramento indignamente, recebem o sacramento verdadeiro, conquanto não creiam.

Estás vendo, por conseguinte, que a objeção dos sectários nada vale. Pois que, conforme dissemos, embora não cressem os infantes - o que, todavia, não é o caso, como demonstramos -, não obstante seria válido o batismo, não devendo ninguém batizá-los novamente. Da mesma forma como não fica diminuído o sacramento, ainda que alguém se aproxime dele com mau propósito, e não seria de tolerar que por causa do abuso voltasse a comungar na mesma hora, como se antes não houvera recebido verdadeiramente o sacramento. Pois que isto seria blasfemar e profanar o sacramento em sumo grau. Como chegaríamos a pensar que a palavra e a ordenação de Deus são errôneas e nulas porque delas mal-usamos? Razão por que digo: se não creste, então crê agora e dize assim: "O batismo, sem dúvida, foi verdadeiro, mas eu, infelizmente, não o recebi da maneira devida., Porque eu mesmo e quantos se fazem batizar temos de falar assim diante de Deus: "Venho aqui em minha fé e também na dos outros; todavia não posso edificar sobre o fato de eu crer e muita gente por mim interceder; edifico, isto sim, sobre o fato de ser a tua palavra e ordem." Da mesma forma como participo do sacramento não baseado em minha fé, mas na palavra de Cristo. Quer seja forte, quer fraco, é coisa que encomendo a Deus. Uma coisa porém sei, e é que ele ordena que eu vá, coma, beba, etc., e que ele me faz dádiva de seu corpo e sangue. Isso não me mentirá nem me

enganará. Coisa idêntica fazemos no que concerne ao batismo infantil: levamos a criança ao batismo com o ânimo e na esperança de que ela creia, e rogamos que Deus lhe dê a fé. Não é, porém, à vista disso que a batizamos, mas unicamente porque Deus o ordenou. Por que isso? Por sabermos que Deus não mente. Eu, o próximo, enfim, todos os homens podemos errar e enganar, mas a palavra de Deus não pode errar.

São, por conseguinte, espíritos presunçosos e palermas os que inferem e concluem não poder ser verdadeiro o batismo onde não é verdadeira a fé. Exatamente como se eu quisesse concluir assim: Se eu não creio, segue-se que Cristo nada é. Ou assim: Se eu não sou obediente, deduz-se que nada são pai, mãe e governo. Acaso é acertado concluir que, se alguém não faz o que deve, a coisa em si mesma, por isso, nada será e nada valerá? Meu caro, inverte a coisa e conclui, ao contrário, assim: Precisamente porque se recebeu o batismo de maneira errônea, ele é algo e é verdadeiro. Porque se em si mesmo não fosse verdadeiro, dele não se poderia abusar e contra ele não se poderia pecar. Eis como se diz: *“Abusus non tollit, sed confirmat substantiam”*, “ abuso não suprime a substância, senão que a confirma.” Pois ouro continua ouro, ainda quando uma mulher da rua o traz com pecado e vergonha. Por isso, fique definitivamente estabelecido que o batismo sempre permanece válido e na plenitude de sua substância, mesmo se fosse batizado um só homem e esse ainda por cima não cresse verdadeiramente. Porque à ordenação e à palavra de Deus não as podem mudar ou alterar os homens. Esses entusiastas, porém, estão de tal maneira obcecados, que não veem a palavra e o mandamento de Deus, e no batismo e governo não divisam nada além de água no riacho e na panela, ou outro homem qualquer. E por não verem fé nenhuma e nenhuma obediência, querem que eles não têm outrossim valor em si mesmo. Aqui temos um diabo oculto e sedicioso, que gostaria de arrancar a coroa à autoridade, para que depois fosse pisada aos pés, e que, além disso, nos quisesa transtornar e destruir todas as obras e ordenações de Deus. Cumpre, por isso, estejamos vigilantes e armados, e não permitir que se nos aparte e desvie da palavra, a fim de o batismo não nos ser apenas um signo vazio, como sonham os entusiastas.

Por último, cumpre se saiba o que significa o batismo e por que Deus ordena precisamente tal signo e cerimônias externos para este sacramento, pelo qual primeiro somos recebidos na cristandade. A obra, porém, ou a cerimônia externa consiste em sermos submersos na água,

que nos cobre inteiramente, e em sermos depois tirados novamente. Essas duas partes, submergir na água e voltar a emergir, indicam o poder e o efeito do batismo, os quais outra coisa **não são que a mortificação do velho homem, e, depois, a ressurreição do novo homem**. Ambas devem continuar a suceder em nós ao longo de toda a nossa vida, por forma que vida cristã outra coisa não é que diário batismo, começado uma vez e sempre continuado. Porque é preciso que o pratiquemos sem cessar, a fim de varrer constantemente o que é do velho homem e surgir o que pertence ao novo. Mas o que vem a ser o velho homem? É o que nos é inato desde Adão: irado, odiento, invejoso, incasto, avaro, preguiçoso, soberbo, sim, incrédulo, pleno de todos os vícios, e nada de bom tem em si por natureza. Agora, quando entramos no reino de Cristo, essas coisas devem diminuir diariamente, de modo que com o passar do tempo nos tornemos cada vez mais brandos, pacientes e mansos, e liquidemos mais e mais a avareza, o ódio, a inveja, a soberba.

Esse é o verdadeiro uso do batismo entre os cristãos, indicado pela imersão na água. Agora, se tal não acontece, dando-se, pelo contrário, rédea solta ao velho homem, de modo que fique ainda mais forte, a isso não se chama fazer uso do batismo, porém resistir ao batismo. Pois aqueles que estão fora de Cristo, outra coisa não podem fazer senão tomar-se cada dia piores, como também diz o provérbio - e é a verdade: “Cada vez piores, e quanto mais tempo, tanto mais malvados.” Foi alguém há um ano soberbo e avaro, agora o é muito mais ainda, de forma tal que o vício cresce e progride com ele desde a mocidade. Uma criancinha não tem vício especial; mas quando cresce, torna-se impúdica e incasta; quando alcança a plena virilidade, surgem os verdadeiros vícios, desenvolvendo-se com o correr do tempo. Por isso o velho homem segue desenfreado de acordo com a sua natureza, quando não é contido e reprimido pelo poder do batismo. Por outro lado, onde homens se tornaram cristãos, diminui cotidianamente, até perecer de todo. Isto é entrar verdadeiramente no batismo e de novo sair diariamente. De sorte que o sinal externo é estabelecido não somente para operar de modo eficaz, mas ainda a fim de que signifique algo. Onde, pois, existe a fé com os seus frutos, aí não é vago símbolo, senão que o acompanha o efeito. Onde, porém, não existe fé, aí permanece mero sinal infrutífero. E aqui vê-se que o batismo, tanto por seu poder como por sua significação, também compreende o terceiro sacramento, que se chamou de penitência, o qual, propriamente, outra coisa não é

que o batismo. Pois que outra coisa significa penitência senão atacar o velho homem com seriedade e entrar em nova vida? Por isso, se vives na penitência, então andas no batismo, que não apenas significa essa vida nova, mas também a opera, inicia e promove. Porque nela se dão a graça, o Espírito e o poder para subjugar o velho homem, a fim de o novo surgir e se fortalecer. Por isso o batismo sempre permanece, e posto alguém dele caia e peque, todavia sempre temos acesso a ele, para de novo submeter o velho homem. Mas não é preciso que se torne a derramar água em nós. Pois, muito embora fôssemos imersos cem vezes em água, contudo não seria mais que um só batismo. O efeito e a significação, todavia, continuam e permanecem. Assim, o arrependimento outra coisa não é que um retorno ao batismo e aproximação dele, repetindo-se e praticando-se o que anteriormente se começou, havendo-o, porém, abandonado.

Digo isso para que não se chegue à opinião que por tempo dilatado nutrimos, imaginando que, depois de novamente caídos em pecado, o batismo estava invalidado, de modo que já não se podia fazer uso dele. Provém isso do fato de não se atentar na coisa senão segundo a obra que se realizou uma única vez. E isso, na verdade, se originou do fato de São Jerônimo haver escrito “ser a penitência a segunda tábua com que devemos nadar para fora e alcançar a praia depois de rachado o navio” no qual embarcamos e fazemos a travessia quando entramos na cristandade. Com isso fica abolido o uso do batismo, de forma que já de nada nos pode aproveitar. Razão por que é incorreta a sentença. Pois o barco não se rompe, visto que, conforme dito, é ordenação de Deus, não coisa nossa. Acontece, porém, na verdade, que nós escorregamos e caímos para fora do barco. Mas se alguém cai para fora, trate de nadar para o barco e apegar-se com ele, até que consiga voltar a bordo e prosseguir nele conforme antes começara.

Vê-se, destarte, quão grande e excelente coisa é o batismo, que nos arranca das fauces do diabo, nos torna propriedade de Deus, subjuga e tira o pecado, e depois fortalece diariamente o novo homem, e sempre opera, e permanece, até que desta miséria passemos à glória eterna. Por isso, considere cada qual o batismo como sua vestimenta cotidiana, em que sempre deve andar, para que todo o tempo se encontre na fé e em seus frutos, a fim de subjugar o velho homem e crescer no novo. Pois, se queremos ser cristãos, cumpre que exercitemos a obra pela qual nos tornamos cristãos. Se, todavia, alguém cair dela, a ela retorne. Porque

assim como Cristo, o trono da graça, não se afasta de nós nem nos impede de a ele voltarmos, ainda que pecamos, assim também permanece todo o seu tesouro e dom. Agora, assim como uma vez recebemos perdão dos pecados no batismo, assim continua todos os dias, enquanto vivemos, isto é, enquanto arrastamos conosco o velho homem,

DO SACRAMENTO DO ALTAR

Da mesma forma como ouvimos acerca do batismo, também devemos falar do segundo sacramento, a saber, das três partes: que é, que aproveita e quem deve recebê-lo. E tudo isso com fundamento nas palavras pelas quais foi instituído por Cristo. Cumpra-se a quem conhece todo aquele que quer ser cristão e participar desse sacramento. Pois aqueles que não sabem o que procuram no sacramento ou por que vêm a ele, não estamos dispostos a admiti-los e a lhes administrá-los. As palavras são as seguintes:

"Nosso SENHOR Jesus Cristo, na noite em que foi traído, tomou o pão, deu graças e o partiu e deu aos seus discípulos e disse: Tomai, comei, isto é o meu corpo, que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim. "Por semelhante modo, depois da ceia, tomou também o cálice, deu graças e lho deu e disse: Tomai e bebei dele todos. Este cálice é o novo testamento no meu sangue, que é derramado por vós, para remissão dos pecados. Fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim.

Também aqui não queremos agarrar-nos pelos cabelos e travar luta com os que blasfemam e profanam este sacramento. Queremos, isto sim, aprender, como no caso do batismo, em primeiro lugar o que mais importa, a saber, que o ponto cardinal é a palavra e a ordenação ou mandamento de Deus. Pois o sacramento do altar não foi excogitado ou inventado por homem algum, mas foi instituído por Cristo, sem conselho e deliberação de quem quer que fosse. Por isso é como no caso dos Dez Mandamentos, do Pai-Nosso e do Credo: retêm sua natureza e valor, posto jamais os cumpras, rezes ou creias. Da mesma forma também esse venerabilíssimo sacramento permanece inalterado, nada lhe sendo detraído ou tomado, mesmo que o usemos e celebremos indignamente. Pensas que Deus, considerando o que nós fazemos e cremos, permitiria que à vista disso fosse modificada a sua ordenação? Ora, até em todas as coisas mundanas tudo fica assim como Deus o

criou e ordenou, seja qual for a maneira como as usemos e tratemos. Isso devemos inculcá-lo continuamente. Pois com isso se pode rechaçar o palavrório de absolutamente todos os espíritos sectários, pois, sem atentarem na palavra de Deus, consideram os sacramentos como coisa que nós fazemos.

Que é, pois, o sacramento do altar? Resposta: é o verdadeiro corpo e sangue de Cristo SENHOR, em e sob o pão e o vinho, que a palavra de Cristo ordena a nós cristãos comer e beber. E assim como do batismo dissemos que não é simples água, assim também aqui dizemos: o sacramento é pão e vinho, mas não simples pão e vinho, como os que ordinariamente se põem na mesa, senão pão e vinho compreendidos na palavra de Deus e a ela ligados. É a palavra, digo, que faz e distingue esse sacramento, de sorte que não é nem se chama apenas pão e vinho, senão corpo e sangue de Cristi. Pois diz-se: “*Accedat verbum ad elementum et fit sacramentum*”; “quando a palavra se une à coisa externa, faz-se o sacramento.” Esta sentença de Santo Agostinho está formulada de maneira tão precisa e correta, que dificilmente terá dito outra melhor. A palavra tem de fazer do elemento um sacramento. Caso contrário, permanece simples elemento. Agora acontece que não se trata de palavra e ordenação de um príncipe ou imperador, mas de palavra e ordenação da excelsa Majestade, diante da qual todas as criaturas devem cair de joelhos e dizer sim, que a coisa é como ele diz, e aceitá-la com toda reverência, temor e humildade. Com essa palavra podes fortalecer a tua consciência e dizer: se cem mil demônios, juntamente, com todos os entusiastas, se adiantarem dizendo: “Como pode pão e vinho ser o corpo e o sangue de Cristo?”, etc., eu sei que todos os espíritos e eruditos reunidos não possuem tanta sabedoria quanta a divina Majestade tem no dedo mindinho. Agora aqui está a palavra de Cristo: “Tomai, comei, isto é o meu corpo”, “bebei dele todos, isto é o novo testamento no meu Sangue”, etc. Nisto ficamos, e queremos ver os que vão mestreá-lo e fazer a coisa diversa do que ele disse. É bem verdade: se apartas a palavra ou consideras a coisa sem a palavra, nada tens além de mero pão e vinho. Se, porém, as palavras ficarem com eles, como é devido e necessário, então é, conforme rezam, verdadeiramente o corpo e sangue de Cristo. Porque assim como fala e diz a boca de Cristo, assim é, pois ele não pode mentir nem enganar.

Daí agora é fácil responder a toda espécie de perguntas com que ora se atormentam os homens, como, por exemplo, esta: se também um mau

sacerdote pode administrar e dispensar, e outras coisas desse gênero. Porque aqui acertamos terminantemente: ainda que um patife receba ou distribua o sacramento, recebe o sacramento verdadeiro, isto é, o corpo e sangue de Cristo, tanto quanto o que mais dignamente o administre. Pois não se funda em santidade de homens, porém na palavra de Deus. E assim como nenhum santo na terra, sim, nenhum anjo no céu, do pão e vinho pode fazer o corpo e sangue de Cristo, da mesma forma ninguém pode outrossim alterar ou transformá-lo, posto fosse mal-usado. Porque em razão da pessoa ou da incredulidade não se torna falsa a palavra, pela qual veio a ser sacramento e foi instituído. Cristo não diz: “Se credes ou sois dignos, tendes o meu carne e sangue”, mas: “Tomai, comei e bebei, isto é o meu corpo e sangue”; Também: “Fazei isto” (a saber, o que ora faço, instituo, vos dou e ordeno tomar). Significa isto: “Quer sejas indigno, quer digno, aqui tens o seu corpo e sangue, em virtude dessas palavras que se juntam ao pão e vinho”, Atenta nisso e retém-no bem. Porque sobre essas palavras repousa todo o nosso fundamento, proteção e defesa contra todo erro e sedução, já vindos ou que ainda possam vir.

Assim temos, brevemente, a primeira parte, que diz respeito à essência desse sacramento. Considera agora ademais o poder e proveito em razão dos quais o sacramento foi propriamente instituído. Isso também é o mais necessário, a fim de sabermos o que nos cumpre nele procurar e buscar. Isso é claro e facilmente inteligido das palavras mencionadas: “Isto é o meu corpo e sangue, dado e derramado POR VÓS, para a remissão dos pecados.” Em poucas palavras, significa isto: vamos ao sacramento a fim de receber tal tesouro, por que e em que recebemos perdão dos pecados. Por que isso? Porque as palavras aí estão e no-lo concedem. Pois me ordena comer e beber, para que seja propriedade minha e me aproveite como seguro penhor e sinal, sim, como exatamente o próprio bem estabelecido para mim contra o meu pecado, a morte e toda desgraça.

Consequentemente, é com razão que se chama alimento da alma, que nutre e fortalece o novo homem. Pelo batismo primeiramente nascemos de novo. Todavia, como ficou dito, permanece no homem, não obstante, a velha pele, em forma de carne e sangue. São tantas as obstaculizações e acometidas do diabo e do mundo, que muita vez ficamos cansados e débeis, e vez que outra também claudicamos. Por isso o sacramento nos é dado para diária pastagem e alimentação, para que a fé se restaure e fortaleça, a fim de que nessa peleja não sofra revés, porém se faça

incessantemente mais vigorosa. Pois que a vida nova será de constituição tal, que cresça e progrida sem solução de continuidade. Terá de sofrer, entretanto, muita oposição. Pois o diabo é inimigo assim furioso: quando vê que lhe resistimos e atacamos o velho homem, e que ele não nos pode surpreender à força, então por todos os lados anda à solapa e rodeia, experimenta todas as artimanhas, e não desiste até cansar-nos afinal, de modo que ou renunciemos a fé ou desanimamos e nos tornamos apáticos ou impacientes. É para isso que é dado o consolo, a fim de que o coração busque aqui nova força e refrigério, quando sente que a coisa se lhe vai tornando demasiadamente pesada.

Aqui se contorcem uma vez mais os nossos engenhosos espíritos com sua grande erudição e sabedoria, esbravejando e vociferando: “Como pode o pão e o vinho perdoar o pecado ou fortalecer a fé?” Isso não obstante ouvirem e saberem que dizemos tal não respeito a pão e vinho, visto que pão, em si mesmo, é pão, mas daquele pão e vinho que são o corpo e sangue de Cristo e têm consigo as palavras. Isto, dizemos, e nenhum outro, deveras é o tesouro por que foi obtido tal perdão. Agora, de nenhum outro modo isso nos é trazido e apropriado senão nas palavras: “Dado e derramado por vós.” Porque nelas tens ambas as coisas: que é o corpo e sangue de Cristo e que te pertence como tesouro e presente. Ora, certamente não pode o corpo de Cristo ser coisa infrutífera, vã, que nada efetue nem aproveite. Todavia, por maior que seja o tesouro em si mesmo, deve ser compreendido na palavra e oferecido a nós; de outro modo não o poderemos conhecer nem buscar.

Por isso também não faz sentido dizerem que o corpo e sangue de Cristo na santa ceia não são dados e derramados por nós, e que por essa razão no sacramento não se pode receber perdão de pecados. Pois ainda que a obra se cumpriu na cruz e que na cruz foi obtido o perdão dos pecados, sem embargo não pode vir a nós de outro modo senão mediante a palavra. Porque, de outra maneira, como saberíamos que tal aconteceu ou que nos deve ser dado de presente, se não nos fosse anunciado mediante a pregação ou palavra oral? De onde é que o sabem ou como é que podem apreender o perdão e dele se apropriar, se não se atém à Escritura e ao evangelho e neles não creem? Ora, o evangelho todo e este artigo do Credo: “Creio uma santa igreja cristã, a remissão dos pecados”, etc, mediante a palavra foram incorporados neste sacramento e apresentados a nós. Por que haveríamos de permitir que se arranque dos sacramento esse tesouro, quando eles têm de confessar tratar-se das

mesmas palavras que ouvimos por toda a parte no evangelho? E lhes é tão pouco possível dizer que essas palavras no sacramento não têm proveito, quão pouco ousam afirmar que o evangelho inteiro ou a palavra de Deus fora do sacramento de nenhum proveito é.

Temos assim, todo o sacramento, tanto o que é em si mesmo, como o que traz e aproveita. Agora cumpre vejamos qual a pessoa que recebe esse poder e proveito. É, em palavras bem sumárias, conforme ficou dito acima, no batismo, e em muitos outros lugares, aquele que crê conforme rezam as palavras e o que trazem. Pois não são ditas ou proclamadas a pedras e paus, mas àqueles que as ouvem. A esses diz: “Tomai e comei”, etc. E como oferece e promete perdão dos pecados, não pode ser recebido de outra maneira senão pela fé. Essa fé exige-a ele mesmo na palavra, ao dizer: “Dado POR VÓS” e “derramado “POR VÓS” É como se dissesse: “Eu o dou e vos ordeno que comais e bebais, para que o tomeis como coisa vossa e o desfruteis” Agora, quem disso toma boa nota e o crê verdadeiro, esse o tem; aquele, porém, que não crê, nada tem, pois deixa que se lho apresente em vão e não quer fruir desse bem salutar. O tesouro, na verdade, está aberto e é colocado à porta de todos; mais: é posto sobre a mesa. Todavia, cumpre também que dele te apropries e com certeza o consideres como sendo aquilo que as palavras indicam.

Eis o em que consiste toda a preparação cristã para receber este sacramento

de maneira digna. Pois visto que esse tesouro é apresentado totalmente nas palavras, não se pode apreendê-lo e dele tomar posse de outra maneira senão pelo coração. Porque com o punho não se tomará esse presente e tesouro eterno. Jejuar, rezar, etc. certamente podem ser preparação externa e exercício para crianças, a fim de que o corpo se mantenha e comporte decentemente e com reverência para com o corpo e sangue de Cristo. Mas aquilo que é dado no sacramento e com ele, não o pode apreender nem apropriar a si o corpo. Isso é feito pela fé do coração, que discerne esse tesouro e o deseja. O que ficou dito baste quanto ao necessário para a instrução ordinária sobre esse sacramento. O mais que a respeito importa dizer, cabe fazê-lo em outra ocasião.

Em conclusão, agora que temos a reta compreensão e a doutrina desse sacramento bem se fazem necessárias, outrossim, uma exortação e animação no sentido de que não se deixe passar em vão esse grande tesouro, que entre os cristãos diariamente se administra e distribui. Isto

é, os que querem ser cristãos deveriam preparar-se para receber frequentes vezes o mui venerável sacramento. Pois vemos que é de fato relaxada e negligente a atitude nesse respeito. E é grande a multidão dos que ouvem o evangelho e que, depois que foi abolida a brincalhotice papal e estamos libertos de sua coerção e mandamento, seguem por um, dois, três anos ou mais sem sacramento, como se fossem cristãos de vigor tamanho, que dele não precisassem. E alguns se deixam tolher e intimidar quanto ao uso do sacramento por havermos ensinado que ninguém dele se aproxime à exceção dos que sintam fome e sede que os impulsionem.

Outros pretextam que é matéria livre, não necessária, e que é o bastante crerem de resto. E destarte a maioria chega a embrutecer-se de todo e a desprezar, afinal, tanto o sacramento como a palavra de Deus. Agora, é verdade o que dissemos: que de modo nenhum se deve compelir ou coagir alguém, para que não se cometa novo assassinio de almas. Cumpre se saiba, todavia, que não devemos considerar cristãos a pessoas que por tempo tão dilatado se ausentam e abstêm do sacramento. Porque Cristo não o instituiu para que o tratássemos como espetáculo, senão que ordenou aos seus cristãos que o comessem e bebessem e o fizessem em memória dele.

E, deveras, os que são cristãos verdadeiros e têm o sacramento em alto apreço, por certo vão animar e impelir-se a si mesmos. Todavia, a fim de que os simples e fracos, que também gostariam de ser cristãos, fiquem tanto mais estimulados a refletir sobre a razão e necessidade que os deveram impelir, vamos falar um pouco a esse respeito. Pois assim como em outras coisas pertinentes à fé, ao amor e à paciência não basta apenas ensinar e instruir, senão que é necessário, outrossim, admoestar diariamente, assim também aqui é mister que se insista em pregar, para que as pessoas não fiquem indolentes e aborrecidas, porque sabemos e sentimos como o diabo continuamente se opõe a esse e aos demais exercícios cristãos e deles afugenta o quanto pode.

E aqui temos, primeiramente, o claro texto nas palavras de Cristo: “FAZEI ISTO em memória de mim.” São palavras que nos preceituam e ordenam algo. Por elas fica imposto aos que querem ser cristãos o dever de fruírem o sacramento. Por isso, quem quer ser discípulo de Cristo - e é com eles que aqui fala -, pense e mantenha-se nisso, não por coação, como se impelido por homens, mas para obedecer e agradar ao

Cristo Senhor. Objetas, porém: Estão adicionadas as palavras: "Todas as vezes que o fizerdes"; aí por certo a ninguém compele, senão que o deixa ao livre arbítrio. Resposta: É verdade; mas não está escrito que jamais o façamos. Na verdade, exatamente porque diz as palavras: "todas as vezes que o fizerdes": fica incluído que devemos fazê-lo muitas vezes. E são adicionadas porque ele quer o sacramento livre, não preso a determinado tempo, como o cordeiro pascal dos judeus, cordeiro que podiam comer uma única vez por ano, e precisamente aos catorze dias do primeiro plenilúnio, no crepúsculo da tarde; e disso não podiam passar um dia que fosse. É como se Cristo quisesse dizer com isso: "Eu vos instituo uma páscoa ou ceia da qual não fruireis apenas uma vez ao ano, exatamente nesta noite, senão muitas vezes, quando e onde quiserdes, de acordo com a oportunidade e precisão de cada qual, não preso a nenhum lugar ou tempo determinados. Posteriormente, é verdade, o papa inverteu a coisa, voltando a transformá-la em festa judaica. Destarte vêes que a liberdade concedida não o é no sentido de que nos seja permitido desprezar o sacramento. Quando, não havendo impedimento, se deixa passar longo tempo sem, contudo, nunca desejar a ceia, é a isso que chamo desprezar. Se essa é a liberdade que desejas ter, é melhor que tomes de uma vez a liberdade de não ser cristão e não precisar crer nem rezar. Porque isso é mandamento de Cristo tanto quanto aquilo. Se, porém, queres ser cristão, cumpre que satisfaças e obedeças a esse preceito pelo menos de quando em quando. Pois esse mandamento devera sem falta mover-te a caíres em ti e a pensares: "Que espécie de cristão sou eu, afinal? Se o fosse, pelo menos anelaria um pouco por aquilo que meu Senhor ordenou fazer." E, na verdade, como tomamos atitude tão negativa para com o sacramento, bem se percebe que classe de cristãos fomos sob o papado: tais que iam ao sacramento meramente por coação e medo de preceito humano, sem desejo e amor, e sem jamais atentar no mandamento de Cristo. Nós outros, entretanto, a ninguém obrigamos nem empurramos; e ninguém precisa fazê-lo para servir ou agradar a nós. O que te deve animar, porém, e até obrigar, é o fato de ele o querer e o fato de lhe ser agradável. Não devemos permitir que homens nos obriguem a crer ou a praticar qualquer boa obra. Nada fazemos além de dizer e exortar quanto ao que te cumpre fazer, não por nossa causa, mas por tua. Ele te atrai e anima; se é vontade tua não fazer caso disso, responde pessoalmente pela atitude.

Essa deve ser a primeira coisa, especialmente para os frios e relaxados, a fim de que reflitam sobre si e a si mesmos despertem. Sem dúvida é verdade, como eu o experimentei nitidamente em meu próprio caso, e como cada qual verá em seu caso: quando nos privamos assim do sacramento, dia a dia nos tornamos mais insensíveis e frios, acabando por desprezá-lo de todo. Para obviar isso, cumpre que sem falta nos consultemos a nós mesmos de coração e consciência e nos comportemos como pessoa que muito quisera estar de bem com Deus. Quanto mais tal acontece, tanto mais é aquecido e abrasado o coração, e assim não esfriará completamente. Mas talvez digas: “E como fica a coisa se sinto que não estou preparado?” Resposta: Essa também é a minha tentação, herdada especialmente da antiga situação sob o papado, em que a gente se torturava tanto, para ser inteiramente pura, de modo que Deus não encontrasse em nós a mais leve mácula. Com isso chegamos a ser de tal maneira tímidos, que cada qual imediatamente se apavorava e dizia consigo: “Ai de mim! Não sou digno.” Pois aqui a natureza e a razão principiam a cotejar nossa indignidade com o grande e precioso bem. Aí então aquela parece lanterna escura em contraste com o resplandecente sol, ou como esterco quando confrontado com pedras preciosas. E por ver isso, não quer aproximar-se do sacramento e espera até que esteja preparada; tanto tempo, que uma semana se segue a outra e um semestre a outro. Mas se queres atentar em quão piedoso e puro és e diligenciar por não sentires remorsos, nesse caso jamais podes chegar-te ao sacramento.

Consequentemente, deve distinguir-se aqui entre as pessoas. Aos insolentes e asselvajados cumpre dizer que se abstenham do sacramento, pois não estão preparados para receber a remissão dos pecados, já que não a desejam e não gostam de ser justos. Os outros, entretanto, que não são pessoas rudes e dissolutas assim e gostariam de ser justas, não devem afastar-se do sacramento, muito embora de resto sejam débeis e frágeis. Assim também disse Santo Hilário: “Se um pecado não é de natureza tal; que se possa com razão excluir a pessoa da congregação e considerá-la como não-cristã, não deve a gente abster-se do sacramento': a fim de não se privar da vida. Pois ninguém chegará tão longe, que não conserve muitas fragilidades cotidianas na carne e no sangue.

Por isso deve essa gente aprender que a máxima sabedoria é saber que nosso sacramento não se fundamenta em nossa dignidade, pois não nos

batizamos como tais que sejam dignos e santos; nem nos confessamos como se fôssemos puros e sem pecado; mas, ao contrário, como pobres e míseros homens, e precisamente por sermos indignos. A menos que se trate de alguém que não deseja graça e absolvição e não tem a intenção de corrigir-se. Aquele, porém, que gostaria de alcançar graça e consolo, deve impelir a si mesmo e a ninguém permitir que o intimide. Falará assim: “Muito quisera ser digno, mas não venho baseado em dignidade, porém firmado em tua palavra, porque tu o ordenaste; e venho como alguém que gostaria de ser teu discípulo; minha dignidade que fique onde puder.” Isso, todavia, é difícil; porque sempre nos obstaculiza e embaraça o fato de atentarmos mais em nós próprios do que na palavra e na boca de Cristo. A natureza gostaria de proceder de modo que pudesse apoiar e firmar-se com segurança em si mesma; em caso contrário, não se quer achegar. Baste isso quanto ao primeiro ponto. Em segundo lugar, também há, além do mandamento, uma promessa, conforme já ouvimos acima, promessa que nos deve incitar e impelir da. Maneira mais vigorosa. Pois aí estão as bondosas e amáveis palavras: “Isto é o meu corpo, dado POR VÓS”, “isto é o meu sangue, derramado POR VÓS para remissão dos pecados.” Essas palavras, disse eu, não são pregadas a paus ou pedras, senão a mim e a ti; do-contrário, poderia Cristo igualmente bem silenciar e não instituir sacramento algum. Reflete, portanto, e coloca-te também no “VÓS”, a fim de que ele não fale em vão contigo. Porque aí nos oferece todo o tesouro que para nós trouxe do céu e ao qual também nos atrai da maneira mais afável alhures. Assim, por exemplo, ao dizer, em Mateus 11: “Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.” Ora, sem dúvida é pecado e vergonha o fato de, quando ele nos convoca e exorta, de maneira tão cordial e fiel, ao mais elevado e melhor dos nossos bens, nós assumirmos postura de tanto alheamento e seguirmos nessa atitude até ficarmos totalmente frios e endurecidos, de modo que já não sintamos qualquer desejo e amor com respeito ao sacramento. De forma nenhuma se há de considerar o sacramento como se fosse coisa prejudicial, da qual cumprisse fugir, mas como medicina inteiramente salutar e consoladora, que te ajuda e te dá a vida, tanto na alma quanto no corpo. Porque onde está restaurada a alma, aí também está auxiliado o corpo. Por que então essa nossa atitude como se se tratasse de veneno em que a gente comesse a morte para si mesma?

É certo que aqueles que desprezam o sacramento e vivem de maneira não cristã o recebem para seu prejuízo e condenação. Pois para tais

peessoas nada será bom e salutar, tão pouco quanto para um enfermo que por capricho coma e beba o que o médico lhe proibiu. Aqueles, porém, que sentem sua fraqueza, e dela gostariam de ver-se livres, e desejam auxílio, cumpre-lhes que considerem e utilizem o sacramento unicamente como precioso antídoto contra o veneno que têm consigo. Pois aqui deves receber, no sacramento, perdão dos pecados da boca de Cristo, perdão que encerra em si e traz consigo a graça e o Espírito de Deus, juntamente com todos os seus dons, proteção, defesa e poder contra a morte e o diabo e toda desgraça. Tens, assim, da parte de Deus, tanto o preceito como a promessa do Cristo Senhor. Ademais, deveria impelir-te, por causa de ti mesmo, a tua própria necessidade, que te pesa na cerviz e constitui a razão desse mandar, atrair e prometer. Pois o próprio Cristo diz: “Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes” quer dizer, os que estão cansados e sobrecarregados com o pecado, o medo da morte e as tentações da carne e do diabo. Por conseguinte, se estás sobrecarregado e sentes a tua fragilidade, então vai alegremente ao sacramento e recebe refrigério, consolo e vigor. Porque se queres esperar até que estejas livre de tais coisas, a fim de chegares puro e digno ao sacramento, então terás de abster-te para sempre. Neste caso Cristo pronuncia a sentença, dizendo: “Se és puro e probo, então não necessitas de mim, e eu, por outro lado, não preciso de ti.” Razão por que são chamados indignos apenas aqueles que não sentem os seus defeitos e não querem ser tidos na conta de pecadores.

Talvez digas: "Como é que me vou ajudar então se não posso sentir tal necessidade e não consigo experimentar fome e sede do sacramento?" Resposta: Aos que estão em tal estado mental, que não sintam isso, para esses não conheço melhor conselho do que o de que entrem em si mesmos e vejam se também têm carne e sangue. Quando então vires que os tens, abre, para o teu próprio bem, a Epístola de S. Paulo aos Gálatas e ouve que espécie de frutinha a tua carne é: “Ora, as obras da carne são conhecidas”, diz ele, “e são: adultério, prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizade, porfia? ciúme, ira, discórdia, dissensão, facções, ódio, homicídio, bebedice, glotonaria, e coisas semelhantes a estas.” Por isso, se não o podes sentir, então crê na Escritura; ela não te mentirá, visto conhecer a tua carne melhor que tu mesmo. Em Romanos 7, São Paulo, na verdade, conclui ainda mais amplamente: “Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum.” Se São Paulo ousa dizer isso de sua carne, não vamos nós querer ser melhores nem mais santos. Mas que não o sintamos, isso é tanto pior. Pois é sinal de que se trata de carne leprosa,

que nada sente e contudo raiva e vai circunroendo. Todavia, conforme dito, se estás assim totalmente morto, então crê na Escritura, que pronuncia essa sentença sobre ti. E em suma: quanto menos sentes o teu pecado e a tua imperfeição, tanto mais razão tens para ir ao sacramento e procurar ajuda e remédio.

Em segundo lugar, olha em derredor, para ver se também estás no mundo; ou, se não o sabes, pergunta o vizinho a respeito. Se estás no mundo, não penses que vai haver carência em matéria de pecados e necessidade. Pois principia tão-só a comportar-te como se quisesse tornar-te piedoso e seguir o evangelho, e então observa se ninguém se vai tornar teu inimigo, fazendo-te, além disso, dano, injustiça e violência, e, mais, dando-te causa para pecado e maldade. Se não o experimentaste, então permite que te diga a Escritura, que por toda a parte dá ao mundo tal louvor e testemunho. Além disso, na verdade também terás ao teu redor o diabo, que não conseguirás subjugar inteiramente, porque até mesmo nosso SENHOR Cristo não o pôde evitar. Agora, que é o diabo? Não é senão mentiroso e homicida, como lhe chama a Escritura. Mentiroso, que seduz o coração desviando-o da palavra de Deus e cegando-o, afim de que não sintas a tua necessidade, nem possas vir a Cristo. Homicida que não te consente por uma hora sequer a vida. Se visses quantas facas, lanças e flechas te alvejam a todo instante, alegremente irias ao sacramento quantas vezes te fosse possível. Mas o andarmos tão seguros e descuidados é coisa que se deve exclusivamente ao fato de não refletirmos nem crermos que estamos na carne e no mundo mau, ou sob o reino do diabo.

Por conseguinte, experimenta e exercita isso bem e entra em ti mesmo ou olha um pouco ao redor e atém-te à Escritura. Se mesmo então nada sentes, tanto maior é a tua necessidade de te lamentares, junto a Deus e ao teu irmão. Toma conselho e pede orações por ti, e não desistas até que a pedra esteja removida de teu coração. Então ficará bem manifesta a necessidade e perceberás que a fundura em que estás é duas vezes a de outro pobre pecador e que necessitas muito mais ainda do sacramento contra a miséria que infelizmente não vês, posto Deus conceda a sua graça, para que o sintas mais e tenhas cada vez mais fome do sacramento, especialmente porque o diabo tanto te acossa e te persegue sem quebra, para apanhar-te e destruir-te de alma e corpo, de sorte que nem sequer por uma hora podes estar seguro contra ele. Quão

logo poderia precipitar-te repentinamente em miséria e necessidade, quando menos o esperas.

Fique, pois, dito isso como exortação, não só para os que somos velhos e crescidos, mas também para gente moça, que cumpre educar na doutrina e compreensão cristãs. Pois dessa maneira poder-se-ia tanto mais facilmente infundir na juventude os Dez Mandamentos, o Credo e o Pai Nosso, de modo que os entrasse com prazer e seriedade, e destarte se exercitassem e acostumassem desde a mocidade. Pois quanto aos velhos o caso está mais ou menos perdidos, de forma que não se podem conservar estas e outras coisas, a menos que eduquemos a gente que deve vir depois de nós e suceder-nos em nosso ofício e obra, a fim de que por sua vez eduquem exitosamente os seus filhos, para que a palavra de Deus e a cristandade sejam conservadas. Consequentemente, saiba todo pai de família ser seu dever, por ordem e mandamento de Deus, ensinar a seus filhos ou fazer que se lhes ensine o que lhes cumpre saber. Pois, já que foram batizados e recebidos na cristandade, também devem fruir essa comunhão do sacramento, a fim de que nos possam servir e ser úteis. Pois todos eles têm de ajudar-nos a crer, amar, orar e lutar contra o diabo.